

Revista Unigrade

Revista Científica
Multidisciplinar

revista.uniandrade.br



V. 23, jan - dez 2022

ISSN 1519-5694

Centro Universitário Campos de Andrade
R. João Scuissiato, 001 - Santa Quiteria, Curitiba, PR
Brasil

Revista Uniandrade, v. 23 (2022)

Janeiro a dezembro de 2022 (publicação contínua), volume 23.
Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE
ISSN 1519-5694

Editor-Chefe

Dr. Denis Pereira Martins, Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil.

Editora Adjunta

Msc. Larissa Barbosa de Paula, Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil.

Editoras Executivas

Esp. Denize Moura Dias de Lucena, Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil.

Ketlyn Ribeiro Liberato, Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil.

Conselho Editorial

Dra. Alessandra Tetzlaff, Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil.

Prof. Dr. Denecir de Almeida Dutra, Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil.

Dr. Eduardo Borba, Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Curitiba, Paraná, Brasil.

Prof. Dr. Thiago Perez Bernardes de Moraes, Universidad Argentina John Fitzgerald Kennedy (UK) / Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil.

Equipe de Tradutores e Revisores

Msc. Ariadne Patricia Nunes, Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil.

Msc. Daniel Augusto Zanella, Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil.

Esp. Denize Moura Dias de Lucena, Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, Brasil (UNIANDRADE).

Msc. Fernanda Eméri Mokfa Matitz, Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil.

Ketlyn Ribeiro Liberato, Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, Brasil (UNIANDRADE).

Msc. Patricia Teresinha Correa Fiori Manfré, Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). Curitiba, Paraná, Brasil

Endereço

Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE
Núcleo de Desenvolvimento Institucional
Campus Cidade Universitária
R. João Scuissiato, 001
Bairro Santa Quitéria, Curitiba, Paraná.
E-mail: revista.uniandrade@uniandrade.edu.br
<https://revista.uniandrade.br/index.php/revistauniandrade/index>

Revista Uniandrade / Denis Pereira Martins – v. 23, jan - dez.2022.
Curitiba: UNIANDRADE, 2022

Publicação Continua
ISSN 1519-5694

Revista Científica Multidisciplinar – Periódicos
Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE



Publicação Contínua (PC)

A partir do Volume 23 (2022)

A Revista Uniandrade adota a partir 2022 a modalidade de Publicação Contínua (PC). Deste modo, os artigos serão publicados em um único volume anual, sem a necessidade de esperar a composição completa dos fascículos. Não haverá mais necessidade de se fechar um número quadrimestral (periodicidade adotada anteriormente pela Revista). Ampliando o Escopo da Revista para acompanhar o progresso, a revista deixou de ser exclusivamente voltada às ciências da saúde e áreas afins. Agora, é uma publicação multidisciplinar que abrange as Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia. Estas alterações visam dar maior visibilidade a revista e aos trabalhos publicados por meio de citações, bem como, otimizar as práticas de publicação. Além disso, a publicação de trabalhos multidisciplinares objetiva promover discussões mais amplas e estimular reflexões sobre questões sociais, ambientais, tecnológicas e sustentáveis relacionadas a essas áreas do conhecimento.

Esclarecemos que todo o processo de submissão e de avaliação permanecerá o mesmo, apenas as publicações que serão agilizadas. As publicações serão organizadas em um volume único anual, sem causar comprometimento a qualidade dos artigos.

Atenciosamente,

Equipe Editorial



ANALISE DOS ASPECTOS SOCIAIS DA OBRA: BULA PARA UMA VIDA INADEQUADA DE YURI AL'HANATI

ANALYSIS OF THE WORK'S SOCIAL ASPECTS: PACKAGE INSERT FOR NA INADEQUATE LIFE BY YURI AL'HANATI

Dinair Iolanda da Silva Natal.¹
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alcaraz.²

FILIAÇÃO: Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE

¹ Discente do Curso de doutorado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, Curitiba, Brasil.

² Docente do curso de doutorado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade, – UNIANDRADE, Curitiba, Brasil.

E-mail: dinair.natal@unespar.edu.br

RESUMO

Neste trabalho é um estudo da obra *Bula para uma vida inadequada* (2019), de Yuri Al'Hanati. Com foco principal a acerca das possibilidades dos aspectos sociais do conceito de “Excedente de visão” no processo de produção estética do teórico Bakhtin. Discutiremos também o conceito de autoficção, um dos elementos construtores de crônicas. Esses dois conceitos, deixam um esboço da filosofia do estranhamento interligados pela perspectiva individualista que trabalha na constituição do sujeito e da própria linguagem que celebra a solidão. O objetivo nas crônicas, serão dar os acabamentos, que trazem o necessário ao eu, e o adequar em sua condição social, que age de acordo com suas convicções, sejam elas verdadeiras ou falsas. A estética nos discursos desta obra de Al'Hanati constroem cenas que estão totalmente povoados de discursos entre a vontade de estar só, e são construídas através de observação, do estar junto, de maneira direta ou indireta.

Palavras-chave: Crônica. Yuri Al' Hanati. Excedente de Visão. Bakhtin. Estética.

ABSTRACT

This work is a study of the book "*Bula para uma vida inadequada*" (2019) by Yuri Al' Hanati. With a focus on the social aspects of the concept of "Excess of Vision" in the aesthetic production process of the theorist Bakhtin. We will also discuss the concept of autofiction, one of the constructing elements of chronicles. These two concepts provide an outline of the philosophy of estrangement intertwined by the individualistic perspective that works in the constitution of the subject and the language itself that celebrates solitude. The objective in the chronicles is to provide the necessary finishing touches that are suitable for the self and align with it social condition, which acts according to its convictions, whether true or false. The aesthetics in the discourses of Al' Hanati's work construct scenes that are entirely populated by discourses between the desire to be alone and are built through observation, being together, whether directly or indirectly.

Keywords: Chronicle. Yuri Al' Hanati. Excess of Vision. Bakhtin. Aesthetics.



1. INTRODUÇÃO

Este artigo mobiliza as crônicas da obra *Bula de uma vida inadequada*, do autor Yuri Al'Hanati, durante o ano de 2021, quando ficou entre os cinco finalistas do prêmio Jabuti, nascido em 1986, na Praia Brava distrito de Angra dos Reis - Rio de Janeiro, era bisneto de Silvano Solomon Alhanati, um judeu poliglota, que saiu da Grécia e chegou no Rio de Janeiro em meados dos anos 20. Hoje aos 35 anos, Yuri vive em Curitiba desde de 2004. Mais recentemente seu interesse inclui escrever para o portal A Escotilha, é crítico literário e criador do Portal Livrada desde 2010, sommelier, cartunista, baixista de uma banda e um cronista que sabe dominar com perfeição o que observa de sua janela do seu quarto, um pequeno panorama no último andar do prédio, e também desenvolve inspirações ao realizar viagens, explorando países, como: Stambul, Belgica, Jonesburgo, Riga e Moscou, nesta perspectiva ao considerar os aspectos sociais dos indivíduos. Para Bakhtin um estudo sobre os valores dos indivíduos:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2011, p. 23).

Esse estudo, mencionado por Bakhtin, se refere a um processo de criação estética os valores dos aspectos sociais, ao considerar a pesquisa em ciências humanas. Onde o pesquisador observador se coloca no lugar do outro dentro de sua própria visão. Mesmo sendo limitado a uma única visão, busca em cada indivíduo seus limites. Segundo o autor Yuri, quando mais jovem, mencionou que possuía uma certa dificuldade em algumas escritas, explanou em uma entrevista para a *youtuber* Tamy: “após algumas tentativas de escrita de ficção Al'Hanati, quando mais jovem, parecia estranho e não era natural. Por sua vez a crônica lhe dava uma abertura maior. Uma

narrativa que compreende o estranhamento do mundo desde a minha casa” (AL'Hanati, 2019).

A *Bula de uma vida inadequada* é uma coletânea que reúne crônicas que já foram publicadas no portal A Escotilha, que tiveram seu início no mês de abril de 2015 a fevereiro de 2019. O autor Yuri Al'Hanati manteve-se na coluna de crônicas semanais. Ao pesquisar sua obra houve um recorte, deixou-se na pesquisa apenas as crônicas que são inéditas, as crônicas do regresso como; “Natal na fazenda”, “O som do silêncio”, “Quando eu era o inferno”, “A sinédoque da soneca”, “Beber a própria solidão”, “Janela para o real” e “Distância”. Essas sete crônicas em especial se baseou na temática de tipos de inadequação, tipos de solitário com estranhamento da família, do mundo, aos tipos de aspectos sociais. O termo aspectos sociais no conceito de “Excedente de visão”, na obra de *Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975)*, em sua obra, *Estética da Criação Verbal*:

A utilização negativa dos elementos transcendentais, isto é, do excedente de visão, de conhecimento e de valores, tal como é praticada na sátira e no cômico (não no humorismo, claro), é condicionada pelo peso excepcional que uma vida confere, em seu interior, aos seus valores (moral, social, etc.) e pela diminuição do peso (até mesmo a desvalorização total) de valores dado à exotopia, [...]. (BAKHTIN, 2011, p. 218).

A pesquisa permite pensar que podemos perceber através desse conceito à exotopia, a abertura do olhar do autor a partir de um lugar expiatório, pode realizar o excedente de visão e ser referente à interação social ativa e responder de forma negativa ou positiva dos participantes que a constituem, e o eu por meio do olhar do outro, assim, para Bakhtin:

[...] pela perda de tudo o que fundamentava e firmava a posição exotópica e, conseqüentemente, do que fundamentava a exterioridade da vida fora do sentido; essa exotopia situada fora do sentido torna-se absurda e recebe uma forma negativa no que tange ao sentido possível, não estético (num processo positivo de acabamento, a exterioridade fundamentada fora do sentido adquire valor estético), torna-se uma força que



desmascara. (BAKHTIN, 2011, p. 218).

Um lugar privilegiado que impulsiona o que vê o lugar do outro. Por oportuno, e aparentemente julgar que, na concepção de Bakhtin (1990), trata-se uma narrativa autobiográfica, assim, discutiremos também o conceito de autobiografia da obra do autor Phelippe Lejeune, *O pacto autobiográfico. De Rousseau à internet* (2014), Lejeune vem, atraindo para as diversas manifestações na intenção de honrar a assinatura:

Uma ficção autobiográfica pode ser “exata – o personagem se parece com o autor – e uma autobiografia pode ser “inexata” – o personagem apresentado difere do autor. Essas são questões de fato (deixemos de lado a questão de saber quem irá julgar quanto a essa semelhança e como) que não influem nas questões de direito, ou seja, no tipo de contrato estabelecido entre o autor e o leitor. (LEJEUNE, 2014, p. 31).

Um dos elementos do construtor de crônicas, é a importância do contrato determinado pelo leitor, com excedente de visão e conhecimento, exige dois conceitos, deixam um esboço da filosofia do estranhamento interligados pela perspectiva individualista que constitui o sujeito a sua própria visão. Se a autobiografia não se trata de um mero discurso direto do escritor sobre si mesmo, que procura as rupturas do contrato, ao escrever uma autobiografia e ficção, o autor precisa se deslocar, se posicionar do lado externo dos limites da verdade e tornar-se um observador e participante em relação a si próprio, e necessita olhar-se com um certo excedente de visão no aspecto social, “numa concepção social da humanidade, o que constitui o centro dos valores são os valores sociais e, acima de tudo, familiares [...], que organizam a vida privada e familiar em seu dia a dia, em seus pormenores rotineiros, cotidianos (o comum e não o incomum)” (BAKHTIN, 2011, p. 175).

2. UM MÉTODO QUE SE DEFINE PELA NEGAÇÃO

Uma crônica segundo o Antônio Candido (2003), ela se ajusta às sensibilidades

do dia a dia ao elaborar uma linguagem que conversa de perto com o nosso modo de ser mais natural. Mas antes de chegar implica dizer que Al'Hanati cria novos sentidos a partir de sua visão de mundo. Segundo Luís Henrique Pellanda o cronista Al'Hanati, mostra-se um escritor que “se move e se atocaia” ao julgar seu livro de estreia:

Estamos falando de um cronista que se define pela negação. De sua janela, no último andar de um edifício isolado em Curitiba, o autor simplesmente constata, sem descambar para o cinismo, que ‘tem uma vista’. Ou melhor, que tudo que tem é esta ‘vista impessoal’, onde nada está sob sua influência, onde nada se move em sua direção, a não ser a tempestade e um outro trem obsoleto. (PELLANDA citado em AL'HANATI, 2019, p. 8).

Cabe ainda destacar que Pellanda o denomina como um escritor que escreve sobre seu mal-estar, um autor que nada ao seu redor. O caracteriza pela busca do interior de si mesmo ao fechar a janela de seu quarto. Segundo João Wanderley Geraldí, o outro tem “uma experiência de mim que eu próprio não tenho, mas que posso, por meu turno, ter a respeito dele.” (2003, p.16) Enquanto para Bakhtin traz a observação que é no excedente de minha visão, quando correlaciona com o outro, instaurando em uma esfera particular das minhas próprias atividades, justifica-se um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso interpretar a respeito da visão do outro e que se completam justamente onde não pode completar.

Isso acontece por oportuno, e aparentemente julgar que na concepção de Bakhtin (1990), uma narrativa autobiográfica exige um autor criador com excedente de visão que se desenvolve, exige duas consciências não coincidentes. Se a autobiografia não se trata de um mero discurso direto do escritor sobre si mesmo, pronunciado de um evento da vida vivida.

Na leitura de Lejeune (2014), mostra-nos que ao escrever sobre autobiografia, o escritor define como uma narrativa em prosa que uma pessoa real, sobre a própria vida, faz de sua existência que precisa se deslocar, se posicionar do lado externo dos limites de sua história individual, tornando-se um observador em



relação a si mesmo, isto é, precisa se olhar com um certo excedente de visão e conhecimento:

O trabalho dos olhos que veem combina-se aqui com um processo muito complexo do pensamento. Quaisquer que sejam, porém, o nível de profundidade e o grau de generalização desse processo cognitivo, este nunca se separa totalmente do trabalho a que se dedicam os olhos, não se separa do indício sensível e concreto, não se separa da palavra viva e imaginativa. (BAKHTIN, 2011, p. 244).

A visão da escrita como na vida, não que, estas observações de Al'Hanati sejam necessariamente negativas, por descreverem vidas inadequadas, onde entram no tato que constroem como cenas sobre fenômenos com entendimento comum junto ao leitor de “um cronista no ermo”. (PELLANDA citado em AL'HANATI, 2019, p. 9). A ideia de um homem se adapta com a sua vivencia, sua condição social, que sintoniza com suas experiências. Tanto que “a linguagem comunica as expectativas essenciais linguísticas das coisas; mas suas essências espirituais só são comunicadas na medida que se encontrem imediatamente encerradas em sua essência linguística, na medida em que elas sejam comunicáveis” (BENJAMIN, 2011, p.53).

A crônica se define para Yuri um traço expositivo dos tempos de passagens como: na casa – “Eles estão lá”, “eu estou aqui”, na rua – “Banheiro de rodoviária”, “O vendedor de abacaxi”, as pessoas – “Meu nome não é Cleber”, “A vida dos outros”, no exterior – “Santa Milena”, “Atatürk”, “A hospitalidade russa”, o regresso – “Natal na fazenda”, a solidão – “O vício de ficar sozinho”, “Beber a própria solidão”, “Distância”. E parece que de um certo modo o cronista sempre volta ao processo de busca interior no seu modo de ser.

2.1. Onde me encontro com o eu

2.1.1. “Natal na fazenda”

Para expor a análise dessa crônica de uma visita natalina, em um olhar nem sempre compreensível ao demonstrar o movimento familiar, a presença urbana na zona rural, família em um contato, que atinge suas diferenças vivendo juntos, em que todos

contribuem para o encontro que discorre na fazenda da família:

Alguém mata um leitão e recheia com tutu. A grelha da churrasqueira trabalha incessantemente e cospe inúmeros *T-bones*. Um chester e saladas das mais variadas em vasilhas de plásticos e travessas de metal ornamentam a ceia. Garrafas pet com cerveja caseira, vinho e suco resultante da colheita do ano são colocadas por cima de uma tábua de cinco metros estendida sobre quatro cavaletes, além do refrigerante para quem é de refrigerante. (AL'HANATI, 2019, p. 97).

A crônica representa como as visitas familiares demonstram uma sensação de estranhamento, existe uma falta de intimidade, o não se sentir da família. A avó, matriarca e o último elo familiar, a representação do amadurecimento. Agora isolada, sentada no canto, calada e ouvindo a conversa das mulheres ao fim do almoço. Lembrar-nos por exemplo, do conto de Clarice Lispector “Feliz Aniversário”, da dona Anita de 89 anos, sentada quieta na ponta da mesa, era a mãe de todos, que “pareciam ratos se acotovelando, sua família” (LISPECTOR, 1994, p.61). Mas, antes de chegarmos um pouco na própria crônica de Yuri, vamos a leitura sobre transmissão de experiência de Benjamin:

Só então compreenderam que o pai lhe havia transmitido uma experiência: a felicidade não está no outro, mas no trabalho. Tais experiências foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, a medida que crescíamos: ‘ele é muito jovem, em breve poderá compreender’. Ou ‘um dia compreenderá’. (BENJAMIN, 1994, p. 4).

Sobre as relações afetivas ou emocionais são momentos da crônica, que ao mesmo tempo ela se demonstra na insatisfação de estar viajando com a família, para um encontro familiar rápido, no qual se sente deslocado da família. Quando nós escutamos histórias da anciã unimos a família, a qual em sua crônica as pessoas não têm mais referência dos mais velhos, apenas os ignoram. As despedidas, que ao longo do percurso das despedidas demoradas, que mesmo depois do adeus



permaneciam no recinto. O ser muito jovem para compreender essas experiências, e ainda as piadas das famílias, sobre o seu estilo e suas roupas. E ser família, sem pretensão que dure.

Por certo, essas crônicas possivelmente trarão experiências, nas suas formas narrativas de como transmitiu ideias e práticas. São uma condensação de uma viagem contada, que transmite valores do tempo, da vivência com a família, experiências com os parentes, como um projeto social. Outras viagens que foram novos vetores de significação, que é na distância que se dá referência aos outros lugares. Tudo parece recebido dos ambientes visitados. Nesta perspectiva a construção de Walter Benjamin, sobre a narrativa que “a experiência que passa de pessoas a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 1994, p. 198).

2.1.2. “O som do silêncio”

Como que foi dito antes, vamos pensar na crônica, por trás dos temas elaborou uma linguagem solitária, que pode descrever como um disfarce, de quem como na crônica “se abandona ao movimento das massas eufóricas em qualquer comemoração coletiva ou aglomeração voluntária” (AL'HANATI, 2019, p.147). Como no preceito de solidão em um quarto de apartamento. Foi esse lado que remete aos fenômenos sociais:

Sei muito que estou longe de estar sozinho em meu gosto pela solidão e pela solidão e pelo silêncio. Somos muitos, e um dia seremos milhões. Se tudo der certo para nós, jamais precisaremos nos unir para que ouçam nossas demandas sussurrantes. Por agora, deixo que as ruas vazias, as lojas fechadas e as boates às moscas falem de mim e por mim. Como em Mozart e Tool: as pausas ainda valem mais que os acordes.” (AL'HANATI, 2019, p. 148).

O sentimento de um homem para Bakhtin, em sua percepção da solidão; “interna e minha própria vida se inserem em meu eu que imagina e vê, não no eu imaginado e visto; não disponho em mim de uma reação emotivo volitiva capaz de dar vida ao meu próprio aspecto externo e de

contê-lo, daí esse vazio e essa solidão que o caracterizam.” (BAKHTIN, 2011, 51). Já se torna nítida a modulação de sinônimos da palavra “silêncio” e derivados da “solidão” penetrado em suas crônicas, isto é a participação na realidade, quando “o silêncio, a privacidade e a solidão não apenas passam a ser novas e urgentes necessidades como também ganham ares luxuosos em cidades inchadas e ruidosas.” (AL'HANATI, 2019, p. 148).

A impressão do leitor dirigida a linguagem simplificada, mas por trás de aspectos sociais que ficam na mira de sua janela. Com efeito, quando o narrador observa que há uma festa barulhenta, à sua primeira vista e o melhor a se fazer é fechar sua janela do quarto, para representar um espaço de forma estética como de um mosteiro, e assim conseguir fugir dos ruídos e das luzes. Segundo Cândido que atribuiu a crônica a algo que estabelece e restabelece a dimensão de coisas e pessoas em um cenário excelso fazendo uso de uma “revoada de adjetivos” (CÂNDIDO, 2003, p. 89).

2.1.3. “Quando eu era o inferno”

Atualmente, a relação que chama a atenção nessa crônica são os medos na infância e, de várias formas predizem como: o pesadelo, o mar, as lendas, o boneco Fofão, medo do pai e do pior “dos bate-bolas”. Trata-se de alguém com roupa colorida, bufantes feitas de cetim, usando máscara com cabelos desgrenhados, que batia no asfalto com uma bola barulhenta.

Correr do bate-bola foi o meu primeiro hábito paranoico bem fundado. [...] Mas nenhum desses medos exigia mais do que certa cautela. Correr e se esconder dos bate-bolas, por outro lado, era imperativo que exigia comportamento ativo de minha parte. O que acontecia com os que não corriam era algo que eu não me sentia tão curioso para descobrir. (AL'HANATI, 2019, p. 101).

Segundo o narrador, o medo causava uma certa correria, que acelerava o coração, enfim, emoções de pavor e medo. Para Freud, “o medo é, portanto, por um lado, expectativa do trauma; por outro lado, uma repetição atenuada dele” (Freud, 1977, p. 160). Os medos se desenrolaram como enredos em suas crônicas. Seriam traumas ficcionais ou histórias



verídicas, os medos na infância, associados a ansiedade. Essas manifestações indicam para Roussillon (2002, p. 56) “a experiência subjetiva não subjetivada que infiltra o presente perceptivo do sujeito”. Mais do que medo, uma ideia de pânico, algo que manipula o sujeito pelo choque. A superação do choque em especial foi reveladora:

[...] me tornei um. Minha roupa bicolor vermelha e negra ornava com os cabelos presos à máscara de tela de arame que se assemelhava em muito a um capacete de esgrima. Minha estrepitosa bola azul e branca assustava as tias e quem mais estivesse perto. Suava dentro do cetim, mas estava feliz com o mal introjetado, superado, compreendido, cooptado. (AL'HANATI, 2019, p. 102).

Trata-se no fundo, de uma construção quando se trata de psicanálise, a ameaça plasmada horrorosa, também se infiltrava no sujeito. Tudo ainda fascinava como ideia construída entre ambiguidade, abrir para novas perspectivas.

2.1.4. “Janela para o real”

A viagem à África do Sul, muito diferente dos quartos de hotéis da Rússia, ou do quarto que chamou a atenção nos cenários de Londres. A Johannesburg que é construída e narrada, em uma perspectiva de um passado recente pelo narrador personagem, em uma condição urbana de algo singular aparentemente:

Os sul-africanos vão para casa cedo para valorizar o tempo com suas famílias, diz a brochura turística [...]. Joanesburgo é uma cidade sem lei, em que só o latrocínio garante algum tipo de atitude das autoridades. [...] um taxista já é oferecido com veemência logo na recepção. Pergunto ao porteiro exatamente o quão perigoso é andar por aquele horário, umas cinco da tarde. [...] ele me diz que eu posso andar por ali, mas [...] evite andar pela cidade a pé. Evite andar pela cidade. Evite andar. Evite a cidade. [...] Mulheres andam agarradas às bolsas, homens andam olhando para os lados o tempo todo, há grades nas portas e

nas janelas e os passos são sempre ligeiros. (AL'HANATI, 2019, p. 142).

Percebe-se em muitas de suas crônicas, Yuri Al' Hanati, também cita a sua cidade de Curitiba-Br, com o prisma de uma vista da sua janela, como nas suas viagens. Na medida que se adensava nossa leitura da sua volta ao lar, ao estar em uma cidade e seu estranhamento. “Há muito tempo, ao fim de uma tarde de outono, eu estava sentado a grande janela do café D... em Londres.” (POE, 1986, p. 390). Entre os textos há uma intertextualidade na crônica “O homem na multidão”, de Edgar Allan Poe, um enlace na narrativa do Poe, a partir da narração do personagem narrador:

Era noite fechada, e uma neblina úmida e espessa, que logo se agravou em chuva pesada, amortilhava a cidade, essa mudança de clima teve um efeito sobre a multidão, que logo foi presa de nova agitação sob um mundo de guarda-chuvas. [...] O queixo caiu-lhe sobre o peito, enquanto seus olhos se moviam inquietos, sob o cenho franzido, em todas as direções, espreitando os que o acoassavam. (POE, 1986, p. 397).

Os dois textos cerram a plena liberdade de observar pela janela, sem debates, com pontos em comum entre eles. A consciência de homens livres com apenas a necessidade de anunciar a vivência do ato. Segundo o autor Marcelo Alcaraz em sua obra *Amém Miséria*, sobre a impessoalidade da cidade grande. “Em uma cidade grande, as pessoas nunca sabem ao certo como estão os outros, a vida é uma eterna e vacilante apreensão do outro, cada pessoa contém um abismo, a verdade sempre escapa, oculta sob o tecido grosso da superficialidade e convenção.” (ALCARAZ, 2021, p. 39). Yuri, para encontrar o seu reconhecimento ao vir para uma cidade grande, o fez perceber, que o regresso ainda o coloca em inadequação e, o mesmo estranhamento que sente nos lugares em que viaja, parte de uma preocupação de perder os próprios referenciais visto de uma janela.

2.1.5. “Distância”

Nessa crônica “Distância”, Yuri tem um olhar crítico e faz um mergulho em seu interior, todo o sentimento de solidão da experiência



vivenciada. Um sujeito que tematizou o eu, em uma região de exílio social. Ao mesmo tempo não se trata de cuidar da própria vida:

Por isso gosto de ficar sozinho. Por isso minha casa é pequena, e por isso prefiro ver um amigo de cada vez. Não tenho nenhuma foto na piscina, o churrasco com trinta pessoas, eu, uma cabeça entre tantos, escondido pela comunhão e pelo desejo coletivo de nos encontrarmos, de nos sentirmos bem-vindos uns aos outros. [...] por isso invejo famílias grandes, mas prefiro a minha pequena. Porque sei que família é distância. Porque sei que eu sou distância também. (AL'HANATI, 2019, p. 155).

Com base na família pequena e distância, mesmo na profundidade da alma, não sente saudade da família e se separa dos ambientes públicos. Para Paula Sibilia (2017), “o sujeito moderno não se explora apenas, mas ele também se inventa usando toda a força das palavras. Um ritual que depois se difundiria amplamente nas práticas cotidianas [...]. (p. 134). O que liga com o pensamento de Jean-Jacques Rousseau (2007, p. 403 citado por SIBILIA, 2017, p. 135) “Quero mostrar a meus semelhantes um homem em toa a verdade da natureza a esse homem serei eu”. Mas, quando a distância é conveniente? Segundo o autor Yuri Al'Hanati não pactua com o leitor na crônica aquilo que irá fazer ou não em uma ficção. Um cronista, apenas abre seu vinho, pensa na solidão e é o que lhe cabe. Se perguntar quem “no final das contas ou quem nunca foi inadequado?

Um distanciamento, mesmo quando seu time joga, sendo o estádio vizinho ao seu prédio, sua atenção se volta ao seu interior. “Abro a janela do meu quarto para me debruçar e fico ouvindo ao longe o som de televisão fora do ar que dez mil vozes desconexas fazem quando amplificadas por uma concha de paredões de arquibancadas. [...] Fecho a janela e volto a minha atenção, mais uma vez, para dentro.” (AL'HANATI, 2019, p. 13). Yuri foi estratégico para a escrita do livro e compara a crônica com a fotografia Self o instantâneo da realidade. Com um olhar distante de detetive na lentidão de Curitiba, em que ser solitário é aceitável.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem referências ao fechar a janela do quarto. Um intelectual dentro da casca, ou um burguês no banheiro da rodoviária. Talvez ao ser defenestrado e ou no regresso de sua “ilha” observe o entorno de uma cidade, em que nunca se sentiu pertencente de sua cidade. A impressão para o leitor é dirigida a linguagem simplificada, mas por trás de aspectos sociais que ficam na mira de sua janela de um garoto de prédio.

De acordo com essa expectativa, se refere a um sujeito que traz o eu, e o adéqua a uma condição solitária, construídas em suas viagens e em seu quarto de seu apartamento. Agindo de acordo com suas próprias convicções e construídas através de seu foco de maneira interna ou externa. Para isso, foi analisada da teoria do teórico Bakhtin sobre a evidente dificuldade de estar em sociedade, da abertura do olhar do autor a partir de um lugar expiatório, do excedente de visão e responder de forma de compreender a subjetividade do modo de ser.

Yuri habita em um espaço no seu quarto, possui as experiências daquilo que se observa na janela. Governar a si mesmo e dominar o medo ao viajar em outros países, nessa análise foi feita a ótica de Freud, que consagrou a interação com o próprio medo, uma relação do sujeito consigo. Levando a uma identidade em sua crônica de escrita autobiográfica que definem ser possíveis discursos do auto Yuri Al'Hanati, segundo a obra de Lejeune, pois corresponde a uma autobiografia mesmo com o imaginário do lado da verdade.

4. REFERÊNCIAS

AL'HANATI, Yuri. **Bula para uma vida inadequada**/ Yuri Al'Hanati – Porto Alegre: Dublinense, 2019.

ALCARAZ, Marcelo. **Amém miséria**. Coleção Burguês Assustado. Hecatombe, São Paulo. 2021.

BAKHTIN, Mikhail M. *Author and hero in aesthetic activity*. In: HOLQUIST, Michael; LIAPUNOV, Vadim (Eds.). **Art and answerability: early philosophical essays by M.M. Bakhtin**. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 4-256.



BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. Tradução: Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. In.: **Escritos sobre mito e linguagem**. Ed. Jeane Marie Gaguebin. São Paulo: Duas cidades/ed. 34, 2011.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet; prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

CANDIDO, Antônio. **A vida ao rés-do-chão**. In.: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Atica, 2003. p. 89-99.

FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade. In Edição Standard Brasileira das Obras **Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. XX). Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1977.

GERALDI, João Wanderley. Palavras escritas, indícios de palavras ditas. **Linguagem em (Dis) curso**, Tubarão, v. 3, Número Especial, p. 09-25, 2003 Disponível em file:///C:/Users/Admin/Downloads/admin,+1+P.pdf Acesso em 05 de junho de 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

LISPECTOR, Clarrice. Feliz aniversário. In. **Laços de família**. Ed. 26. Francisco Alves. Rio de Janeiro. 1994.

POE, Edgar Allan. O homem das multidões. In: **Ficção completa, poesia e ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

ROUSSILLON, R. Le transfert délirant, l'objet et la reconstruction. In J. André, & C.

Thompson (Orgs.), **Transfert et états limites**. Paris: PUF.2002.

AL'HANATI. Yuri. Literatamy. Entrevista. 2019. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=eYNP0_ZfFIU Acesso em 08 de junho de 2022.



ANÁLISE DO PERFIL CLÍNICO, EPIDEMIOLÓGICO E MICROBIOLÓGICO DOS PACIENTES COM OSTEOMIELOITE INTERNADOS NO SETOR DE ORTOPEDIA DO HU-UNIVASF

Welisson Conrado Carvalho¹, Pedro Victor Freitas Medrado¹, João Diego Cabral Lima¹, Tassylla Nunes Alexandre Leite¹, Carolline Xavier de Aguiar¹, Carine Rosa Naue²

¹Graduando em Medicina, Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF

²Doutora em Fitopatologia pela Universidade Federal de Pernambuco e Bióloga do Hospital Universitário HU-UNIVASF/EBSERH

E-mail: welisson.carvalho@discente.univasf.edu.br

RESUMO

As infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS) são uma das principais complicações relacionadas ao serviço hospitalar com importante impacto no sistema público de saúde. Dentre as infecções hospitalares está a osteomielite, que implica num profundo impacto financeiro de tratamento e recuperação, além da qualidade de vida e trabalho do paciente. O presente estudo teve como objetivo analisar o perfil clínico, epidemiológico e microbiológico dos pacientes com osteomielite internados no setor de ortopedia do Hospital Universitário Dr. Washington Antônio de Barros (HU-UNIVASF) em Petrolina-PE. Para isso foi realizado um trabalho observacional retrospectivo de abordagem quantitativa uni-cêntrica por meio do Aplicativo de Gestão para Hospitais Universitários (AGHU) do HU-UNIVASF no período de janeiro de 2020 a junho de 2021. Foram analisados 26 pacientes internados no setor de ortopedia, e 56 microrganismos isolados, para análises descritivas, estatísticas e inferenciais. Os três principais agentes encontrados foram o *Enterobacter cloacae* (n=6, 12%), *Staphylococcus aureus* (n=6, 12%) e o *Acinetobacter baumannii/calcoaceticus* complexo (n=6, 12%). O *E. cloacae* apresentou um percentual reduzido de sensibilidade a quase todos os antibióticos, enquanto que o *A. baumannii* respondeu em 80% ao Sulfametoxazol/Trimetoprima. As outras espécies identificadas como *Staphylococcus aureus*, *Enterococcus faecalis*, e *Klebsiella pneumoniae* apresentaram perfis de resistência moderados se comparados ao *Acinetobacter baumannii*. Não se observou influência da idade no tempo de internação, porém houve influência do gênero, foco e tipo de cultura, onde mulheres e pacientes com culturas apenas de gram-negativos apresentaram um tempo de internamento mais curto. **Palavras-chave:** Infecções Hospitalares; Ortopedia; Bactérias; Hospital Universitário.

ABSTRACT

Health care-associated infections (HAIs) are one of the main complications related to hospital services, with an important impact on the public health system. Among nosocomial infections is osteomyelitis, which implies a profound financial impact on treatment and recovery, in addition to the patient's quality of life and work. The present study aimed to analyze the clinical, epidemiological and microbiological profile of patients with osteomyelitis admitted to the orthopedics sector of the University Hospital Dr. Washington Antônio de Barros (HU-UNIVASF) in Petrolina-PE. For this, a retrospective observational work with a unicentric quantitative approach was carried out through the Management Application for University Hospitals (AGHU) of HU-UNIVASF from January 2020 to June 2021. orthopedics, and 56 isolated microorganisms, for descriptive, statistical and inferential analyses. The three main agents found were *Enterobacter cloacae* (n=6, 12%), *Staphylococcus aureus* (n=6, 12%) and *Acinetobacter baumannii/calcoaceticus* complex (n=6, 12%). *E. cloacae* has a reduced percentage of sensitivity to almost all antibiotics, while *A. baumannii* only responded 80% to Sulfamethoxazole/Trimethoprim. Other species such as *Staphylococcus aureus*, *Enterococcus faecalis*, and *Klebsiella pneumoniae* showed moderate resistance profiles compared to *Acinetobacter baumannii*. There was no influence of age on length of stay, but there was influence of gender, focus and type of culture, where women and patients with only gram-negative cultures had a shorter length of stay. **Key words:** Hospital Infections; Orthopedics; Bacteria; University hospital



1. INTRODUÇÃO

As infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS) são consideradas uma das principais consequências adversas associadas à prestação de serviços de saúde e um crítico problema no sistema público. As IRAS aumentam consideravelmente a morbidade, a mortalidade e os custos financeiros a elas referentes, afetando negativamente a segurança do paciente e a qualidade dos serviços de saúde.^{1,2}

Destaca-se que há uma considerável porcentagem das IRAS que podem ser evitáveis quando são executadas as medidas efetivas de prevenção e controle de infecções pelos serviços de saúde. No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e a Comissão Nacional de Prevenção e Controle de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (CNCIRAS) publicou em 2013 a primeira versão do Programa Nacional de Prevenção e Controle de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (PNPCIRAS). A principal função do programa é auxiliar a Anvisa na elaboração de diretrizes, normas e medidas para prevenção e controle das IRAS.^{3,4}

Estima-se que, em média, 7% dos pacientes em países desenvolvidos e 15% em países em desenvolvimento irão adquirir ao menos uma IRAS durante atendimento nos serviços de saúde. Em UTIs neonatal ou adulto, as taxas de infecções são duas a três vezes maiores do que em países de baixa renda e três a vinte vezes maiores em países de renda média, quando comparadas à países de alta renda *per capita*.^{5,6}

No continente europeu, ocorrem cerca de 8,9 milhões de IRAS todos os anos, incluindo as instalações de saúde para cuidados agudos e de longa permanência.⁶ Com base em dados estimados da EARS-Net (*European Antimicrobial Resistance Surveillance Network*), reporta-se que no ano de 2015 ocorreram mais de 670.000 infecções na Europa por causa de bactérias resistentes a antimicrobianos, das quais 63,5% foram associadas ao atendimento à saúde, e aproximadamente 33.000 indivíduos morreram devido a essas infecções.⁷

As IRAS podem ser geradas por diversas causas, como o uso de procedimentos invasivos, faixa etária, principalmente os extremos, e tratamento com drogas que

diminuem a imunidade do paciente. Nota-se que características de doenças crônicas, como *Diabetes mellitus* (DM), ou outros aspectos fisiológicos, como obesidade e desnutrição, também devem ser analisados com importância em pacientes suscetíveis às IRAS.⁸ Ademais, o uso indiscriminado de antimicrobianos, sobretudo no ambiente hospitalar, tem sido uma das principais causas da seleção de bactérias patogênicas resistentes.⁹ Essa crescente resistência microbiana gera incremento nas despesas com a saúde e impasses na vigilância de infecções.¹⁰

Estudos sobre IRAS apontam que as bactérias multirresistentes mais frequentemente envolvidas são gram positivas tais como *Staphylococcus aureus* resistentes à meticilina (MRSA), *Enterococcus* resistentes à vancomicina (VRE) e *Staphylococcus coagulase-negativa* (SCN)^{8,10,11,12}; e gram negativas tais como *Escherichia coli* e *Klebsiella pneumoniae* produtoras de β -lactamase de espectro estendido (ESBL), *Escherichia coli* resistentes a fluoroquinolonas, *Pseudomonas aeruginosa*, *Acinetobacter baumannii* resistentes aos carbapenêmicos, *Enterobacter* sp. resistentes a aminoglicosídeos, cefalosporinas de terceira geração e fluoroquinolonas e *Proteus mirabilis*.^{8,11,13}

Quatro determinantes representam aproximadamente 80% dos casos de infecções hospitalares, são eles: infecção de trato urinário, infecção de sítio cirúrgico, infecção de corrente sanguínea e pneumonia.⁹ As Infecções do Sítio Cirúrgico (ISC) ocupam a terceira posição entre as IRAS mais prevalentes no país, compreendendo 14% a 16% daquelas encontradas em pacientes hospitalizados.¹⁴ As ISC são classificadas como infecções relacionadas às intervenções cirúrgicas, comprometendo tecidos, órgãos ou espaço manipulado, cujo diagnóstico é feito em até 30 dias posterior ao procedimento ou em até um ano nos casos de procedimentos com implante.¹⁵

Nesse contexto, encontra-se a osteomielite, que se trata de um processo inflamatório agudo ou crônico, produzido pela infecção do tecido ósseo por bactérias patogênicas. Pode ser desencadeada por causas externas, sobretudo nos casos de fraturas expostas, por grandes reconstruções ortopédicas, o primeiro atendimento e condições de assistência à saúde como um todo



e até mesmo por doenças crônicas, como nos casos de pé diabético. O agente infeccioso pode variar de acordo com a faixa etária do paciente e o mecanismo da infecção. O diagnóstico é feito de acordo com aspectos clínicos, laboratoriais e radiológicos.^{16,17}

No Brasil, a análise epidemiológica da osteomielite no período de 2009 a 2019 obteve uma taxa de mortalidade da doença de 1,26 óbitos para cada 100 pacientes internados. A faixa etária mais atingida pela doença é entre 30 e 39 anos, sendo o sexo masculino também o mais acometido.¹⁶ Também, a osteomielite exprime profundos impactos de ordem socioeconômica, porque para além dos custos financeiros com o tratamento e recuperação dos sujeitos acometidos, interfere sob o ponto de vista laboral e funcional do paciente.¹⁷

Considerando que os ambientes hospitalares concentram uma variedade significativa de patógenos como bactérias, fungos e vírus,^{13,18} além do crescente surgimento da multiresistência bacteriana associado ao uso indiscriminado e de modo inadequado dos antibióticos, torna-se indispensável o estudo das doenças infectocontagiosas, como a osteomielite.¹⁹ O conhecimento do perfil bacteriano pode auxiliar na construção de protocolos em saúde que possibilitem o manejo adequado das infecções, reduzindo despesas, tempo de internação e tratamento dos pacientes, assim como prevenir e controlar IRAS.¹⁸

Portanto, o presente estudo tem como objetivo analisar o perfil clínico, epidemiológico e microbiológico dos pacientes com osteomielite internados no setor de ortopedia do Hospital Universitário Dr. Washington Antônio de Barros (HU-UNIVASF) em Petrolina-PE.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo foi realizado por meio da análise das culturas de material de síntese e fragmento ósseo de pacientes internados no setor ortopédico de um Hospital Universitário no período de janeiro de 2020 a junho de 2021. Esta pesquisa trata-se de um estudo retrospectivo e observacional com abordagem quantitativa, tendo como fonte de informações dados secundários de prontuários eletrônicos e exames e diagnóstico microbiológico de culturas clínicas positivas

para microrganismos, através do Aplicativo de Gestão para Hospitais Universitários - AGHU da Unidade hospitalar.

O trabalho foi realizado no Hospital Universitário da Universidade Federal do Vale do São Francisco (HU-UNIVASF), situado no município de Petrolina, estado de Pernambuco. O HU-Univasf é a unidade de referência em traumas, politraumas, ortopedia para os 53 municípios da Rede Interestadual de Atenção à Saúde do Vale do Médio São Francisco - PEBA, formada por seis microrregionais de saúde e abrangendo uma população de, aproximadamente, 2.077.000 habitantes nos estados de Pernambuco e Bahia.

A análise microbiológica, identificação fenotípica e perfil de resistência bacteriana foram realizados no Laboratório de Análises Clínicas e Anatomia Patológica do hospital universitário.

Os dados dos exames foram tabulados na planilha do Microsoft Excel®. Para análise dos dados, foi utilizado o software JASP versão 0.16.3 para efetuar as análises descritivas, estatísticas e inferenciais. Na análise da normalidade da amostra foi usado o teste de Shapiro-Wilk, o teste Qui-quadrado para variáveis nominais e o teste de Pearson para variáveis escalares. Para o estudo das hipóteses foram usados os testes de Mann-Whitney e t de Student, e usado como ponto de significância a probabilidade do erro alfa (p) abaixo de 0,05.

As variáveis clínicas, epidemiológicas e microbiológicas estudadas foram: idade, gênero, quantidade de dias de internamento, motivo de internação, presença de comorbidades, natureza da lesão (quando houver), parte do corpo atingida, evolução do caso, uso de antimicrobiano prévio, número e caráter de cirurgias realizadas, foco principal da infecção, além das principais etiologias, resistentes a antibióticos ou não, desses patógenos. O perfil microbiológico terá como base todas as culturas positivas, onde serão analisadas as variáveis de prevalência de bactérias e o perfil de sensibilidade e resistência aos antibióticos testados. Os dados foram organizados e apresentados por meio de gráficos e tabelas.

O trabalho foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), sendo aprovado através do CAAE: 45237821.8.0000.5340. Em todos os momentos deste estudo, foram considerados os aspectos éticos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da



Saúde que norteia as práticas em pesquisas com seres humanos.

3. RESULTADOS

Esta pesquisa analisou 26 pacientes internados no setor de ortopedia com osteomielite e que apresentaram culturas positivas. As principais características clínicas e epidemiológicas dos 26 pacientes estudados estão agrupados na tabela 1. Desses pacientes a maioria era do sexo masculino (73%), com média e mediana próximas aos 40 anos, sendo que o principal foco infeccioso eram os membros inferiores (69,23%). A mediana do tempo de internação foi de 38 dias. A idade e o tempo de internamento não são variáveis correlacionáveis e não há uma diferença estatística significativa entre essas variáveis, tanto do ponto de vista escalar (Person, $p=0,230$), quanto separados por faixa etária e de internamento ($X^2_{(4,26)}=10,864$, $p=0,285$).

Nota-se uma diferença no padrão de distribuição dos dados não-paramétrico entre homens e mulheres. Isso evidente no tempo de internação mais curto das mulheres (Me=37, IQR=90,5, X=52,947, $p=0,004$) em relação aos homens (Me=82, IQR=35,5, X=67,429, $p=0,333$), embora não haja diferença significativa entre as medianas do tempo de internamento entre os sexos (Mann-Whitney t, $p>0,05$) (tabela 1).

Todos os pacientes internados necessitaram de algum tipo de procedimento cirúrgico, sendo que 30,76% desses procedimentos foram cirurgias de urgência. Além disso, 15,38% dos pacientes necessitaram ser internados na UTI em algum momento durante sua internação, e esses pacientes apresentaram uma taxa de 96,15% de evolução clínica para alta hospitalar.

A respeito da parte do corpo afetada pela osteomielite, os pacientes com foco de infecção em membro inferior (Me=60,5, IQR=89,75, $p=0,047$) possuem um tempo de internamento maior em comparação com os pacientes com foco de infecção em membro superior (Me=21,5, IQR=18,75, $p=0,691$), embora não tenha uma diferença significativa na mediana dos tempos de internamento entre esses dois focos (Mann-Whitney U, $p=0,187$). Tabela 1 – Características dos pacientes com osteomielite.

	Nº (%)
Idade	
Média	44,76
Mediana	43
Grupo de idade	
0 – 20	3 (11,53%)
21 – 40	9 (34,61%)
41 – 60	8 (30,76%)
>60	6 (23,07%)
Gênero	
Masculino	19 (73%)
Feminino	7 (27%)
Parte do corpo afetada	
Braço	5 (19,23%)
Quadril	3 (11,53%)
Coxa	7 (26,92%)
Perna	8 (30,76%)
Tornozelo e pé	3 (11,53%)
Tempo de internação hospitalar (Dias)	
Média	57,42
Mediana	38
Grupos de tempo de internação	
< 14 dias	5 (19,23%)
14 - 30	6 (23,07%)
30 - 90	8 (30,76%)
>90	7 (26,92%)
Necessitaram de UTI	
Sim	4 (15,38%)
Não	22 (84,61%)
Precisou de cirurgia	
Sim	26 (100%)
Não	0 (0%)
Caráter da cirurgia	
Eletiva	18 (69,23)
Urgência	8 (30,76%)
Evolução clínica	
Alta	25 (96,15%)
Óbito	1 (3,85%)

Durante o período de análise deste trabalho, de janeiro de 2020 a junho de 2021, 26 pacientes com osteomielite internados na clínica ortopédica do HU-UNIVASF tiveram culturas positivas para pelo menos uma espécie bacteriana, totalizando 56 microrganismos isolados provenientes de cultura de fragmento ósseo em geral (n = 50) e cultura de síntese em geral (órteses, próteses, placas ou parafusos) (n = 6), como demonstrado na Tabela 2. A amostra



de maior prevalência microbiológica foi a cultura de fragmento ósseo em geral.

Tabela 2 – Amostras clínicas positivas dos pacientes com osteomielite internados na clínica ortopédica.

Tipo de cultura	Total	%
Fragmento ósseo em geral	50	89,29
Síntese em geral	6	10,71
Total	56	-

Tabela 3 – Distribuição das espécies bacterianas identificadas nas culturas positivas da clínica ortopédica.

Microrganismos	Coloração GRAM	FOG*		SG**		Total	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Pseudomonas aeruginosa</i>	Negativa	4	8	-	-	4	7,14
<i>Escherichia coli</i>	Negativa	2	4	1	16,6	3	5,36
<i>Klebsiella oxytoca</i>	Negativa	2	4	-	-	2	3,57
<i>Klebsiella ozaenae</i>	Negativa	2	4	-	-	2	3,57
<i>Klebsiella pneumoniae</i>	Negativa	4	8	-	-	4	7,14
<i>Enterobacter cloacae</i>	Negativa	6	12	1	16,6	7	12,5
<i>Enterococcus casseliflavus/gallinarum</i>	Positiva	2	4	-	-	2	3,57
<i>Enterococcus faecalis</i>	Positiva	4	8	1	16,6	5	8,92
<i>Staphylococcus aureus</i>	Positiva	6	12	1	16,6	7	12,5
<i>Staphylococcus capitis</i>	Positiva	1	2	-	-	1	1,78
<i>Staphylococcus hominis</i>	Positiva	1	2	-	-	1	1,78
<i>Staphylococcus epidermidis</i>	Positiva	3	6	1	16,6	4	7,14
<i>Streptococcus cristatus</i>	Positiva	1	2	-	-	1	1,78
<i>Streptococcus pyogenes</i>	Positiva	2	4	-	-	2	3,57
<i>Acinetobacter baumannii/calcoaceticus complexo</i>	Negativa	6	12	1	16,6	7	12,5
<i>Aeromonas veronii bv veronii</i>	Negativa	1	2	-	-	1	1,78
<i>Serratia marcescens</i>	Negativa	2	4	-	-	2	3,57
<i>Proteus mirabilis</i>	Negativa	1	2	-	-	1	1,78
Total	-	50	89,29	6	10,71	56	100

FOG*: Fragmento ósseo em geral

SG**: Síntese em geral

Dentre as 56 culturas positivas coletadas foram identificadas 18 espécies diferentes de bactérias, sendo 44,45% gram-positivas e 55,55% gram-negativas demonstradas na tabela 3. Três bactérias diferentes apresentaram igual prevalência nestas culturas, sendo elas: *Enterobacter cloacae* (n=7, 12,5%), *Staphylococcus aureus* (n=7, 12,5%) e *Acinetobacter baumannii/calcoaceticus complexo* (n=7, 12,5%). Quando analisados os pacientes com

somente gram-negativos nas amostras (Me=29, IQR=68, X=45, p=0,011), tais possuem um tempo de internação mais curto comparado aos pacientes com agentes gram-positivos e negativos, ou seja, amostra mista (Me=69, IQR=90, X=70, p=0,224). Embora não haja diferença significativa entre as medianas do tempo de internamento entre os agentes segundo a coloração de Gram (Mann-Whitney t, p>0,05), na pesquisa em questão.



Com relação a faixa etária do paciente e o agente etiológico segundo a coloração de Gram, notou-se que não há uma diferença de idade do paciente nas culturas de fragmento ósseo ou material de síntese que contenham bactérias gram-positivas e gram-negativas ($X=49,364$, $DP=19,247$, $p=0,285$). E quando analisado o gênero dos paciente, não há uma diferença entre homens e mulheres nas culturas de fragmento ósseo ou material de síntese ($X^2_{(3,25)}=0,64$, $p=0,726$). Por outro lado, analisando o gênero, não há diferença significativa entre homens e mulheres nas

culturas de fragmento ósseo ou material de síntese ($X^2_{(3,25)}=0,64$, $p=0,726$).

Dentre as espécies identificadas, conforme evidenciado no Gráfico 1, as mais prevalentes foram: *Enterobacter cloacae* (n=6, 12%), *Staphylococcus aureus* (n=6, 12%) e *Acinetobacter baumannii/calcoaceticus* complexo (n=6, 12%), que aparecem em igual proporção, seguidas das *Pseudomonas aeruginosa*, *Klebsiella pneumoniae* e *Enterococcus faecalis*, sendo que cada uma dessas representa cerca de 8% do total de casos.

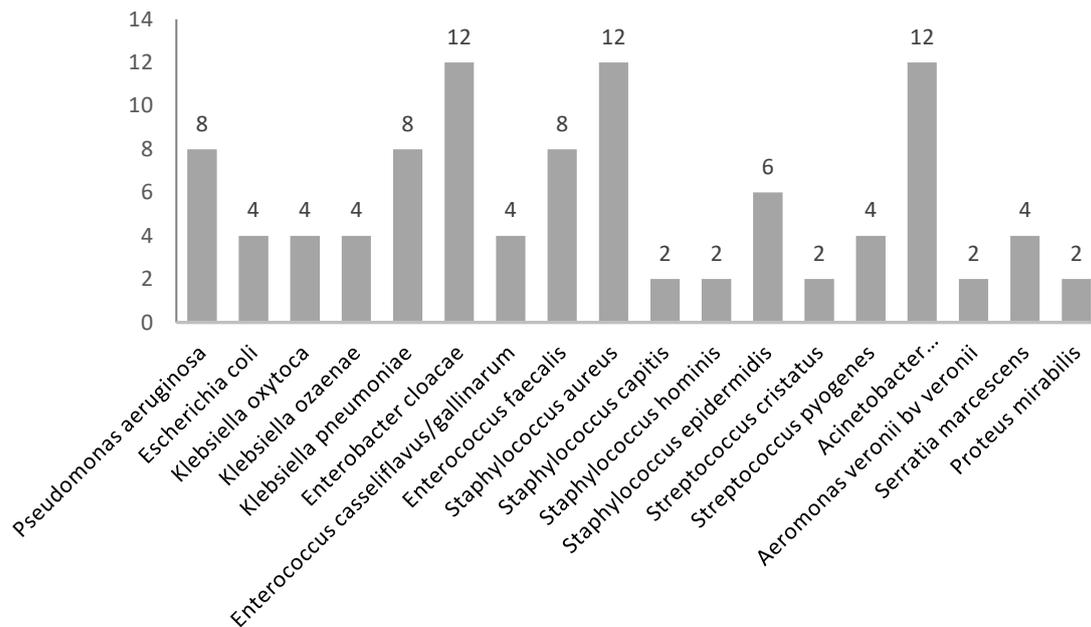


Figura 1 – Frequência das espécies bacterianas presentes na cultura de fragmento ósseo em geral (%).

Nas culturas de síntese em geral, foi possível identificar 6 microrganismos, sendo que 50% destes são cocos gram-positivos e 50% são bacilos gram-negativos. Como evidenciado no Gráfico 2, essas bactérias apareceram em igual proporção, sendo elas a *Escherichia coli*,

Enterobacter cloacae, *Enterococcus faecalis*, *Staphylococcus aureus*, *Staphylococcus epidermidis*, *Streptococcus pyogenes* e *Acinetobacter baumannii/calcoaceticus* complexo.

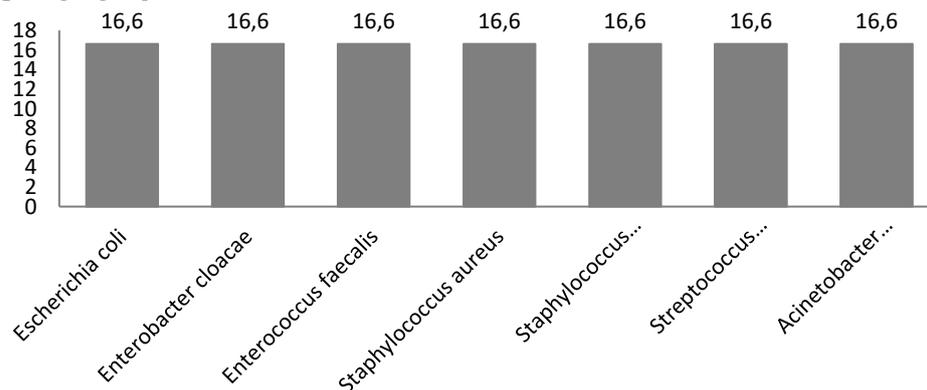


Figura 2 – Frequência das espécies bacterianas presentes na cultura de síntese em geral (%).



Ao total, foram analisados 56 antibiogramas dos microrganismos encontradas nas culturas de fragmento ósseo em geral e culturas de síntese em geral, determinando seus perfis de sensibilidade e resistência através dos

isolados bacterianos. Os resultados foram classificados em sensível (S), resistente (R) e intermediário (I). As tabelas 3 e 4 demonstram os perfis de sensibilidade das espécies clínicas isoladas.

Tabela 4 – Percentual (%) de sensibilidade dos isolados clínicos para bactérias na cultura de síntese em geral.

Antibióticos	<i>E. cloacae</i> (n = 1)	<i>S. aureus</i> (n = 1)	<i>E. coli</i> (n = 1)	<i>E. faecalis</i> (n = 1)	<i>A. baumannii</i> (n = 1)	<i>S. epidermidis</i> (n = 1)
Amicacina	100	-	100	0	0	-
Ampicilina	0	0	100	100	-	0
Ampicilina + Sulbactam	0	-	100	-	0	-
Cefazolina	0	-	-	-	-	-
Cefepime	0	-	100	-	0	-
Cefoxitina	0	-	100	-	-	-
Ceftarolina	-	100	-	-	-	-
Ceftazidima	-	-	-	-	0	-
Ceftriaxona	0	-	100	-	-	-
Ciprofloxacino	0	-	100	-	0	-
Clindamicina	-	0	-	-	-	0
Daptomicina	-	100	-	100	-	100
Eritromicina	-	0	-	-	-	0
Ertapenem	100	-	100	-	-	-
Gentamicina	0	-	100	-	0	-
Imipenem	100	-	100	-	0	-
Linezolida	-	100	-	100	-	100
Lefloxacina	-	-	-	-	0	-
Meropenem	100	-	100	-	0	-
Minociclina	-	100	-	-	-	100
Oxacilina	-	100	-	-	-	0
Penicilina G	-	0	-	100	-	0
Piperacilina + Tazobactam	100	-	100	-	0	-
Rifampicina	-	100	-	-	-	100
Sulfametoxazol + Trimetoprima	0	100	100	-	0	100
Tigeciclina	100	100	100	100	-	-
Vancomicina	-	100	-	100	-	100

Tabela 5 – Percentual (%) de sensibilidade dos isolados clínicos para bactérias na cultura de fragmento ósseo em geral.

Antibióticos	<i>P. aeruginosa</i> (n = 4)	<i>E. coli</i> (n = 2)	<i>K. oxytoca</i> (n = 1)	<i>P. mirabilis</i> (n = 1)	<i>K. pneumoniae</i> (n = 2)
Ampicilina	-	0	0	0	0
Amicacina	75	100	100	100	100
Amoxicilina	-	-	-	-	-



Ampicilina	-	0	0	100	50
Sulbactam					
Azitreonam	-	-	-	-	-
Cefazolina	-	-	0	-	-
Cefepime	75	100	100	100	50
Cefotaxima	-	100	-	-	-
Cefoxitina	-	100	0	100	50
Ceftarolina	-	-	-	-	-
Ceftriaxona	-	100	100	100	50
Cefetazidima	75	-	-	-	-
Clindamicina	-	-	-	-	-
Cloranfenicol	-	-	-	-	-
Ciprofloxacino	75	50	100	100	50
Colistina	-	-	-	-	-
Daptomicina	-	-	-	-	-
Doxiciclina	-	-	-	-	-
Eritromicina	-	-	-	-	-
Ertapenem	-	100	100	0	50
Gentamicina	75	100	0	100	50
Imipinem	75	100	100	-	100
Levofloxacino	75	-	-	-	-
Linezolida	-	-	-	-	-
Meropenem	75	100	100	100	100
Minociclina	-	-	-	-	-
Oxacilina	-	-	-	-	-
Piperacilina +	75	50	100	100	50
Tazobactam					
Penicilina G	-	-	-	-	-
Polimixina B	-	-	-	-	-
Rifampicina	-	-	-	-	-
Sulfametoxazol	-	0	100	0	50
+ Trimetoprima					
Tigeciclina	-	100	100	0	0
Tetraciclina	-	-	-	-	-
Vancomicina	-	-	-	-	-
Antibióticos	<i>E. cloacae</i> (n = 3)	<i>E. casseliflavus</i> (n = 2)	<i>E. faecalis</i> (n = 3)	<i>S. aureus</i> (n = 4)	<i>A. veronii</i> (n = 1)
Ampicilina	0	100	100	0	-
Amicacina	100	-	-	-	-
Amoxicilina	-	-	-	-	-
Ampicilina +	0	-	-	-	-
Sulbactam					
Azitreonam	-	-	-	-	-
Cefazolina	0	-	-	-	-
Cefepime	0	-	-	-	100
Cefotaxima	-	-	-	-	-
Cefoxitina	0	-	-	-	-
Ceftarolina	-	-	0	50	-
Ceftriaxona	0	-	-	-	100
Cefetazidima	-	-	-	-	100
Clindamicina	-	-	-	25	-
Cloranfenicol	-	-	-	-	-
Ciprofloxacino	33,3	-	-	-	100



Colistina	-	-	-	-	-
Daptomicina	-	100	100	100	-
Doxiciclina	-	-	-	-	-
Eritromicina	-	-	-	25	-
Ertapenem	66,6	-	-	-	-
Gentamicina	33,3	-	-	-	-
Imipinem	66,6	-	-	-	-
Levofloxacino	-	-	-	-	100
Linezolida	-	100	100	100	-
Meropenem	66,6	-	-	-	-
Minociclina	-	-	-	100	-
Oxacilina	-	-	-	50	-
Piperacilina + Tazobactam	33,3	-	-	-	-
Penicilina G	-	100	100	0	-
Polimixina B	-	-	-	-	-
Rifampicina	-	-	-	100	-
Sulfametoxazol + Trimetoprima	33,3	-	-	75	100
Tigeciclina	0	-	66,6	75	-
Tetraciclina	-	-	-	-	-
Vancomicina	-	0	100	100	-
Antibióticos	<i>S. epidermidis</i> (n = 2)	<i>S. cristatus</i> (n = 1)	<i>A. baumannii</i> (n = 5)	<i>S. pyogenes</i> (n = 2)	<i>S. marcescens</i> (n = 2)
Ampicilina	0	-	-	-	0
Amicacina	-	-	0	-	100
Amoxicilina	-	100	-	100	-
Ampicilina + Sulbactam	-	-	0	-	0
Azitreonam	-	-	-	-	-
Cefazolina	-	-	-	-	0
Cefepime	-	100	0	100	100
Cefotaxima	-	100	-	100	-
Cefoxitina	-	-	-	-	0
Ceftarolina	-	-	-	-	-
Ceftriaxona	-	-	-	-	100
Cefetazidima	-	-	0	-	-
Clindamicina	0	-	-	100	-
Cloranfenicol	-	100	-	100	-
Ciprofloxacino	-	-	0	-	100
Colistina	-	-	-	-	-
Daptomicina	100	100	-	100	-
Doxiciclina	-	-	-	-	-
Eritromicina	0	-	-	100	-
Ertapenem	-	-	-	-	100
Gentamicina	-	-	0	-	100
Imipinem	-	-	0	-	50
Levofloxacino	-	100	0	100	-
Linezolida	50	100	-	100	-
Meropenem	-	-	0	-	100
Minociclina	100	-	-	-	-
Oxacilina	0	-	-	-	-
Piperacilina + Tazobactam	-	-	0	-	100



Penicilina G	0	100	-	100	-
Polimixina B	-	-	-	-	-
Rifampicina	50	-	-	-	-
Sulfametoxazol	100	-	80	-	100
+ Trimetoprima					
Tigeciclina	-	-	-	-	0
Tetraciclina	-	-	-	-	-
Vancomicina	100	100	-	100	-

Entre os microrganismos isolados, *E. cloacae* apresentou percentual reduzido de sensibilidade a quase todos os antibióticos testados na cultura de síntese geral, com exceção da amicacina, ertapenem, sulfametoxazol + trimetoprima, imipenem e tigeciclina (Tabela 4).

Na cultura de fragmento ósseo em geral, os percentuais de resistência foram menores, mas chama a atenção a resistência alta do *A. baumannii*, que apenas respondeu em 80% ao sulfametoxazol + trimetoprima. Isso chama atenção à maior prevalência de cepas resistentes desse microrganismo, principalmente quando se considera que foi a espécie mais prevalentes em ambos os tipos de cultura.

Por outro lado, outras espécies prevalentes como *S. aureus*, *E. faecalis* e *K. pneumoniae* apresentaram perfis de resistência razoáveis quando comparadas ao *A. baumannii*. Chama atenção, no entanto a resistência do *E. cloacae* a antibióticos comuns como ampicilina + sulbactam (0% de sensibilidade) e ciprofloxacino (33,3% de sensibilidade).

Dentre todos os antibióticos, observa-se a elevada resistência à ampicilina quando testada, principalmente na cultura de síntese em geral. De outra forma, daptomicina, linezolid, minociclina, cefepime, meropenem e imipenem apresentaram resultados satisfatórios na maioria das vezes em que foram testados, o que poderia indicar uma futura preferência pelo uso desses antibióticos nos pacientes com osteomielite. Os carbapenêmicos especificamente parecem ser uma boa escolha de classe para a patologia.

4. DISCUSSÃO

Os trabalhos que descrevem o perfil microbiológico e de resistência bacteriana de pacientes com osteomielite são cada vez mais necessários, devido a um aumento do número de infecções bem como a incidência de organismos multirresistentes. A principal dificuldade na

abordagem terapêutica da osteomielite ocorre por conta da expressão e transmissão de genes que aumenta a resistência desses microrganismos aos principais antibióticos presentes no nosso meio, o que dificulta seu tratamento.²⁰

A osteomielite é um importante tipo de infecção relacionada a assistência em saúde, sendo frequentemente associada a bactérias resistentes a múltiplas classes de antibióticos.²¹ Todavia, estudos de acompanhamento do perfil microbiológico e de resistência dessas infecções ainda são bastante escassos na literatura, tornando difícil a comparação adequada dos dados obtidos neste trabalho.

O HU-UNIVASF atua principalmente como referência em trauma e atendimentos ortopédicos, sendo centro de referência no tratamento de osteomielite na região. Neste estudo, tivemos uma predominância de pacientes do sexo masculino entre a quarta e quinta década de vida, com osteomielite predominantemente de causa pós-traumática, acometendo principalmente os membros inferiores, dados esses que vão de acordo com estudos similares, tal como uma análise publicada pelo Instituto de Ortopedia e Traumatologia na cidade de São Paulo.²⁰

A principal causa de internamento e de trauma ósseo dos pacientes presentes neste estudo são acidentes automobilísticos. Sendo assim, podemos perceber, conforme descrito na literatura, uma grande contribuição dos traumas de alta energia, bem como procedimentos cirúrgicos, que foram realizados em todos os pacientes presentes neste estudo, como fatores de risco para o desenvolvimento de osteomielite, havendo uma ausência de disseminação hematogênica nesses pacientes.²²

De acordo com os resultados evidenciados neste estudo, onde obtivemos um tempo de internamento relativamente elevado, tendo uma média de 57 dias, onde todos os pacientes necessitaram de procedimentos cirúrgicos, sendo que desses, 30,76% foram



procedimentos de urgência, podemos inferir que, conforme descrito na literatura^{21,22}, a osteomielite é uma patologia de alta complexidade, com alta taxa de morbidade. A taxa de mortalidade nacional da osteomielite é considerada baixa, o que corresponde com o único óbito encontrado neste estudo.

Neste trabalho foram analisadas 56 culturas de 26 pacientes, sendo isolados cerca de 18 agentes, sendo os mais comuns o *Acinetobacter baumannii*, *Staphylococcus aureus* e *Enterobacter cloacae*, que compreendiam cerca de 37,5% de todos os agentes isolados. Das bactérias encontradas, 60% pertenciam ao grupo dos cocos Gram-positivos e 40% são bacilos Gram-negativos na cultura de fragmento ósseo em geral, e na cultura de síntese em geral a distribuição se encontrava em 50% para os dois grupos. Ainda na cultura de síntese em geral, interessantemente todos os patógenos encontrados apresentavam igual prevalência, o que provavelmente indica que não há um perfil bacteriano ainda definido dessa cultura no HU-UNIVASF.

Ao investigar a literatura²³ é descrito que o *A. baumannii* apresenta cepas multirresistentes, sendo resistente a grande parte dos antibióticos usados na prática clínica, como aminoglicosídeos, carbapenêmicos e cefalosporinas de 3º e 4º geração, e tais dados corroboram com os dados encontrados no nosso trabalho, onde as cepas de *A. baumannii* apresentaram sensibilidade apenas quando foi empregado o uso de Sulfametoxazol + Trimetoprima, com cerca de 66,6% de efetividade, apresentando 100% de resistência para os demais antibióticos testados.

Tal fato é preocupante, pois demonstra um baixo arsenal terapêutico disponível para ser utilizado nas infecções mediadas por esse agente, que estão cada vez mais frequentes na prática clínica, conforme constatado neste estudo. O *A. baumannii* tem sido cada vez mais alvo de estudos nos últimos anos, principalmente pelo fato de essa bactéria ter uma grande capacidade de desenvolver mecanismos de resistência aos antibióticos, sendo responsável por uma alta morbidade e mortalidade em pacientes críticos.²⁴

Segundo Arnold et al²⁵, o agente *Staphylococcus aureus* está entre os principais causadores da osteomielite, onde foram identificadas 67% de cepas resistentes a

metilina. Tal fato corrobora com o obtido neste estudo, haja vista que *S. aureus* foi um dos três agentes mais frequentes encontrado, sendo que nas cepas isoladas também foi observado resistência à metilina.

As bactérias do gênero *Enterobacter* estão principalmente relacionadas com infecções nosocomiais, resultando principalmente em bacteremia e infecções de sítio cirúrgico, e frequentemente levam a internações em Unidade de Terapia Intensiva. A osteomielite por *Enterobacter* costuma ser menos comum que de outras bactérias, mas neste estudo o *E. cloacae* foi a terceira bactéria mais prevalente. O aumento desse tipo de infecção é preocupante pois é um gênero de bactérias com crescente resistência a antibióticos.²⁶

Cefalosporinas de primeira e segunda geração não são efetivas contra infecções de *Enterobacter*, e as de terceira geração são conhecidas por levar a quadros multirresistentes. O tratamento aceitável é geralmente com cefalosporinas de quarta geração ou carbapenêmicos, principalmente meropenem e imipenem são documentados de terem boa eficiência contra *E. cloacae*, o que é correspondente com os achados desse estudo. Neste estudo também foi identificada alta sensibilidade dessa bactéria à amicacina. Cepas resistentes a carbapenêmicos podem ser tratadas com polimixina B, tigeciclina e fosfomicina.²⁷

5. CONCLUSÃO

O presente estudo mostrou que os três principais agentes da osteomielite no Hospital Universitário do UNIVASF são o *Enterobacter cloacae*, *Staphylococcus aureus* e o *Acinetobacter baumannii/calcoaceticus complexus*. O estudo evidenciou um percentual reduzido de sensibilidade a quase todos os antibióticos para *E. cloacae*, testados na cultura de síntese geral. Algo diferente do *A. baumannii* que possui um perfil de resistência alta, e parece ter uma maior prevalência de cepas resistentes no hospital. Enquanto que o *S. aureus*, *E. faecalis* e *K. pneumoniae* apresentam perfis de resistência razoáveis em comparação ao *A. baumannii*. Esses resultados, portanto, implicam no uso dos antibióticos, cujos carbapenêmicos parecem ser boa escolha para a osteomielite em detrimento da ampicilina, que



por exemplo, apresentou uma elevada resistência a tais agentes.

Quanto as faixas etárias avaliadas, indivíduos idosos não implicaram num tempo de internação maior. Observa-se que não há uma preferência quanto a faixa etária nas amostras de fragmento ósseo ou material de síntese. Os únicos fatores que influenciaram no tempo de internamento foram: o gênero, o foco de infecção e perfil bacteriano. Posto que a variável tempo de internamento é complexa, pois envolve diversos aspectos da amostra e prognóstico na osteomielite. No estudo em questão, todos os pacientes precisaram de cirurgia, e a maior parte foram admitidos por conta de traumas de alta energia. Mulheres que desenvolveram em cultura apenas gram-negativos apresentaram um tempo de internação mais curto do que os homens. Por outro lado, os pacientes com foco de infecção em membro inferior demonstraram um tempo de internamento maior em comparação com pacientes com foco em membro superior.

6. REFERÊNCIAS

1. World Health Organization. Guidelines on Core Components of Infection Prevention and Control Programmes at the National and Acute Health Care Facility Level. World Health Organization, 2016.
2. STORR J, et al. Core components for effective infection prevention and control programmes: new WHO evidence-based recommendations. *Antimicrob Resist Infect Control*. 2017.
3. Infection Prevention and Control (IPAC) Canada. Infection Prevention and Control (IPAC) Program Standard. *Can J Infect Control*. 2016 December;30(Suppl):1-97
4. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Boletim Segurança do Paciente e Qualidade em Serviços de Saúde nº 14, 2016. .
5. Braga IA, Campos PA, Gontijo-Filho PP, Ribas RM. Multi-hospital point prevalence study of healthcare-associated infections in 28 adult intensive care units in Brazil. *Journal of Hospital Infection*. 2018 Jul;99(3):318–24.
6. World Health Organization. Global Action Plan on Antimicrobial Resistance. 2015. 28 p. ISBN: 9789241509763.
7. Cassini A, Högberg LD, Plachouras D, Quattrocchi A, Hoxha A, Simonsen GS, et al. Attributable deaths and disability-adjusted life-years caused by infections with antibiotic-resistant bacteria in the EU and the European Economic Area in 2015: a population-level modelling analysis. *The Lancet Infectious Diseases*. 2019 Jan;19(1):56–66.
8. Bastos IDM, Bastos BDM, Silva CF, Silva KSB, Naue CR. Perfil bacteriano de amostras microbiológicas de pacientes internados na Clínica Cirúrgica de um Hospital Universitário de Pernambuco. *VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde*. 2020 Jul 21;32(1):108–21.
9. Coelho TLF, Jericó RC, Pereira TJ, Silva CF, Naue CR. Perfil bacteriano das infecções hospitalares de pacientes cirúrgicos em um hospital terciário. *HU Revista*. 2021 Aug 11;47(1982-8047):1–7.
10. Andrade CW de Q, Silva KSB, Santana MMR, Oliveira AV de, Guimarães MD, Naue CR. Etiologia e resistência de isolados bacterianos de hemoculturas da Sala de Cuidados Intermediários de um Hospital Universitário em Pernambuco. *Research, Society and Development*. 2021 Jun 25;10(7):e37510716605.
11. Amando YBD, Medrado BSB, Peres SLL, Soares HA, Naue CR. Perfil clínico, epidemiológico e microbiológico dos pacientes internados no setor de cirurgia geral do Hospital Universitário da Universidade Federal do Vale do São Francisco. *VITTALLE - Revista de Ciências da Saúde*. 2020 Dec 22;32(3):45–55.
12. Guisande TCCA, Sarmento SS, Naue CR, Santana MMR, Silva BMS, Silva CF. Bacterial profile of surfaces and equipment of the Orthopedic Clinic of a University Hospital. *Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção*. 2021 Jul 6;11(2).
13. Gonçalves GR, Lima RS de, Silva KSB, Oliveira KR de, Guimarães MD, Naue CR. Ocorrência e perfil de sensibilidade e resistência de bactérias isoladas de culturas de aspirados traqueais de um Hospital Universitário do Sertão de Pernambuco. *Research, Society and Development*. 2021 Oct 24;10(14):e23101421550.
14. Ministério da Saúde. Critérios Diagnósticos de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde. 1ª Edição, 2013.



- 15.Boaventura JEM, Cordeiro ALAO, Barros CSMA, Moreira BSG, Lobo JO, Pedreira LC. INFECÇÕES DE SÍTIO CIRÚRGICO: INCIDÊNCIA E PERFIL DE RESISTÊNCIA ANTIMICROBIANA EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA. Revista Baiana de Enfermagem. 2020 Feb 17;33(2178-8650).
- 16.Santos JC, Ferreira ALCCA, Paiva BG de, Quirino HV, Silva HRS, Borges KNG, et al. Osteomielite: análise epidemiológica da doença no Brasil entre 2009 a 2019. Medicina (Ribeirão Preto). 2021 Dec 20;54(3).
- 17.Lima TK. Internações por osteomielite em Santa Catarina: evolução e custos no período 2008-2016 [tese]. Palhoça (SC): Universidade do Sul de Santa Catarina. UNISUL. 2019;
- 18.Naue CR, Leite MIM, Colombo A, Silva CF. Prevalência e perfil de sensibilidade antimicrobiana de bactérias isoladas de pacientes internados em Unidade de Terapia Intensiva de um hospital universitário do Sertão de Pernambuco. Semina: Ciências Biológicas e da Saúde. 2021 Feb 2;42(1):15.
- 19.Andrade CW de Q, Silva KSB, Santana MMR, Oliveira AV de, Guimarães MD, Naue CR. Perfil microbiológico das culturas de pacientes internados na Sala de Cuidados Intermediários de um Hospital Universitário. Research, Society and Development. 2021 Jul 28;10(9):e38410918301.
- 20.de Carvalho VC, de Oliveira PRD, Dal-Paz K, de Paula AP, Félix C da S, Munhoz Lima ALL. Gram-negative osteomyelitis: clinical and microbiological profile. The Brazilian Journal of Infectious Diseases. 2012 Jan;16(1):63–7.
- 21.Peleg AY, Hooper DC. Hospital-Acquired Infections Due to Gram-Negative Bacteria. New England Journal of Medicine. 2010 May 13;362(19):1804–13.
- 22.Yang, J., Yao, J.-L., Wu, Z.-Q., Zeng, D.-L., Zheng, L.-Y., Chen, D., ... Peng, L. (2021). Current opinions on the mechanism, classification, imaging diagnosis and treatment of post-traumatic osteomyelitis. Chinese Journal of Traumatology. doi:10.1016/j.cjtee.2021.07.006
- 23.Ricas RV, Marques TC, Yamamoto ACA. Perfil de resistência de *Acinetobacter baumannii* a antimicrobianos em um hospital universitário de Cuiabá-MT. Infarma Ciências Farmacêuticas 2013; 25(4): 178-81.
- 24.Falagas ME, Bliziotis IA, Siempos II. Attributable mortality of *Acinetobacter baumannii* infections in critically ill patients: a systematic review of matched cohort and case-control studies. CritCare 2006;10(2);48.
- 25.Arnold SR, Elias D, Buckingham SC, Thomas ED, Novais E, Arkader A et al. Changing patterns of acute hematogenous osteomyelitis and septic arthritis: emergence of community-associated methicillin-resistant staphylococcus aureus. J Pediatr Orthop 2006;26:703-8.
- 26.Ramirez D, Giron M. Enterobacter Infectios. StatPearls Publishing, Treasure Island, Jan 2022. PMID: 32644722.
- 27.Sanders WE, Sanders CC. Enterobacter spp.: pathogens poised to flourish at the turn of the century. Clin Microbiol Rev. 1997 Apr;10(2):220-41



**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A PACIENTES ONCOLÓGICOS
EM CUIDADOS PALIATIVOS NO DOMICÍLIO: ELABORAÇÃO DE UMA
CARTILHA DE CUIDADOS**

**NURSING CARE TO ONCOLOGICAL PATIENTS IN PALLIATIVE
CARE AT HOME: THE DEVELOPMENT OF A GUIDEBOOK FOR HEALTH
CARE**

**Karina Nardelli¹, Rebecca Christy Souza Punchard¹, Aline Andressa
Marcante¹, Tania Mara da Silva².**

¹ Discente do Curso de Enfermagem da Pontifícia Católica do Paraná, Curitiba, Brasil.

² Docente do Curso de Enfermagem da Pontifícia Católica do Paraná, Curitiba, Brasil.

E-mail: karinanardelli_1@hotmail.com

RESUMO

Introdução: Os Cuidados Paliativos, de acordo com a OMS (2022), objetivam proporcionar conforto ao paciente diante do avanço de uma doença sem cura, aliviando os sintomas associados. Os cuidadores informais não estão preparados para oferecer cuidados específicos, havendo a necessidade de orientação por profissionais de saúde (FREITAS, 2019). **Materiais e métodos:** Pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica, utilizando o método "Scoping Study". A revisão incluiu artigos, manuais e estudos científicos relacionados ao tema. **Resultados:** Elaboração de uma cartilha com 15 páginas contendo orientações sobre curativos em feridas oncológicas, compressas, conforto ambiental, dor, mudança de decúbito, banho, planilha de medicações e vias de administração, cuidados com sonda vesical e contatos de emergência. **Discussão:** A pesquisa explicitou a necessidade de elaborar uma cartilha para os cuidadores, que desconhecem cuidados por serem leigos e devido à inexperiência com doenças complexas. **Conclusão:** A Cartilha possibilita aos cuidadores a melhoria no conhecimento e organização. Assim, eles poderão desempenhar seu papel de forma mais efetiva, em domicílio, oferecendo maior conforto com redução da angústia relacionada aos avanços da neoplasia. **Palavras-chaves:** Cuidados paliativos; Neoplasia; Luto; Enfermagem; Cuidados básicos.

ABSTRACT

Introduction: Palliative Care, according to the WHO (2022), aims to provide comfort to the patient facing an incurable disease, alleviating associated symptoms. Informal caregivers are often not prepared to provide specific care, highlighting the need for guidance from healthcare professionals (FREITAS, 2019). **Materials and Methods:** This study consisted of a qualitative literature review using the "Scoping Study" method. The review included articles, manuals, and scientific studies related to the topic. **Results:** The outcome was the development of a 15-page booklet containing guidance on wound care for oncological wounds, compresses, environmental comfort, pain management, changing body position, bathing, a medication chart with administration routes, urinary catheter care, and emergency contacts. **Discussion:** The research highlighted the need to create a booklet for caregivers who lack knowledge due to their non-professional status and lack of experience with complex diseases. **Conclusion:** The booklet enables caregivers to improve their knowledge and organization, allowing them to fulfill their role more effectively at home, providing greater comfort and reducing the distress associated with the progression of neoplasia. **Key words:** Palliative care; Neoplasm; Mourning; Nursing; Basic health care.



1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (2022), Cuidados Paliativos são os cuidados de saúde que buscam promover conforto ao paciente e seus familiares, diminuindo o sofrimento por meio da prevenção e alívio dos sintomas, devido a progressão ou impossibilidade de cura da doença.

Segundo Monho *et al.* (2021) o adjetivo e substantivo “Paliativo” advém do latim, “Paliado”, e remete ao ato de “cobrir com uma capa; encobrir, disfarçar”, simbolizando a proteção no processo de morrer. Assim, Monho afirma que, segundo Twycross (2005), os Cuidados Paliativos são uma abordagem adotada pela equipe multidisciplinar no estágio onde a doença não responde mais aos tratamentos curativos.

Na década de 1960, a inglesa Cicely Saunders, enfermeira, médica e assistente social, idealizou e criou o movimento moderno ao implementar os cuidados paliativos no St. Christopher Hospice, na cidade de Londres, no Reino Unido (HERMES e LAMARCA, 2013). Desde então, os Cuidados com pacientes com doenças consideradas ameaçadoras da vida contam com profissionais melhor preparados para prestarem Cuidados Paliativos. No início de 2020, estimativas do Global Atlas of Palliative Care apontam que 56,8 milhões de pessoas precisavam de cuidados paliativos, sendo grande parte pacientes oncológicos (CONNOR, 2020). Deste total, apenas 12% tinham acesso ao cuidado, e 76% vivem em países de média e baixa renda, como o Brasil (OLIVEIRA, 2021). Deste modo, Silva *et al.* (2021), defendem a necessidade de criação de táticas para um cuidado seguro e eficaz em ambiente doméstico pelos cuidadores e a The Lancet Oncology Comissão (2013), reforça a necessidade de aumentar recursos, pesquisa e educação destinados ao

tratamento do câncer, uma vez que a relação custo-benefício nos cuidados paliativos é boa e apenas uma fatia irrisória do produto interno Bruto (PIB) desses países é destinada a esse fim.

Os cuidados paliativos têm como base a vida em sua essência, mas não cogitam acelerar e nem prolongar a morte. O objetivo é acalmar e aliviar os sintomas decorrentes da condição do paciente, auxiliando familiares e cuidadores no enfrentamento desse momento difícil e que frequentemente não estão preparados para encarar e aceitar a despedida que se aproxima. (SANTOS *et al.*, 2018; COSTA e DA SILVA, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2021). Diante do indivíduo com uma condição de saúde debilitante, o familiar cuidador e os profissionais precisam, em equipe, oferecer uma assistência integral, assegurando cuidados que atendam adequadamente às necessidades do indivíduo.

Ao final da vida, o enfermo e familiares perante a situação que se encontra, tem suas angústias e medos maximizados diante da morte iminente, os quais o cuidador possui proximidade. Estes sentimentos ocorrem devido a perda de funções, efeitos colaterais do tratamento antineoplásico e sintomas de incômodo do paciente (SCHMIDT; GABARRA; GONÇALVES, 2011). As famílias de pacientes com neoplasia maligna na maioria das vezes não estão preparadas para oferecer cuidados, sendo necessário a orientação de um profissional de saúde quanto a execução de procedimentos específicos, proporcionando conforto, segurança ao paciente e suporte para os cuidadores-familiares que convivem com um ente querido com doença oncológica (FREITAS, 2019). Assim, os cuidadores exercem funções desconhecidas, à maioria deles, em relação a medicamentos, realização de curativos, higiene, entre outras, além da preocupação com o agravamento do



quadro e com a proximidade da morte desse familiar (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Alguns cuidados que o cuidador informal executa é auxiliar na alimentação, ajudar a conduzir o paciente na sua movimentação, cuidar da integridade da pele, realizar a higiene, realizar cuidados com as eliminações, atuar na elaboração das refeições no cuidado do preparo desses alimentos, além de realizar atividades domésticas, como lavar roupa e manter a casa limpa e em ordem (MARCON, 2006). A principal cuidadora a exercer essa função passa a ser a mulher mais cotada, onde ela adquire a formação de cuidadora através de experiências do cotidiano e essas experiências passam a ser construídos nesse convívio e nas interações com outros cuidadores informais (COELHO, 2004).

Os cuidados primários são aqueles cuidados que são responsáveis e delegados para que a maior parte das tarefas sejam realizadas com o paciente aos cuidados básicos, nos cuidados secundários são realizados também os cuidados como os primários, porém há uma diferença, porque eles não possuem nenhuma responsabilidade e não tomam nenhuma decisão na atuação de cuidados básicos. O terciário atua em tarefas simples nas questões financeiras, realizando as compras e pagamentos, sem ter um vínculo com a responsabilidade nos cuidados, porém em um pequeno período, pode substituir o cuidador primário (ELIOPOULOS, 2005).

O cuidado domiciliar favorece e permite uma proximidade e aproximação com a família, sendo nesse cenário que nasce a função do cuidador informal, que realiza cuidados sem nenhuma remuneração ou sem vínculos registrados, classificados como autônomos (ELIOPOULOS, 2005).

Vários autores apontam que dentre os sintomas que o paciente oncológico apresenta, a “dor” se destaca

e impacta diretamente na qualidade de vida do paciente com neoplasia avançada, juntamente com a fadiga (BARBOSA *et al.*, 2020). É o sintoma que aparece com mais repetições e por um longo período, em cerca de 50% a 90% das situações, diminuindo e impactando a qualidade de vida e que dificulta o seu tratamento (PORTELA e MODENA, 2018). Outro sintoma comum encontrado com frequência é a constipação, decorrente ao uso de opióides para alívio da dor, descrita entre 23% a 84% dos casos (KOLANKIEWICZ, 2017; MENDES, 2019).

Segundo a Política Nacional de Atenção Básica da Portaria nº 2.436 de 21 de setembro de 2017, é dever que o enfermeiro deverá realizar uma estratégia na assistência ao cuidado, promovendo uma ação com a equipe interdisciplinar para pacientes oncológicos na atenção primária (BRASIL, 2017).

É necessária essa ligação da equipe multidisciplinar para o apoio à família sobre o conhecimento do diagnóstico do familiar por meio de planejamento em conjunto, realizando uma abordagem com mais ênfase nos cuidados a serem realizados (BUBER, 2001).

A justificativa deste trabalho seria a exaustão que os cuidadores de pacientes em cuidados paliativos oncológicos enfrentam devido a elevada carga de trabalho físico e psicológico, problemas relacionados ao convívio social, dependência de cuidados e falta de recursos financeiros, que geram sensações de perda de controle, angústia, receio, sacrifício, autocrítica e podem acarretar no adoecimento do cuidador (FERREIRA *et al.*, 2010). Os autores afirmam também que os cuidados paliativos devem ser preferencialmente realizados na residência do paciente, a fim de proporcionar um ambiente acolhedor nos estágios finais da vida, e



que os familiares de enfermos que morrem em casa percebem que seus entes são mais bem atendidos em casa, gerando satisfação, apesar da grande demanda de trabalho.

Com isso, temos como objetivo elaborar um instrumento no formato de cartilha com orientações acessíveis ao cuidador e cuidados que podem proporcionar maior conforto ao paciente oncológico.

Diante do explicitado anteriormente, determinamos o seguinte problema da pesquisa: É possível auxiliar os cuidadores a prestarem assistência domiciliar aos pacientes oncológicos por meio de uma cartilha ilustrada com cuidados de baixa complexidade?

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de revisão de literatura, utilizando o método ‘Scoping Study’, também reconhecido como estudo de escopo, foi escolhido pois busca localizar toda a literatura relevante sobre o tema de interesse independente do desenho de estudo, com questões de pesquisa mais amplas e tem como objetivos mapear os principais conceitos que amparam determinada área de conhecimento (CORDEIRO, SOARES, 2019). O método conta com seis etapas, definidas por Arksey e O’Malley (2005), sendo elas: **1ª etapa:** Definição da pergunta de pesquisa; **2ª etapa:** Identificação de estudos relevantes; **3ª etapa:** Seleção dos estudos; **4ª etapa:** Extração dos dados; **5ª etapa:** sumarização dos dados e relatório dos resultados; **6ª etapa:** Consulta com especialistas e interessados, sendo que a última etapa não será desenvolvida por considerar que as cartilhas base já foram validadas pelos responsáveis antes da publicação.

A busca pelas publicações para inclusão no estudo foi norteadas pelos

descritores: Cuidado paliativo, neoplasia, luto e enfermagem e ocorreu em setembro de 2022 a maio de 2023, na base Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), sendo que nesta busca foram utilizados como critério de inclusão os filtros de bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online). O Google foi incluído como ferramenta de pesquisa, pois os manuais governamentais e de instituições dedicadas ao tratamento do câncer e aos cuidados paliativos foram encontrados por esse mecanismo e apresentam a maioria dos cuidados selecionados para compor a cartilha. Os critérios de exclusão: idioma português, período temporal de 2018 a 2023, texto completo e que contivesse pelo menos um dos descritores. Os critérios de exclusão: artigos captados com os descritores utilizados na busca, mas que não correspondiam aos critérios de inclusão e artigos duplicados.

Dos descritores associados utilizados (Cuidado Paliativo, Neoplasia, Luto, Enfermagem e Cuidados Básicos), resultaram em um total de 405 artigos, publicados em um período de 5 anos, de 2019 a 2023. Destes, considerando os critérios de inclusão e exclusão, foram encontrados 83 artigos com resumo de acordo com o tema e selecionados 55 artigos para análise na íntegra, com informações relevantes para utilizar na pesquisa.

À seleção dos 55 artigos, observou-se que as publicações indexadas em periódicos científicos não continham todos os cuidados passíveis de utilização e realização em ambiente familiar e que podem trazer conforto a pacientes oncológicos em estágio avançado. Para que a cartilha se tornasse mais abrangente, foram utilizados os manuais publicados pelo Ministério da Saúde e Instituições ligadas à pesquisa e tratamento do câncer, e incluídos o:



Manual de Cuidados Paliativos da Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), o Manual de Cuidados Paliativos, do Hospital Sírio Libanês com aprovação do Ministério da Saúde e o livro ABC do câncer: abordagens básicas para o controle de câncer, do INCA em parceria com o Ministério da Saúde.

Após a análise de informações das cartilhas, extraímos os cuidados de baixa complexidade, sendo passíveis de execução por cuidadores leigos em ambiente doméstico para a elaboração da cartilha. Para a construção, foi utilizada a ferramenta CANVA para o layout e diagramação da cartilha, e uso de imagens didáticas lúdicas, acessíveis, com fácil linguagem a fim de facilitar o entendimento dos cuidados a serem prestados pelo cuidador ao paciente em âmbito domiciliar.

Após a análise de informações das cartilhas, extraímos os cuidados de baixa complexidade, sendo passíveis de execução por cuidadores leigos em ambiente doméstico para a elaboração da cartilha. Para a construção, foi utilizada a ferramenta CANVA para o layout e diagramação da cartilha, e uso de imagens didáticas lúdicas, acessíveis, com fácil linguagem a fim de facilitar o entendimento dos cuidados a serem prestados pelo cuidador ao paciente no âmbito domiciliar. Assim, a compilação dos dados resultou em uma cartilha com o tamanho de 15 X 21 cm, com 15 páginas.

A coleta de dados para construção da cartilha ocorreu entre os dias 03 e 23 de abril de 2023.



Fonte: As autoras, 2023.

3. RESULTADOS

Ao longo dos anos, a expectativa de vida vem aumentando e a morte é mal vista diante de incontáveis recursos investidos para tentar evitar a terminalidade da vida. No entanto, quando essa extensão de tempo se aproxima do fim, é essencial direcionar atenção aos Cuidados Paliativos, destacando a importância de discutir esses cuidados e a qualidade de vida durante o período que ainda resta (SANTOS *et al.*, 2022).

Os familiares quando optam por Cuidados Paliativos em domicílio para seus entes queridos, que anteriormente estavam internados recebendo assistência hospitalar, recebem pouca orientação sobre os cuidados básicos que devem ser prestados em sua residência para o enfermo e sua condição de saúde (SOUZA *et al.*, 2014). Após receber a alta hospitalar, as inseguranças, incertezas e preocupações começam a surgir entre amigos e familiares do enfermo, além das dúvidas de como realizar os cuidados (ROCHA *et al.*, 2019). A cartilha oferecerá orientações que auxiliam nesses cuidados, proporcionando maior



segurança e maior conforto para o paciente e familiares. Espera-se que o conhecimento ofertado pela mesma resulte em um maior conforto para o paciente e familiares.

Alguns autores definem que os cuidados informais são aqueles que são desempenhados pelos próprios familiares mais próximos, podendo ser o próprio companheiro(a), filhos, genitores e em alguns casos amigos e vizinhos do paciente que necessitam de zelo (KENT *et al.*, 2016).

Diante do câncer, pode ocorrer o aparecimento de feridas neoplásicas, as quais são caracterizadas por dor, exsudato, odor fétido, sangramento, prurido, infecções, fístulas e desfiguramento corporal progressivo. Por isso, deve ser essencial o manejo adequado a esses sintomas, para que se evite ao máximo que o paciente vivencie sofrimento físico e psicológico e sensação de 'desgosto' a si mesmo (BERNARDINO *et al.*, 2022). A cartilha também auxiliará na aceitação do paciente à sua condição, ao orientá-lo a melhorar o manejo dos sintomas e cuidados. Tem como título: Cuidados ao paciente com neoplasia maligna em cuidado paliativo domiciliar, e terá dimensão de 15x21, com 15 páginas, frente e verso, com uma linguagem informal fácil de ser compreendida e com ilustrações. A mesma baseia-se em manuais e atlas educativos de cuidados paliativos e artigos científicos, e foi organizada com os seguintes tópicos, considerados de maior relevância: Curativos em feridas oncológicas, Orientação sobre as compressas mornas e frias, A importância de um ambiente calmo e tranquilo para o paciente, componentes da dor, Orientação de Mudança de posição no leito, Benefício que o banho traz para o paciente, Planilha de horários das medicações, Orientações nos cuidados no quarto, Cuidados com a Sonda Vesical de demora, Tipos de administração de

Medicamentos e os Contatos em Casos de Emergências.

Também conta com uma tabela em anexo para ser preenchida pelo cuidador, que o auxiliará na organização dos horários das diversas medicações. A cartilha visa ser um recurso facilitador para o cuidador e fornece um acréscimo no conhecimento do cuidador sobre o cuidado às necessidades do paciente em cuidados paliativos.

4. DISCUSSÃO

A cartilha foi idealizada com a intenção de auxiliar os cuidadores no cuidado paliativo domiciliar, aprimorando a assistência aos pacientes com neoplasia maligna de baixa complexidade. Mesmo sabendo que em muitos países a questão dos cuidados paliativos já é reconhecida e amplamente desenvolvida, como no Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia, que em 2010 estavam no topo do ranking do Índice de Qualidade de Morte do The Economist Journal, no Brasil esse amparo assistencial era muito precário e colocava o país na antepenúltima posição, entre os 40 países avaliados (VICTOR, 2016). A organização dos cuidados paliativos no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) só foi amplamente discutida e oficializada no ano de 2018 por meio da Resolução N.º 41 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2018).

De acordo com a OMS (2018), o número de pessoas que requerem cuidados paliativos tem aumentado anualmente, chegando a cerca de 40 milhões de pacientes, sendo que 14 milhões deles são portadores de câncer. Diante dessa realidade, é crucial fornecer informações aos cuidadores informais sobre a importância de uma assistência adequada e orientá-los sobre como lidar com as necessidades diárias de um paciente que requer cuidados contínuos.



Sobre a assistência domiciliar, Queiroz *et al.* (2013), destacam sua capacidade humanizadora na assistência, envolvendo ativamente a família nos cuidados e no apoio emocional ao paciente. Essa abordagem traz benefícios significativos, tais como a redução de complicações decorrentes de internações hospitalares prolongadas e a diminuição dos custos associados a longos períodos de hospitalização. O cuidado prestado por familiares e cuidadores a um ente querido ou paciente requer além de zelo, um certo conhecimento, para garantir que a assistência seja adequada. No entanto, por não possuírem as informações necessárias sobre como realizar esses cuidados, os cuidadores podem sentir insegurança e receio ao executá-los no ambiente domiciliar (FERNANDES *et al.*, 2016; VIANNA *et al.*, 2017). Em resumo, quando executada de forma adequada e embasada em conhecimento, a assistência domiciliar se configura como uma alternativa acolhedora e eficaz para o cuidado de pacientes, resultando em maior bem-estar geral.

Um dos principais objetivos dos Cuidados Paliativos é permitir que o enfermo tenha autonomia para tomar decisões relacionadas à sua saúde, enquanto também respeita as convicções e desejos do paciente e de sua família diante da situação em que se encontram. Dessa forma, a abordagem da família em relação à condição do paciente depende de como o paciente e a família lidam com a doença e a morte (MACHADO *et al.*, 2019).

Conforme relatório do INCA em 2022 as estimativas de câncer no Brasil para 2023 foram baseadas em uma amostra de 100 mil habitantes, classificados por sexo, região geográfica e tipo de câncer.

5. CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo compreendemos que desde a década de 60, quando a enfermeira Cicely Saunders implementou os cuidados paliativos na cidade de Londres, os cuidados paliativos não tem o objetivo de curar nem acelerar a morte, mas sim um propósito de simplesmente promover o conforto, aliviando seus sintomas.

Segundo a ONU, a estatística é de que o número de pessoas que necessitam de cuidados paliativos irá aumentar, mas nem todos esses pacientes terão os devidos cuidados que necessitam, levando em conta que a cada ano os dados estão com tendência, do ano de 2023, a aumentar, de acordo com as estatísticas do INCA do RJ de 2022, devido às novas patologias do câncer.

No Brasil, apenas em 2018 foi oficialmente notificada a publicação que rege a importância da assistência do cuidado paliativo. Ao longo desses 5 anos, percebemos a importância de orientar os cuidadores nas atividades do cuidado básico com paciente de baixa complexidade, por meio de uma boa intervenção, auxiliando nas atividades prestadas, que muitas vezes são realizadas pelos cuidadores sem nenhuma formação ou uma assessoria.

Por isso, a cartilha elaborada tem o objetivo de suprir essa demanda ao conhecimento do cuidador, para que ele não se sinta sobrecarregado e que possa proporcionar o melhor conforto e cuidado ao enfermo com o auxílio desse material. Utilizando a cartilha, a expectativa é de conseguir um melhor planejamento e organização, principalmente com os medicamentos que muitas vezes pela variedade e quantidade podem ser administrado de forma inadequada e como consequência ocasionar reações adversas e nas interações medicamentos assim como toxicidade grave e até a morte do paciente.

Contudo, percebemos a grande importância do cuidador na vida do



paciente, que mesmo sem conhecimentos técnicos, procuram fazer o seu melhor ao cuidado se doando em tempo integral com o enfermo em seu domicílio, aliviando os seus sintomas, trazendo conforto e diminuindo a sensação de medo e angústia com o avanço da doença.

6. REFERÊNCIAS

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. **International Journal of Social Research Methodology**. 2005, York v. 8 n.1, p.19-32. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1364557032000119616> . Acesso em: 15 abr. 2023.

BARBOSA, Islany Soares da Silva *et al.*. Avaliação da Qualidade de Vida de Pacientes Oncológicos em Cuidados Paliativos. **Revista Brasileira de Cancerologia**. 2020, Rio de Janeiro, v. 66, n. 3, p. e-121122. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/1122> . Acesso em: 27 set. 2022.

BERNARDINO, Lilian de Lana; MATSUBARA, Maria das Graças Silva. Construção de um Instrumento para Avaliação do Conhecimento sobre Ferida Neoplásica Maligna. **Revista Brasileira de Cancerologia**. 2022. Rio de Janeiro, v. 68, n. 1, p. e-061377. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/1377> . Acesso em: 27 mai. 2023

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 41, de 31 de outubro de 2018. Dispõe sobre as diretrizes para a organização dos cuidados paliativos, à luz dos cuidados continuados integrados, no âmbito Sistema Único de Saúde (SUS). Diário Oficial da União. Brasília;

nº 225, p. 276, 23 nov 2018. Seção 1. Disponível: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cit/2018/res0041_23_11_2018.html > Acesso em: 27 mai. 2023.

BRASIL. PORTARIA Nº 2.436, DE 21 DE SETEMBRO DE 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Ministério da Saúde, art. 87, 2017. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html#:~:text=Aprova%20a%20Pol%C3%AAdtica%20Nacional%20de,%C3%9Anic%20de%20Sa%C3%BAde%20\(SUS\)>](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html#:~:text=Aprova%20a%20Pol%C3%AAdtica%20Nacional%20de,%C3%9Anic%20de%20Sa%C3%BAde%20(SUS)>) . Acesso em: 19 mai. 2023.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

COELHO, Gleani da Silva. Fundamental no cuidado junto ao idoso com Alzheimer: vivências e experiências de familiares cuidadores compartilhados no diálogo grupal [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ), Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2004. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resorce/pt/lil-394499> . Acesso em: 22 jun. 2023.

CONNOR, Stephen (Ed.). **Global atlas of palliative care**. Segunda edição. Londres, 2020. Disponível em: <http://www.thewhpc.org/resources/global-atlas-on-end-of-life-care> . Acesso em: 27 set. 2022.

CORDEIRO, Luciana; SOARES, Cassia Baldini. Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde**. 2019, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 37-43. Disponível em:



<<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/10/1021863/bis-v20n2-sintese-de-evidencias-qualitativas-37-43.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2022.

COSTA, Brenda Melo; SILVA, Daniel Augusto da. Performance of the nursing team in palliative care. **Research, Society and Development**. 2021, São Paulo, v.10, n.2, p.E28010212553. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12553>>. Acesso em: 28 set. 2022.

D'ALESSANDRO, Maria Perez Soares; PIRES, Carina Tischler; FORTE, Daniel Neves (coord). Manual de cuidados paliativos. São Paulo: Hospital Sírio Libanês, 2020. Disponível em: <<https://cuidadospaliativos.org/uploads/2020/12/Manual-Cuidados-Paliativos.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ELIOPOULOS, Charlotte. **Enfermagem gerontológica**. 5^a ed. Porto Alegre: Artmed; 2005. 533 p.

FERNANDES CS, Angelo M. Family caregivers: What do they need? An integrative review. **Rev Esc Enferm USP**. 2016[cited 2019 abr]; 50(4):672-678. doi: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-623420160000500019>> Acesso em: 27 mai. 2023.

FERREIRA, Fátima *et al.*. Validação da escala de Zarit: sobrecarga do cuidador em cuidados paliativos domiciliários, para população portuguesa. **Cadernos de Saúde**. 2010, Portugal, v.3, n.2, p.13-19. Disponível em: <<https://journals.ucp.pt/index.php/cadernosdesaude/article/view/2806>>. Acesso em: 27 set. 2022.

FREITAS, Marcela de Sousa Honório dos Santos; PACHECO, Patrícia Quintans Cundines; SOUZA, Sônia Regina de. A qualidade de vida do paciente portador de feridas neoplásicas: uma revisão integrativa: The quality of life of the patient with neoplastic wounds: an integrative review. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 88, n. 26, 2019. Disponível em: <<https://teste.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/438>> Acesso em: 6 abr. 2023.

GERONASSO, Martha Caroline Henning; COELHO, Denise. A influência da religiosidade/espiritualidade na qualidade de vida das pessoas com câncer. **Saúde e meio ambiente: revista interdisciplinar**. 2012, Mafra v.1, n.1, p.173-187, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.unc.br/index.php/sma/article/view/227>>. Acesso: 04 jun. 2023.

HERMES, Hélida Ribeiro; LAMARCA, Isabel Cristina Arruda. Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**. 2013, Rio de Janeiro, v.18, n.9, p.2577-2588. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/6RByxM8wLfBBVXhYmPY7RRB/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 set. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA (INCA). **ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer**. 6. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, INCA, 2020. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/livro-abc-6-edicao-2020.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES



DA SILVA (INCA). **Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva**. Rio de Janeiro, INCA, 2022. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//estimativa-2023.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2023.

KENT, Erin E; *et al.* Caring for caregivers and patients: research and clinical priorities for informal cancer caregiving. **Cancer**. 2016, v.122, p.1987-95. Acesso em: <[Caring for caregivers and patients: Research and clinical priorities for informal cancer caregiving - Kent - 2016 - Cancer - Wiley Online Library](#)>. Acesso em: 19 maio. 2023.

KOLANKIEWICZ, ACB, de Souza Magnago TSB, Dos Santos Dullius AI, et al.

Association of demographic, economic and clinical variables in daily activities

and symptoms presented by patients in câncer treatment. **Can Oncol Nurs J**.

2017; 27(4):365-374. Disponível em: <<https://www.scielo.sa.cr/pdf/enfermeria/n36/1409-4568-enfermeria-36-92.pdf>> Acesso em: 22 mai. 2023.

MACHADO, Juliana Costa et al. O fenômeno da conspiração do silêncio em pacientes em cuidados paliativos: uma revisão integrativa. **Enfermería Actual de Costa Rica**. 2019, Costa Rica, n. 36, p. 92-103. Disponível em: <<https://www.scielo.sa.cr/pdf/enfermeria/n36/1409-4568-enfermeria-36-92.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

MARCON, Sonia Silva et al. Famílias cuidadoras de pessoas com dependência: um estudo bibliográfico. **Online Brazilian Journal of Nursing**. 2006. Rio de Janeiro. v. 5, n. 1, p. 165-176. Disponível em:

<[Redalyc.Famílias cuidadoras de pessoas com dependência: um estudo bibliográfico](#)> Acesso em: 29 abr. 2023

MENDES, Lorena Campos; BARICHELLO Elizabeth. Intervenções no manejo da fadiga e qualidade de vida em pacientes em quimioterapia: estudo de revisão. **Cogitare Enfermagem**. 2019, Curitiba, v.24, e.61790. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-8536201900010051>. Acesso em 27 set. 2022.

MONHO, Bruno Miguel Freire *et al.*. A Comunicação Na Promoção Da Dignidade Em Cuidados Paliativos: Desafios Para A Enfermagem. **Revista Baiana De Enfermagem**, Salvador, v.35, p.11-26, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/34788>>. Acesso em: 20 set. 2022.

NASCIMENTO, Maria de Fátima Silva *et al.*. Atuação da enfermagem na assistência ao paciente em cuidados paliativos: uma revisão integrativa. **Nursing**, São Paulo, v.24, n.281, p.6493-6498, 2021. Disponível em: <<https://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/2005/2472>>. Acesso em: 27 set. 2022.

OLIVEIRA, Livia Costa de. Pesquisa em Cuidado Paliativo no Brasil. **Revista Brasileira de Cancerologia**. Rio de Janeiro, 2021, (3): e-031934. Disponível em: <<https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/1934>>. Acesso em: 27 set. de 2022.

OLIVEIRA, Maria do Bom Parto de et al.. Atendimento domiciliar oncológico: percepção de familiares/cuidadores sobre cuidados



paliativos. **Escola Anna Nery**. 2017, Pernambuco, v. 21, n. 2. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/p3fHvKrQS6ZzRNsPzRdB3gs/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 set. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS) **Palliative care**. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/palliative-care>>. Acesso em: 27 set. 2022.

PORTELA, Francine Rosa; MODENA, Celina Maria. Pacientes com câncer avançado: o acesso aos opioides e demais medicamentos para controle da dor. **Revista Brasileira de Cancerologia**. 2018, Rio de Janeiro, v.64, n.2, p.195-201. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rba/a/Kvdp3wckHnmwmTst5zfsqGf/?lang=pt&format=pdf>> . Acesso em 27 set. 2022.

QUEIROZ, Ana Helena Araújo Bomfim et al. Percepção de familiares e profissionais de saúde sobre os cuidados no final da vida no âmbito da atenção primária à saúde. **Ciência & saúde coletiva**. 2013, Rio de Janeiro, v. 18, p. 2615-2623. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/zmtcmKR sXvyfcTcDCvjMRsd/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 28 mai. 2023.

RAMOS, Ana Paula; BORTAGARAI, Francine Manara. A comunicação não-verbal na área da saúde." **Revista CEFAC**. 2012, Campinas, vol.14, n.1, p. 164. Disponível em: <<https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA340636909&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=15161846&p=AONE&sw=w&userGroupName=anon%7E869748c5&aty=open+web+entry>> . Acesso em 25 mai. 2023.

ROCHA, E. de M.; PAES, R. A.; STHAL, G. de M.; SOUZA, A.

Cuidados Paliativos: Cartilha educativa para cuidadores de pacientes oncológicos. **Clinical and Biomedical Research**, [S. l.], v. 39, n. 1, p 40-57, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/article/view/85741>>. Acesso em: 27 maio. 2023.

SANTOS, Jonata Bruno Silva et al. Assistência integral de enfermagem aos pacientes em cuidados paliativos. **Revista Saúde**, Recife, v.11, n.1 ESP, p. 36, 2018. Disponível em: <<http://revistas.ung.br/index.php/saude>> . Acesso em: 27 set. 2022.

SANTOS, A. A.; LOPES, A. O. S.; GOMES, N. P.; OLIVEIRA, L. M. S. de. Palliative care applied to the elderly at home / Cuidados paliativos aplicados em idosos no domicílio. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**. v. 14, p. e-10095, 2022. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/10095>>. Acesso em: 27 maio. 2023.

SAUNDERS, Cicely. Prefácio. In: DOYLE, Derek (Ed.) et al. **Oxford textbook of palliative medicine**. 3a ed. Oxford: Oxford University. 2004. p. 17-20.

SCHMIDT, Beatriz; GABARRA, Letícia Macedo; GONÇALVES, Jadete Rodrigues. Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 21, p. 423-430, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000300015>>. Acesso em: 27 set. 2022.

SILVA, Amina Regina; PETRY, Stefany. As experiências de cuidadores informais de pacientes em tratamento oncológico paliativo: uma revisão integrativa. **Ciência, Cuidado e Saúde**,



v.20, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/55978/751375152005>>. Acesso em: 18 out. 2022.

SOUZA IC, Silva AG, Quirino AC, Neves MS, Moreira LR. Perfil de pacientes dependentes hospitalizados e cuidadores familiares: Conhecimento e preparo para as práticas do cuidado domiciliar. **Rev Min Enferm.** 2014;18(1):164-72.<<https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v18n1a13.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2023.

STRASSER-Weippl K, CHAVARRI-GUERRA T, VILLARREAL-GARZA, et al. Progress and remaining challenges for cancer control in Latin America and the Caribbean. *Lancet Oncol* 2015; 16: 1405–38. Disponível em: <<http://www.thelancet.com/commission/latin-america>>. Acesso em: 09 maio 2023.

THE LANCET ONCOLOGY COMISSÃO. Avanços e desafios remanescentes no controle do câncer na América Latina e no Caribe. Londres, 2015. Disponível em:<<https://www.thelancet.com/pb/assets/raw/Lancet/stories/commissions/latin-america/tlo-commission-series-portuguese.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2023

VIANNA, Maria Leonor Gomes de Sá; SOUZA, Waldir. A espiritualidade dos cuidadores informais de pacientes em cuidados paliativos: Uma reflexão bioética na perspectiva da alteridade. Curitiba, **Estud Teol** [Internet], 2017; 57(2):401-413. Disponível em: <[A espiritualidade dos cuidadores informais de pacientes em cuidados paliativos: uma reflexão bioética na perspectiva da alteridade | de](#)

[Sá Vianna | Estudos Teológicos](#)>. Acesso em: 19 maio 2023.

VICTOR, Germana Hunes Grassi Gomes. Cuidados Paliativos no Mundo. Rio de Janeiro, **Revista Brasileira de Cancerologia**, 2016; 62(3): 267-270. Disponível em: <<https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/download/343/227/1355>>. Acesso em: 05 jun. 2023.



CHANGES IN NUTRITIONAL PROFILE AFTER 6 MONTHS OF BARIATRIC SURGERY: RETROSPECTIVE ANALYSIS OF ACADEMIC STUDY IN BARIATRIC SURGERY-ASBS

Oslei de Matos, Brenda C.C Lenardt¹, Elena M.P Ruthes, Iris Xaviera, Carlos José F. Souza², Leonardo Farah³

¹Laboratory of densitometry, Federal University of Technology, Curitiba, Brazil;

²Angelina Caron Hospital, Campina Grande, Brazil;

³Campos de Andrade University Center

E-mail: osleim@utfpr.edu.br

ABSTRACT

The aim of this study was to verify, through a densitometric laboratory database, the changes in the nutritional profile of women after 6 months of bariatric surgery. **Methods.** A total of 23 Brazilian women aged 40.8 ± 10.4 yrs were included in this study. The sample was recruited at densitometric laboratory database. The analysis was made between 2018 to 2019. Body composition assessments were performed through dual-energy X-ray absorptiometry immediately before and after 6-months Roux-en-Y gastric bypass (RYGB). Data collected pre and post RYGB were included. Food consumption occurred by method of food record, which used data on total caloric intake, macronutrient and micronutrient intake. The collected data was evaluated using the nutritional software WebDiet. **Results.** Nutritional variables decreased with the exception of the protein and calcium which showed a small increase after surgery following lower calorie intake. Total mass and BMI presented a significant difference, but for the nutritional analysis, despite the important differences between the two stages, they did not present a statistically significant difference. We verified that the Kcal had an important influence in the others nutritional variables in both stages, pre and post surgery, mainly in carbohydrate. **Conclusions.** We conclude that for this sample there was an important change in eating habits after six months of bariatric surgery and these changes together with bariatric surgery may be the cause of changes and maintenance of weight loss in the patients involved. **Palavras-chaves:** Nutritional profile; Bariatric surgery; Dual-energy X-ray absorptiometry; Fracture prevention; Body composition.



1. INTRODUÇÃO

Obesity is a chronic metabolic disease characterized by an increase in body mass, mainly in body fat stores, which in clinical practice is defined by the body mass index (BMI). It is now considered a primary focus for health problems and has become a leading cause of disability and death. Appropriate clinical follow-up should include treating comorbidities and improving the quality of life of obese patients, in addition to prioritizing appropriate weight management goals emphasizing realistic weight loss to reduce health risks. It should be clear that obesity is a chronic disease, so weight control should last a lifetime¹

Bariatric surgery is the most effective treatment for morbid obesity in terms of weight loss, reducing comorbidities and improving quality of life and consequently decreasing the degree of mortality². Is an important therapeutic approach in morbid obesity with significant improvements in cardiovascular risk factors³. European Interdisciplinary Guidelines on Bariatric and Metabolic Surgery, published in 2013 a comprehensive view of surgical possibilities for obesity and related comorbidities, supported by the European Association for the Study of Obesity (EASO)⁴.

However, there are also several adverse outcomes of this procedure, such as excessive loss of muscle mass, malabsorption of macronutrients, hydroelectric disturbance, and increased bone loss⁵. Surgery should be considered for patients aged 18 to 60 years with a BMI ≥ 40.0 kg/m² or with a BMI between 35.0 and 39.9 kg/m² with the presence of comorbidities⁶.

Clinical and nutritional follow-up after surgical procedures becomes important to identify risk factors that lead to insufficient weight loss or weight recovery. Strong evidence indicates that dietary pathology before surgery is an inconsistent predictor of weight loss outcomes, but the existence of dietary pathology after surgery is a more strongly associated predictor⁷. Thus, being diagnosed with an eating disorder after surgery was associated with less weight loss two and three years after surgery⁸.

Therefore, the main objective of this research was to verify the association between

changes in body components and the nutritional profile after 6 months of bariatric surgery.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

2.1. Sample

This is the nutritional analysis of the first data collection (phase I) as part of a longitudinal study carried out by Academic Studies in Bartric Surgery (ASBS), a research group of the Laboratory of Studies in Anthropometry and Densitometry of the Federal University of Technology – Parana- Brazil.

The database showed that 35 women participated in the initial assessment before surgery and of these 23 performed the second assessment 6 months after surgery.

2.2. Inclusion and exclusion criteria

According to the retrospective analysis of the program's database, all participants included in the study were women, being classified as grade II obesity (BMI > 35.0 kg / m²), with comorbidities or with BMI > 40.0 kg/m². To determine reproductive status, a modified Reproductive Aging Workshop (STRAW) staging system was used Executive Summary. The exclusion criterion was only not having participated in the second evaluation 6 months after surgery.

2.3. Measurements

All personal and anthropometric data were obtained through a questionnaire applied on the day of the first assessment and stored in the laboratory's database. The evaluation of body composition was carried out for the whole body, where its components (body mass index, percentage of fat mass, percentage of lean mass and bone mass) were obtained immediately before and after six months of surgical intervention by means of Dual Energy X-Ray Absorptiometry (DXA) (Hologic # Discovery, Mississauga, ON, Canada). The protocol and equipment used to monitor the patients strictly followed the same criteria for the two phases of analysis.

The analysis of food consumption occurred by method of food record, which used data on total caloric intake, macronutrient and micronutrient intake. The collected data was



evaluated using the nutritional software WebDiet.

2.4. Statistical analysis

From the tabulation of the data, the analysis of normality and homogeneity of the sample was used the Shapiro Wilk. As the sample proved to be non-homogeneous sample, we performed Wilcoxon test of paired samples was performed to verify differences in the means PRE and POST moments. For association between variables, was used the Spearman correlation test, and Linear regression to verify the influence between variables. Body composition and nutritional data were tabulated in Microsoft Excel 365 -version 2021. Statistical procedures were performed using

SPSS 17.0 for Windows (SPSS Inc. Released 2008. SPSS Statistics for Windows, Version 17.0. Chicago: SPSS Inc.).

3. RESULTADOS

The main data of this study was obtained by Nutritional and body composition assessment. Food consumption occurred by method of food record, which used data on total caloric intake, macronutrient and micronutrient intake. All evaluations took place on the same day and their results are shown in Table 1.

Table 1. Sociodemographic and Nutritional data for 23 women with mean, Standard Deviation and difference between both.

Variables	Pre Surgery	Post 6 months	Difference	P
Age	40.8 ± 10.4	40.9 ± 10.5	0.1	-
BMI (Kg/m ²)	43.0 ± 3.6	31.7 ± 3.1	-11.3	0.000*
Total mass (Kg)	110.1 ± 13.7	81.4 ± 8.9	-28.7	0.000*
Height (m)	1.60 ± 0.10	1.60 ± 0.10	0	-
Kcal	1496.3 ± 724.6	1235.1 ± 565.7	-261.2	0.301
Carbohydrates (g)	194.9 ± 104.2	153.9 ± 58.4	-41	0.121
Protein (g)	80.1 ± 42.0	72.7 ± 30.0	-7.4	0.627
Lipids (g)	48.4 ± 27.7	45.8 ± 39.0	-2.6	0.693
%Carbo	49.1 ± 8.9	48.5 ± 9.6	-0.6	0.802
%Protein	22.1 ± 7.3	25.1 ± 8.5	3.0	0.299
%Lipids	28.8 ± 7.3	26.4 ± 9.8	-2.4	0.360
Calcium (mg)	496.6 ± 315.5	508.8 ± 305.2	12.2	0.872

*p ≤ 0.05 statistically significant difference.

In table 1 we present the mean values of the comparative variables between two analyzes.

After 6 months of surgery, BMI followed the large body mass losses with less 11.3Kg/m². Overall, nutritional variables decreased with the exception of the protein and calcium witch showed a small increase after surgery. The mean daily calorie intake decreased by 261.2 Kcal. The clinical anamnesis presented as the most cited previous diseases Diabetes (3), Heart Diseases (3), Dyslipidemia (5) and Hypertension (13).

The t-test of paired samples was performed to verify differences in the means PRE and POST stages. We found that for the composition variables, total mass and BMI presented a

significant difference, but for the nutritional analysis, despite the important differences between the two stages, they did not present a statistically significant difference.

To verify the correlation between the variables, the Pearson correlation test was used.

Table 2 Spearman correlation test values between variables and significance

Variables	Rs	p
Total Mass Post and BMI Post	0.733**	0.000



Total Mass Post and Protein Post	-0.462*	0.026
BMI Pre and Post	0.722**	0.000
Kcal Pre and Carbo Pre	0.873**	0.000
Kcal Pre and Protein Pre	0.686**	0.000
Kcal Pre and Lipids Pre	0.852**	0.000
Kcal Post and Carbo Post	0.847**	0.000
Kcal Post and Protein Post	0.778**	0.000
Kcal Post and Lipids Post	0.781**	0.000
Kcal Post and Calcium Post	0.536**	0.008
Carbo Pre and Protein Pre	0.484*	0.019
Carbo Pre and Lipids Pre	0.731**	0.000
Carbo Post and Protein Post	0.463*	0.026
Carbo Post and Lipids Post	0.540**	0.007
Calcium Post and Calcium Post	0.501*	0.015
%Lipids Pre and Calcium Pre	-	0.046
% Lipids Post and Protein Pre	0.419*	0.040
	-	0.040
	0.431*	

**p ≤ 0.01 statistically significant difference

*p ≤ 0.05 statistically significant difference

Table 2 present the correlation analysis and the degree of significance for the variables of body composition and nutritional analysis. The variables of body components showed significant differences between the phases in the comparison of means test and we can prove that these differences also have a strong correlation with Total Mass Pre and Post with 0.878 and BMI Pre and Post with 0.722, both with statistical differences.

Overall the nutritional variables had the strong and statistically significant differences between them, Kcal Pre had a direct influence on the Nutritional variables Pre, and in the same way the Kcal Post represented a strong influence on the Nutritional variables Post. Negative and Moderate correlation occurred

with Lipids and Calcium Pre 0.419* and Lipids Pre and Protein Post.

Table 3 Linear Regression Test for Nutritional variables.

Variable	Influence	p
Kcal Pre and Carbohydrate Pre	87%	0,000**
Kcal Pre and Protein Pre	52%	0,000**
Kcal Pre and Lipids Pre	79%	0,000**
Kcal Post and Carbo Post	71%	0,000**
Kcal Post and Protein Post	60%	0,000**
Kcal Post and Lipids Post	61%	0,000**
Kcal Post and Lipids Post	28%	0,008**

**p < 0,01

In table 3 we presented that Linear regression analysis, we can verified that the Kcal had an important influence in the others nutritional variables in both moments, pre and post surgery, mainly in carbohydrate.

4. DISCUSSÃO

The presented study showed that after 6 months of surgery, BMI followed the large body mass losses with less 11.3Kg/m². Overall, nutritional variables decreased with the exception of protein and calcium which showed a small increase after surgery. The mean daily calorie intake decreased by 261.2 Kcal. A survey of 2010 patients examined whether dietary changes 6 months after surgery could predict weight change in 10 years. The main findings indicated that the self-reported reduction in energy intake 6 months after bariatric surgery, as well as the higher intake of protein compared to carbohydrate was associated with greater weight loss in 10 years⁹.



In the same line, an evaluation of 50 patients undergoing bariatric surgery analyzed dietary quality and lifestyle to explore this association and identify potential predictors of weight gain in patients after surgery. The main findings were that 54% followed healthy eating habits, and for those who maintained the losses, what stood out the most was: eating a regular breakfast, having greater water intake and eating foods with high dietary fiber content, which included vegetables and fruits. While for those who have regained weight, food choices cited include increased consumption of carbohydrates and simple foods high in sugar, along with a limited intake of fiber and water¹⁰.

The comorbidities that accompany obesity are worrisome. In our study, we found that in the clinical anamnesis, the participants presented as the most cited previous diseases, Diabetes (3), Heart Diseases (3), Dyslipidemias (5) and Arterial Hypertension (13). For Cena, presented a survey that evaluated eating habits and lifestyle patterns, mainly physical activity and smoking, of obese patients undergoing bariatric surgery and concluded that there was a tendency for patients to improve food frequency and eating habits, but activity physical activity and smoking remained unchanged¹¹.

The study found significant differences between body components and a strong correlation with total mass pre and post with 0.878 and BMI pre and post with 0.722. A recent study investigated the association between pre-surgical taste preferences and post-surgical weight gain. Patients who underwent RYGB or Sleeve gastrectomy with at least 2 years of follow-up were included. The results showed that patients with a preference for sweet foods regained 5.5 kg of weight and patients with a preference for salty foods regained 6.1 kg of weight compared to patients with no preference for taste¹². An important aspect of weight loss failure after bariatric surgery is related to the presence of eating disorders. A higher prevalence of binge eating disorder is being observed among patients undergoing bariatric surgery with weight recovery¹³.

The topic of nutritional monitoring to help and maintain weight loss after bariatric surgery is limited, due to generally small sample size, as well as a lack of standardization in this support, without specifying settings, schedules, duration, type of surgery and other important associations¹⁴. However, for us It was clear

that the effects of the surgery and probably of the dietary changes demonstrated in Table 1, that at least until the 6-month follow-up, the loss of body mass was important and followed by the also significant decrease in caloric intake (Kcal -261.2 and BMI -11.3). Israeli researchers investigating the topic recognized the need for more effective and evidence-based guidelines and analyzed several publications on nutritional care for bariatric patients, both pre- and postoperatively, in order to trace more direct and efficient patterns preventing nutritional complications and their physiological consequences¹⁵.

Regarding nutritional quality, we showed that the percentage of protein increased by 3% per day after bariatric surgery, with a high correlation with the decrease in Kcal for the same phase. This can represent an important change in the concentrations and proportions of each nutrient in eating habits. In this line, for Bavaresco Higher protein intake is considered a protective nutritional form against lean body mass loss in any clinical or physiological condition in which rapid mass loss occurs. However, protein intake is generally reduced after bariatric surgery¹⁶.

5. CONCLUSÃO

Nutritional variables decreased with the exception of the protein and calcium witch showed a small increase after surgery. We concluded that the decrease in body components can be occurred by decrease in the Nutritional intake and obviously for restriction surgery. Thus, this study can conclude that there was an important change not only in eating habits but also that there was an important relationship between food and changes in body components after 6 months of surgery.

6. REFERÊNCIAS

- [1] Yumuk V, Tsigos C, Fried M, Schindler, Busetto L, Micic D, Toplak H. European Guidelines for Obesity Management in Adults. *Obesity facts: The European Journal of obesity* 2015;8:402-424.
- [2] Neovius M, Narbro K, Keating C, Peltonen M, Sjöholm K, Agren G, Sjöström L, Carlsson L: Health care use during 20 years



following bariatric surgery. *JAMA* 2012; 308: 1132–1141.

[3] Sjostrom L. Review of the key results from the Swedish Obese Subjects (SOS) trial – a prospective controlled intervention study of bariatric surgery. *J Intern Med.* 2013;273:219–234.

[4] Fried M, Yumuk Y, Oppert JM, Scopinaro N, Torres AJ, Weiner R, Yashkov Y, Frühbeck G: Interdisciplinary European guidelines on metabolic and bariatric surgery. *Obes Facts* 2013; 6: 449–468.

[5] Goldner WS, O’Dorisio TM, Dillon JS, et al. Severe metabolic bone disease as a long-term complication of obesity surgery. *Obes Surg.* 2002;12(5):685–692.

[6] Buchwald H, Estok R, Fahrbach K, Banel D, Jensen MD, Pories WJ, Bantle JP, Sledge I: Weight and type 2 diabetes after bariatric surgery: systemic review and meta-analysis. *Am J Med* 2009;122:248-256.

[7] Meany G, Conceição EM, Mitchell JE (2014) Binge Eating, binge eating disorder and loss of control eating: Effects on weight outcomes after bariatric surgery. *Eur Eat Disord Rev* 22:87–91 [PubMed: 24347539]

[8] Kalarchian MA, King WC, Devlin MJ, Marcus MD, Garcia L, Chen J-Y, Yanovski SZ, Mitchell JE (2016) Psychiatric disorders and weight change in a prospective study of bariatric surgery patients: A 3-year follow-up. *Psychosom Med* 78:373–81 [PubMed: 26569540]

[9] Kanerva N, Larsson I, Peltonen M, Lindroos AK, Carlsson LM. Changes in total energy intake and macronutrient composition after bariatric surgery predict long-term weight outcome: findings from the Swedish Obese Subjects (SOS) study. *Am J Clin Nutr.* 2017;106(1):136-145.

[10] Masood A, Alsheddi L, Alfayadh L, Bukhari B, Elawad R, Alfadda AA. Dietary and Lifestyle Factors Serve as Predictors of Successful Weight Loss Maintenance Postbariatric Surgery. *J Obes.* 2019;2019:7295978. Published 2019 Feb 12. doi:10.1155/2019/7295978

[11] Cena H, De Giuseppe R, Biino G, et al. Evaluation of eating habits and lifestyle in patients with obesity before and after bariatric surgery: a single Italian center experience. *Springerplus.* 2016;5(1):1467. Published 2016 Sep 1. doi:10.1186/s40064-016-3133-1

[12] Zhang, Y.; Nagarajan, N.; Portwood, C.; Smith, K.R.; Kamath, V.; Carnell, S.; Moran, T.H.; Steele, K.E. Does taste preference predict weight regain after bariatric surgery? *Surg. Endosc.* 2020, 34, 2623–2629

[13] Mauro MFFP, Papelbaum M, Brasil MAA, Carneiro JRI, Coutinho ESF, Coutinho W, Appolinario JC. Is weight regain after bariatric surgery associated with psychiatric comorbidity? A systematic review and meta-analysis. *Obes. Rev* 2019; 20:1413-1425.

[14] Isabel Cornejo-Pareja, María Molina-Vega, Ana María Gómez-Pérez, Miguel Damas-Fuentes and Francisco J. Tinahones Factors Related to Weight Loss Maintenance in the Medium–Long Term after Bariatric Surgery: A Review. *J. Clin. Med.* 2021, 10, 1739. <https://doi.org/10.3390/jcm10081739>

[15] Sherf Dagan S, Goldenshluger A, Globus I, et al. Nutritional Recommendations for Adult Bariatric Surgery Patients: Clinical Practice. *Adv Nutr.* 2017;8(2):382-394.

[16] Bavaresco M, Paganini S, Pereira Lima T, Salgado W Jr, Ceneviva R, Dos Santos JE, Nonino-Borges CB: Nutritional course of patients submitted to bariatric surgery. *Obes Surg* 2010; 20: 716–721.



**CONTRIBUIÇÃO DAS COMPETÊNCIAS REALIZADAS DURANTE O
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PARA A PRÁTICA PROFISSIONAL DO
ENFERMEIRO: REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA**

**CONTRIBUTION OF SKILLS ACHIEVED DURING THE RESIDENCE
PROGRAM TO THE PROFESSIONAL PRACTICE OF NURSES: A NARRATIVE
LITERATURE REVIEW**

Vitória de Lucena Santos¹, Marilin Horl²

¹ Discente do Curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil.

² Docente do Curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil.

E-mail: vitoriadelucena@gmail.com

RESUMO

O presente estudo trata-se de uma revisão narrativa de literatura, que objetivou conhecer o que a literatura especializada em saúde, dos últimos dezoito anos, traz a respeito das competências adquiridas na residência e como favorecem a prática profissional do enfermeiro. A busca dos artigos ocorreu nos bancos de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e na *Scientific Electronic Library* (SciELO). Dos 330 artigos encontrados, após a leitura na íntegra, 05 se enquadravam nos critérios de inclusões e foram analisados. Os estudos mostraram a importância da residência na obtenção e melhoria de competências, que veem fragilizadas da graduação, além de fatores que aumentam a sua aquisição. **Palavras-chaves:** Enfermagem; Competência; Residência.

ABSTRACT

The present research is a narrative literature review, which aimed to know what the literature specialized in health, from the last eighteen years, brings about the competency acquired in residency and how they favor the professional practice of nurses. The search for articles took place in the databases of the Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) and the Scientific Electronic Library (SciELO). Of the 330 articles found, after reading them in full, 05 met the inclusion criteria and were analyzed. The studies showed the importance of residency in obtaining and improving competency, which are debilitate in graduation, in addition to factors that increase their acquisition. **Keywords:** Nurse; Residency, Competency.



1. INTRODUÇÃO

A educação baseada em competência valoriza a aprendizagem do acadêmico, o aprender a aprender e a construção do saber individual à luz das interações pessoais e sociais. Ela aproxima o saber teórico da prática clínica (COSTA, 2004).

Atualmente, sendo guiadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, é exigido um novo perfil de profissional baseado no desenvolvimento e na avaliação das competências propostas pelo Ministério da Educação (LIMA, 2005). Não apenas no Brasil há essa necessidade, como diversos países e instituições estão focadas no amadurecimento e desenvolvimento de competências para a promoção da saúde, por exemplo, Canadá, Austrália e Israel (PINHEIRO, 2015).

No decorrer dos anos, houve um grande crescimento de oferta de Programas de Residências Multiprofissionais no Brasil. Para TORRES (2019), este efeito exponencial nos guia a refletir sobre a importância desse modelo de especialização lato sensu perante o processo de educação continuada dos profissionais de saúde.

O objetivo desse modelo de educação foi estruturado nos pilares do Sistema Único de Saúde (SUS), possibilitando que o objeto de transformação profissional seja o próprio processo de trabalho, uma vez que, no cenário prático clínico, o profissional aprimora um olhar crítico no cotidiano dos serviços e utiliza soluções formativas e articuladas das mais variadas profissões da saúde com o foco na construção do saber unificado (FERREIRA, 2019; FEUERWERKER, 1999; SENA, 1999; SILVA, 2013).

Além do preparo técnico científico o Profissional de Saúde Residente adquire a segurança profissional para o amadurecimento das atividades práticas da sua profissão, compreende a necessidade de um aprendizado complementar, integra-se com as equipes no local da prática, o que acarreta uma melhor condição de trabalho e elevação do padrão de qualidade do atendimento institucional (HADDAD, 2012).

Destaca-se que o Programa de Residência possui um diferencial na formação do profissional Enfermeiro, pois aproxima o aprendizado de suas competências, proporciona um espaço de lapidação do conhecimento e habilidades, além da confiança que o residente

desenvolve no cotidiano de suas funções, sempre com segurança e motivação.

Dessa forma, é oportuna a realização dessa revisão narrativa com objetivo de identificar as contribuições das competências desenvolvidas durante o Programa de Residência para a prática profissional do Enfermeiro.

2. METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, de caráter descritivo e exploratório, optou-se pela abordagem quantitativa, do tipo revisão narrativa de literatura, por ser um estilo que permite a visualização do estado da arte da temática delimitada, o auxílio na fundamentação e na construção do saber científico que nos encaminha a refletir sobre a prática clínica (BRUM et al., 2015).

Utilizando a pergunta norteadora “As competências realizadas durante o Programa de Residência Multiprofissional e Uniprofissional contribuíram para prática profissional do enfermeiro?” se iniciou a busca de produções na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO Brasil). Foram utilizadas as palavras chaves “Residência”, “Competência” e “Enfermagem”, além do operador booleano “and”.

Foram utilizados como **critérios de inclusão:** artigos em português que abordem o Programa de Residência em área de atuação da Enfermagem publicados entre 2005 e março de 2023. A escolha pelo ano de 2005 foi devido a publicação da Lei 11.129, que instituiu a Residência em Área Profissional da Saúde (BRASIL, 2005). As referências dos artigos foram verificadas com a finalidade de identificar outros artigos que atendam os critérios de inclusão.

Como **critérios de exclusão** artigos que possuíssem custos para aquisição do artigo completo ou que não deixassem claro as competências desenvolvidas durante a residência.

Após a busca, foram encontradas 330 produções científicas com as palavras chaves “residência” AND “enfermagem” AND “competência”. Desse total, 300 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios propostos anteriormente. Dos 30 selecionados, 04 apresentaram duplicação nas bases de dados, restando 26 artigos. Após leitura na íntegra, 20

foram excluídos por não responderem à questão norteadora e ao objetivo da pesquisa. Restaram cinco artigos que passaram a compor o *corpus* de análise para este estudo.

Em seguida, foi realizada uma leitura fluante dos cinco artigos que posteriormente foram agrupadas e extraídas as informações, utilizando o instrumento constituído. Foi utilizado o programa Excel para reunir e sintetizar as informações-chaves

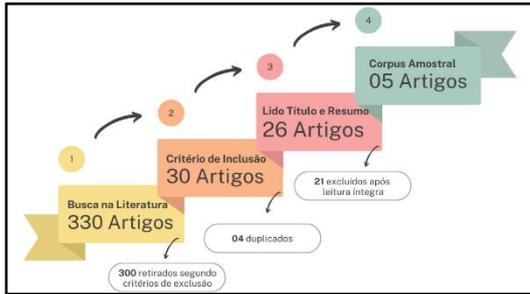


Figura 1. Fluxograma da Seleção dos Artigos. **Fonte:** A autora, 2023

3. RESULTADO

Os cinco estudos selecionados foram encontrados nas seguintes bases eletrônicas: **04** (BVS) e **01** (SciELO). Para auxiliar na visão geral, foi elaborado um quadro, com as caracterizações dos estudos.

Após leitura crítica dos artigos, foram catalogados 55 trechos onde explicitavam as competências, habilidades e atitudes que a Residência oportunizou aos enfermeiros residentes. Esses trechos puderam ser organizados em 05 categoria mais frequentes, sendo: Aperfeiçoamento profissional, Desenvolvimento Interprofissional, Habilidade Prática; Teoria na Prática, Processo de Enfermagem, Gestão em Enfermagem. Além disso, os artigos também apresentaram fatores que influenciam o desenvolvimento de competências durante a residência e fatores que levam a escolha da residência como modelo de especialização.



Figura 2. Principais categorias encontradas nos Artigos. **Fonte:** A autora, 2023

Quadro 1 – Caracterização das publicações perante Autores/Títulos/Ano/Contribuições da Residência na Vida Profissional do Enfermeiro.

Autores – Título - Ano	Contribuições da Residência na Vida Profissional do Enfermeiro
(A1) Leite, M.S.B.S.; <i>et al</i> Percepção dos enfermeiros sobre desenvolvimento de competências durante a residência. (2020)	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Agregar a teoria à prática ▪ Desenvolvimento do interprofissional ▪ Gestão em Enfermagem ▪ Habilidade prática ▪ Maturidade Profissional ▪ Processo de Enfermagem



<p>(A2) Ramos T.M.; <i>et al</i> <i>Formação na residência de enfermagem na Atenção Básica/Saúde da Família sob a ótica dos egressos.</i> (2018)</p>	<ul style="list-style-type: none">▪ Gestão em Enfermagem▪ Maturidade Profissional▪ Política▪ Processo de Enfermagem▪ Raciocínio Clínico
<p>(A3) Sassi M.M.; <i>et al</i> <i>Residência multiprofissional em urgência e emergência: a visão do profissional de saúde residente.</i> (2017)</p>	<ul style="list-style-type: none">▪ Agregar a teoria à prática▪ Desenvolvimento do interprofissional▪ Gestão em Enfermagem▪ Habilidade prática▪ Maturidade Profissional▪ Processo de Enfermagem▪ Raciocínio clínico
<p>(A4) Zanoni C.S.; <i>et al</i> <i>Contribuições da residência em enfermagem na atuação profissional de egressos.</i> (2015)</p>	<ul style="list-style-type: none">▪ Agregar a teoria à prática▪ Aperfeiçoamento Profissional▪ Atuar com Ética▪ Desenvolvimento do interprofissional▪ Gestão em Enfermagem▪ Habilidade prática▪ Processo de Enfermagem▪ Ser agente transformador▪ Visão Crítica

<p>(A5) Landim S.A.; <i>et al</i> <i>Residência multiprofissional em saúde da família: vivência hospitalar dos enfermeiros</i> (2012)</p>	<ul style="list-style-type: none">▪ Agregação da teoria à prática▪ Aperfeiçoamento profissional▪ Desenvolvimento do interprofissional▪ Experiência e Maturidade Profissional▪ Habilidade prática▪ Processo de Enfermagem▪ Raciocínio Clínico
--	--

Fonte: A autora, 2023

4. DISCUSSÃO

Tendo por base o processo prático alinhado a um suporte teórico, a residência tem como sua principal característica o aperfeiçoamento profissional. Em todos os artigos utilizados, foi possível identificar trechos que elencaram o desenvolvimento dessa competência.

Em (A1), por exemplo, tem-se a fala de uma residente a afirmar: “a gente tem oportunidade de desenvolver vários procedimentos, que na vida acadêmica, a gente não havia realizado.”. Silva (2013) justifica a escolha do recém-formado à realização de uma Residência, em decorrência de sanar as fragilidades vistas na graduação, da necessidade de aprofundar o conhecimento e de vivenciar a prática para um desenvolvimento profissional mais completo.

Como apontam os artigos (A3), (A4) e (A5), são principalmente os enfermeiros recém-formados os mais atraídos para essa modalidade de pós-graduação entre vendo a possibilidade de melhoria da capacidade técnica, por meio da realização de procedimentos, da aplicabilidade do Processo de Enfermagem e do raciocínio clínico, competências estas, essenciais para prática da enfermagem. Garcia (2005) ainda justifica, que essa escolha pela Residência propicia ao enfermeiro recém-habilitado a maturidade e a experiência prática, importantes ao mercado de trabalho. Silva (2013) corrobora com essa ideia ao destacar a necessidade que o mercado de trabalho apresenta, bem como sua



exigência por uma gama cada vez maior de competências específicas.

Sob esse prisma, **(A3)**, **(A4)** e **(A5)**, entendem a residência como um caminho que facilita a futura inserção no mercado do trabalho, considerando as oportunidades que ocorrem ao longo dessa modalidade de especialização para que esse futuro profissional se torne competente e atenda às exigências que lhe são impostas.

Diante disso, mesmo que suas normativas não explicitem o objetivo de suprir as lacunas deixadas pela graduação, por tudo o que aqui foi exposto, entende-se que a Residência se torna um excelente lugar de lapidação do Enfermeiro generalista aliada a uma formação de recursos para o SUS, foco central dessa formação.

O desenvolvimento interrelacional é mais um fator citado pelos cinco artigos como experiência importante para sua prática. **(A3)** explica que compreendeu as contribuições dos variados profissionais da saúde, como farmacêutico, assistente social e outros, em cada caso estudado e sua importância dentro do setor. Esta integralidade das ações de saúde é o foco das atividades realizadas nas Residências Multiprofissionais na área, uma vez que reúnem em um mesmo espaço de trabalho e formação, diversos saberes e fazeres (SILVA, 2019).

Olhando para o espaço Uniprofissional, alguns relatos também apresentaram experiências de aprendizado promovidas pelos preceptores e coordenadores, que auxiliaram no desenvolvimento das, já citadas, competências (ARAÚJO, 2023).

As atividades práticas no Programa de Residência, se mostraram como fator primordial para formação e desenvolvimento de competências como apresentaram os artigos **(A1)**, **(A3)**, **(A4)** e **(A5)**. Os procedimentos de enfermagem, como passagem de Sonda Nasoenteral, curativos especiais e oxigenoterapia, são parte fundamental da assistência e ações de rotina, constituindo, contudo, atividades pouco desenvolvidas na graduação.

Erdmann (2011) apresenta o aumento exponencial e desordenado da graduação baseando o seu crescimento como uma resposta à pressão da demanda do ensino superior e de grupos interessados em acumular um capital na educação. O autor também afirma que não foram observadas ações contínuas para uma adequada expansão, tampouco uma política

para a melhoria acadêmica. Consequentemente, temos uma diminuição da qualidade do ensino, gerando impactos na prática profissional desse acadêmico.

Além disso, **(A1)**, **(A3)**, **(A4)** e **(A5)**, compreendem que a prática, por ser a maior parte da carga horária na residência, necessita de embasamento teórico concreto para sua realização plena e efetiva. Mendes (2020) justifica a conexão entre a prática e a teoria, visto a facilidade com que a inserção dos residentes no contexto real da prática do cuidado contribui para seu entendimento. Para este autor, uma deve sustentar a outra, estando intimamente conectadas. Sua fala vai ao encontro da proposta do Ministério da Educação que determina um mínimo de 5.750 horas no Programa de Residência, sendo divididas em 20% de aulas teóricas e 80% de aulas práticas (BRASIL, 2021). Uma vez que prática e teoria andam lado a lado, estas fazem do programa de residência um modelo de especialização ímpar no processo de formação profissional.

O Processo de Enfermagem (PE), conceituado pela Resolução do Conselho Federal de Enfermagem nº 358/2009 como um “instrumento metodológico que orienta o cuidado profissional de enfermagem e a documentação da prática profissional” é dividido em cinco etapas: Coleta de dados de enfermagem (ou histórico de enfermagem), Diagnóstico de enfermagem, Planejamento de enfermagem, Implementação e Avaliação de enfermagem, sendo estas fases inter-relacionadas, interdependentes e recorrentes.

Destaca-se que o Processo de Enfermagem foi citado por todos os artigos, como habilidade basilar ao enfermeiro. Em **(A2)**, por exemplo, a respeito do Processo de Enfermagem, uma residente assim se expressa: “aplicar o processo de enfermagem, é o que mais diferencia o ex-residente daquele profissional que não fez a residência.”

Além disso, em contexto significativo, **(A5)** acredita que o residente desenvolve a competência de raciocínio e crítica, tornando o sujeito coadjuvante na sua própria formação, o que deve ser estimulado desde o primeiro período da graduação e materializado em sua prática profissional diária, pois contribui de forma primordial ao desempenho da profissão e à tomada de decisão (FARIA, 2021).

Tem-se, assim, a partir da avaliação precisa com extração dos sinais e sintomas,



estado de risco e fatores relacionados, uma melhoria na promoção de saúde do paciente (HERDMAN, 2015) Isto é, não há uma utilização efetiva do Processo de Enfermagem sem o raciocínio clínico nesse sentido a Residência, torna-se um cenário ideal para o desenvolvimento dessa competência e sua expertise leva a uma atuação profissional com maior segurança e efetividade.

O gerenciamento e a administração do cuidado, citados em (A1), (A2), (A3) e (A4), são uma atribuição do profissional enfermeiro diretamente ligada à busca pela qualidade assistencial (TREVISO, 2017).

Sob esse prisma, os Enfermeiros devem desenvolver competências que auxiliem na organização de sua prática, avaliando os recursos tecnológicos, organizacionais e humanos disponíveis (RUTHES, 2009).

(A3) também apresenta a dificuldade e o despreparo que os residentes tiveram de aplicar na prática essas competências, mesmo com o auxílio da teoria. Sade (2015) expõe a mesma dificuldade com enfermeiros e egressos da graduação.

Além disso, Meira (2015) em seu estudo com 15 gestores de serviços de saúde salienta a necessidade de ampliação das disciplinas gerenciais, bem como da valorização da “Liderança” como habilidade que aglutina múltiplas competências a exemplo da “Gerência e Administração” demandadas para um exercício pleno da Enfermagem. De igual modo, Leal (2018) defende que o trabalho assistencial e gerencial do enfermeiro é indissociável e que sua negação leva ao não reconhecimento do próprio trabalho e das suas especificidades. Dessa forma, o desenvolvimento desta competência é primordial ao funcionamento pleno de uma boa assistência.

5. CONCLUSÃO

Ao finalizar estas linhas, entendemos que a presente revisão narrativa de literatura cumpriu com seu objetivo principal ao identificar as contribuições das competências desenvolvidas durante o Programa de Residência para a prática profissional do Enfermeiro.

Os resultados aqui apresentados demonstraram que as competências adquiridas nos Programas de Residências Brasileiras favorecem a prática profissional do enfermeiro

e desempenha um papel fundamental na obtenção e melhoria de competências profissionais, que veem fragilizadas da graduação, como raciocínio clínico, gerenciamento, entre outras. O que identifica, através de vários processos transicionais, uma mudança na execução do enfermeiro resultando em modificações na vida e nos ambientes dos atores envolvidos. (MELEIS *et al.*, 2009).

Esta pesquisa também possibilitou a visualização dos fatores que influenciam no desenvolvimento das competências e os que levaram à escolha da modalidade pelo recém-graduado.

Outrossim, sugere-se que a residência em enfermagem deva ser considerada como padrão ouro e caminho indispensável para um aprimoramento da prática e da teoria após a graduação posto que proporciona um espaço de lapidação do conhecimento e das habilidades. Os acadêmicos e os recém-formados podem utilizar deste trabalho como base para delimitar sua escolha após a graduação

Dada a importância do assunto, sugere-se o incremento em estudos e pesquisas de enfermagem, que discutam e aprofundem a temática apresentada, uma vez que seu desenvolvimento impacta diretamente na prática profissional do enfermeiro e de seu entorno.

Por fim, foi possível demonstrar a necessidade de que a profissão de enfermagem exige conhecimentos, habilidades e atitudes que interajam entre si de forma dinâmica, não apenas tecnicamente, mas, principalmente, com foco na pessoa, na família e na comunidade.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Mayssa da Conceição et al. Preceptorship contributions to the development of clinical and managerial skills in nursing residency. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online]. 2023, v. 76, n. 2 [Accessed 31 August 2023], e20220510. Available from: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0510> <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0510pt>>. Epub 12 May 2023. ISSN 1984-0446. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2022-0510>.

BRASIL, Ministério da Saúde e Ministério da Educação. Portaria Interministerial nº 7,



de 16 de setembro de 2021. Diário Oficial da União, n. 177, Brasília, DF, 17 set. 2021

COFEM, Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 358 de 15 de outubro de 2009. Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem, e dá outras providências. Brasília (DF); 2009.

COSTA, A. (2004). Quatro questões sobre a noção de competências na formação de professores: o caso brasileiro. *Revista de Educação*. 12(2), 95-106.

ERDMANN, Alacoque Lorenzinni; FERNANDES, Josicelia Dumê; TEIXEIRA, Giselle Alves. Panorama da educação em enfermagem no Brasil: graduação e pós-graduação. *Enfermagem em foco*, [online] v. 2, n. SUP, p. 89-93, 2011 [Accessed 31 August 2023], disponível em <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2011.v2.nSUP.91>

Faria G, Carvalho AA, Semczyszczym VSS, Nogueira S, Bianqui LC, Pereira EA, Souza FLS, Romanha LM. Raciocínio clínico em enfermagem: uma revisão bibliográfica. *Saber Científico*. [Internet]. 2020 [Accessed 31 August 2023];9(2):73-84. Available from: <http://revista.saolucas.edu.br/index.php/resc/article/view/1305/pdf>

GARCIA, L. A. M. Competências e habilidades: você sabe lidar com isso? *Educação e Ciência On Line*. Brasília: Universidade de Brasília, 2005. Disponível em http://miniweb.com.br/Atualidade/entrevistas/Profa_Lenise/competencias.pdf, [Accessed 31 August 2023]

HERDMAN TH., von Krog G. A taxonomia II da NANDA Internacional 2015-2017 Em: NANDA International.

LEAL JAL, Melo CMM. The nurses' work process in different countries: an integrative review. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2018;71(2):413-23. doi:

<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0468> » <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0468>

Lima VV. Competência: distintas abordagens e implicações na formação de profissionais de saúde. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2005 [Accessed 31 August 2023]; 9(17):369-79. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/icse/v9n17/v9n17a12.pdf>

MEIRA MDD, Kurcgant P. Competências de egressos graduados em enfermagem: avaliação de gestores empregadores. *Rev. Cienc. Gerenc.* [Internet]. 2015 [Accessed 31 August 2023]; 19(30). Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/rcger/article/view/3666>.

MENDES, Tatiana de Medeiros Carvalho et al. CONTRIBUTIONS AND CHALLENGES OF TEACHING-SERVICE-COMMUNITY INTEGRATION. *Texto & Contexto - Enfermagem* [online]. 2020, v. 29 [Accessed 31 August 2023], e20180333. Available from: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0333>. Epub 03 Feb 2020. ISSN 1980-265X.

Pinheiro, Denise Gonçalves Moura et al. Competencies em promoção da saúde: desafios da formação. *Saúde e Sociedade* [online]. 2015, v. 24, n. 1 [Acessado 31 Agosto 2023], pp. 180-188. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000100014>. ISSN 1984-0470.

Ruthes, Rosa Maria e Cunha, Isabel Cristina Kowal Olm. Competências do enfermeiro na gestão do conhecimento e capital intelectual. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online]. 2009, v. 62, n. 6 [Acessado 31 Agosto 2023], pp. 901-905. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000600016>. Epub 22 Jan 2010. ISSN 1984-0446.

SADE, Priscila Meyenberg Cunha e Peres, Aida Maris. Development of nursing management competencies: guidelines for continuous education services. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* [online].



2015, v. 49, n. 6 [Acessado 31 Agosto 2023], pp. 988-994. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0080-623420150000600016>>. ISSN 1980-220X.

SILVA, Cinthia Alves da e Dalbello-Araujo, Maristela Programa de Residência Multiprofissional em Saúde: o que mostram as publicações. *Saúde em Debate* [online]. v. 43, n. 123 [Acessado 31 Agosto 2023] , pp. 1240-1258. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201912320>>. ISSN 2358-2898.

SILVA, R. M. O. Especialização em enfermagem sob a forma de residência: experiência transicional na trajetória das egressas. 2013. 285 fls. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal da Bahia – Escola de Enfermagem, Salvador. 2013.

TREVISÓ, Patricia et al. Competências do enfermeiro na gestão do cuidado. *Revista de Administração em Saúde*, v. 17, n. 69, 2017.

TORRES, Rafael Bruno Silva et al. Estado da arte das residências integradas, multiprofissionais e em área profissional da Saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação* [online]. 2019, v. 23 [Acessado 31 Agosto 2023] , e170691. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.170691>>. Epub 21 Jan 2019. ISSN 1807-5762.

ZANONI, Camila Severi et al. Contribuições da residência em enfermagem na atuação profissional de egressos. *Semina: Ciências Biológicas e da Saúde*, Londrina, v. 36, n. 1, p. 215-224, 2015.



JAMIL SNEGE E A CRÔNICA ALÉM DO CHÃO

JAMIL SNEGE AND THE CHRONICLE BEYOND THE GROUND

Ralf Pirilo Faeda¹

Orientador: Prof^o.Dr^o. Marcelo Alcaraz²

Curso de Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – Uniandrade.

¹ Mestrando do Curso de Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – Uniandrade.

² Doutor em Literarura (UFSC) e Pós-Doutor pela Universidade do Minho, Portugal, docente do

E-mail: ralf.faeda@gmail.com

RESUMO

Surgida em um contexto urbano, produto híbrido da ascensão do jornal e do início da queda do interesse pelo livro, a crônica se desenvolveu de maneira bastante particular no Brasil, adaptando o tom informal de seus primeiros dias à realidade nacional do final do século XIX. Parte da crítica literária, em razão da aparente despreensão da crônica, dedicou-se a relegar a ela o papel de gênero menor, e aos cronistas uma casca de irreverência e leveza nem sempre condizente. Ao retratar a cidade e o sujeito que a ocupa e a constrói, coube ao cronista bem mais do que o mero papel de distrair leitores. O olhar do cronista, que não vem do alto e tampouco cola-se ao chão, encara a cidade com os olhos que sabem ver, dispostos a evidenciar as minúcias do cotidiano. Na tentativa de realçar o olhar arguto do cronista e questionar a pretensa leveza da crônica, este artigo apresenta uma análise do livro “Como tornar-se invisível em Curitiba”, do escritor Jamil Snege. **Palavras-chave:** cronista; Jamil; Snege; Curitiba.

ABSTRACT

Emerged in an urban context, a hybrid product of the rise of the newspaper and the fall of interest in books, the chronicle developed in a very particular way in Brazil, adapting the informal tone of its early days to the national reality of the late 19th century. Part of literary criticism, due to the apparent unpretentiousness of the chronicle, dedicated itself to relegating it the role of a minor genre, and to the chroniclers a shell of irreverence and lightness that is not always consistent. By portraying the city and the person who occupies and builds it, the chronicler had much more to do than the mere role of distracting readers. The chronicler's gaze, which does not come from above nor is it glued to the ground, faces the city with eyes that know how to see, willing to highlight the minutiae of everyday life. In an attempt to enhance the chronicler's astute look and question the alleged lightness of the chronicle, this article presents an analysis of the book "Como tornar-se invisível em Curitiba", by the writer Jamil Snege. **Keywords:** chronicler; Jamil; Snege; Curitiba.



1. INTRODUÇÃO

Como ocorre a outros gêneros literários, a crônica resiste a sucumbir a definições e limites rígidos. Normalmente, ao referir-se a ela, recorre-se a sínteses que, embora encontrem eco na gênese deste gênero, não correspondem com fidelidade ao seu papel real na literatura, sobretudo se se leva em conta a produção contemporânea. O texto leve e descompromissado, portanto, comumente associado ao cronista, bem como o teor humorístico e seu caráter efêmero, aparentemente sem intenção de alcançar a posteridade, representam apenas parte deste gênero híbrido – parte que, embora relevante, destoa de um quinhão considerável de autores que insinuam o grave e o irônico sob o texto breve e supostamente desprezioso da crônica.

Surgida há cerca de um século e meio no Brasil, quando o jornal, enquanto veículo, aumentava sua circulação e tornava-se cotidiano e rentável, a crônica de então dividia espaço com os chamados romances-folhetins. À moda francesa, os jornais passam paulatinamente a substituir a supremacia do livro físico ao publicar nas primeiras páginas de suas edições cotidianas obras divididas em capítulos, advento que atraiu diversos escritores (e novos leitores) para este veículo, em uma relação de duplo ganho.

Em paralelo, já no corpo interno das edições, além das notícias e da publicidade, os jornais passam a publicar uma miríade de conteúdos distintos, abordando desde traduções e resenhas até poesia e ensaios, imitando o formato em voga nos veículos franceses de então (MEYER, 1998). É neste terreno *sui generis* entre a literatura e o jornalismo que a crônica se estabelecerá, não sem antes aprimorar-se em estilo e temática:

Quando o palácio do livro estilhaçou-se sob o olhar do espectador moderno, seus fragmentos produziram pequenas partículas volantes, histórias mínimas, uma tal de literatura menor que fora se alojar, sem dor nem pesar, na morada portátil do jornal. Seu nome: crônica.

Vestígio, entulho, ruína daquilo que era heterônimo, incompleto, despedaçado, leve demais, para que o livro a quisesse, a crônica proclama a primazia do fragmentário sobre o

total, das pequenas histórias sobre a História total. (SANTOS, 2009, p. 17)

O estigma de “gênero menor” sintetizado por Antonio Candido parece aferrar-se à crônica brasileira desde sua gênese, em boa parte graças à crítica literária. A título de confirmação, bastam os exemplos de Afrânio Coutinho, que em seu livro *A literatura no Brasil*, não inclui a crônica no que ele define como gênero narrativo, aqueles de “natureza estritamente literária” (COUTINHO, 1997, p. 117); tampouco Massaud Moisés dá à crônica um protagonismo literário, definindo o cronista como aquele que opta por “voos dentro de estreita gaiola, na minúscula parcela da realidade” (MOISES, 1997, p. 108) que se abre à crônica.

Tais críticas, ao que parece, aplicam-se mais aos primeiros anos da produção de crônicas no país, quando imperava neste gênero a tentativa de soar trivial e leve como sua congênere francesa. Ocorre que tais características contrapunham-se a própria realidade da sociedade brasileira de então, ainda entrevada pela escravidão e pela conturbada vida política dos primeiros anos da República, de maneira que tanto o tom quanto a temática das crônicas vão paulatinamente se ajustando. Nomes como Machado de Assis e José de Alencar muito contribuíram para abrigar este gênero que, de resto e partir de então, cresceu em importância “pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 2003, p. 89).

Tal originalidade, sobretudo sob a pena de escritores hábeis cujo interesse pelas páginas dos jornais crescia, fez da crônica brasileira um espaço privilegiado de produção literária. Se o romance e as novelas do período, grosso modo, abordavam a vida doméstica, as confissões da alcova e os dilemas amorosos de uma elite degenerada, a crônica dá voz a novos atores, ou seja, “enquanto o romance-folhetim tem ainda os olhos voltados para o interior burguês, a crônica já nasce no “olho” da rua e com os olhos voltados para a rua” (SANTOS, 2009, p. 16). Ao cronista, passa a ser necessário ajustar o fazer literário ao tempo veloz do jornal, “essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou para forrar o chão da cozinha”, nas palavras de Antonio Candido. Isso resulta em um texto que demanda artifícios que, quando



bem elaborados, resistem ao teste do tempo, pois a crônica ideal

parece penetrar agudamente na substância íntima de seu tempo e esquivar-se da corrosão dos anos, como se nela se pudesse sempre renovar, aos olhos de um leitor atual, um teor de verdade íntima, humana e histórica impresso na massa passageira dos fatos esfarelado-se na direção do passado. (ARRIGUCCI, 1987, p. 53)

Não por acaso, esse olhar típico do cronista encontrará a cidade, o transeunte. É na rua que reside o material primordial e mais costumeiramente abordado nas crônicas. Ali, como um detetive (ou um repórter), o cronista se alimenta do corriqueiro e, com grandiloquência ou não, evidencia-o sob um prisma inusitado. Para tanto, novamente não cabe restringir o modo com que a crônica serve-se da linguagem, coloquial ou rebuscada, descritiva ou fragmentada, formal ou poética. Conforme veremos mais adiante, muitos são os recursos estilísticos presentes na crônica, sem prejuízo de impacto. O que parece coincidir decisivamente entre os diversos modos de produzi-la é precisamente o ponto de vista do autor.

Gênero fronteiro por natureza, (a crônica) destina-se a estabelecer a ponte de ligação entre a realidade e a fantasia, procurando ver a “cidade” sob as espécies das cidades, e o “personagem” através das configurações individuais. (...) Todos veem, mas o cronista deve saber ver. (ALMEIDA, 2006, p. 202)

É este olhar particular do cronista, também definido por Arrigucci Jr. como “olhos preparados, em meio à vida fragmentária, aleatória e fugaz dos tempos modernos, para a caça de instantâneos” – é possivelmente este olhar que eleva a crônica do chão onde costumam relegá-la, alçando-a um lugar na posteridade não como mero registro de um momento, senão como obra em si.

A crônica liga, assim, o passado (linhagens medievais) e o presente (registro do já); media a literatura canônica e a reportagem para as

massas; transita entre o espaço doméstico, privado, e o movimento das ruas, público; fixa-se na fronteira limítrofe entre a mercadoria e a arte, entre o jornal e o livro. Pela sua inerente ambiguidade, documenta para sempre, à parte a transitoriedade que a habita, um tempo pioneiro em que a casa sagrada do livro esfarelou-se em partículas móveis, cujo campo de experiência não é mais o transcendente, mas a experiência viva e palpável da cidade. (SANTOS, 2009, p. 18)

Híbrida e múltipla, palatável ou indigesta, seja pela sagacidade do tema, seja pelo trabalho de aproximação ao coloquial da linguagem ou, como bem representa o autor abordado neste artigo, Jamil Snege, seja pela ironia cortante que emprega, a crônica representa o gênero que melhor aborda o cotidiano da vida veloz na cidade.

2. A CIDADE AO RÉS DO OLHAR

Se, conforme vimos, a crônica é um gênero literário que nasce e se desenvolve em simbiose com a expansão dos jornais, também é verdade que na urbe o cronista encontrará seu tema mais frequente. Em sua gênese, abordando desde a confusão típica das cidades, com seus cruzamentos cada vez mais densos e suas fábricas cada vez maiores, passando pelos cafés e bares apinhados, até os tipos mais característicos que povoavam o painel recém-formado das metrópoles, a crônica abrigará com generosidade esse novo viés da modernidade.

O cronista, então, assume o papel de retratar, através de seus textos, essa realidade diversa e difusa. Tanto melhor o conseguirá quanto mais for capaz de aderir ao cotidiano, visto não mais de cima, sob um viés acadêmico ou aristocrático, tampouco restringindo o foco ou o tom a trivialidades. É quando coloca o pé na rua e, sem se curvar, olha a cidade ao seu redor que o cronista eleva a crônica de sua condição desprezível à intenção de posteridade.

Daí, portanto, que ao cronista seja possível adjetivar, sem prejuízo da verdade, de tantas e tão diversas maneiras. Se no capítulo anterior já ficou mencionado o viés detetivesco



e jornalístico que exala da crônica tradicional, acrescenta-se aqui o caráter popular e a linguagem coloquial que boa parte dos cronistas emprega, a tal conversa fiada, o papo de bar.

Este homem das multidões, que averigua compassadamente cada rua, acaba por converter a própria cidade em personagem, transformando-a em relato – “o relato do espaço atravessado que vê o percurso como estrutura narrativa” (CARERI, 2015, p. 31), de maneira a entender o ato de caminhar como inerente à própria condição humana e sua capacidade de contar histórias.

Trazendo a análise para o mote deste artigo, não é preciso muito esforço para verificar nas crônicas de Jamil Snege, conforme veremos, uma relação visceral com a cidade de Curitiba, embora a temática do autor nem de longe se restrinja à capital paranaense. De alguma forma, porém, um traço característico que liga Snege à maioria dos cronistas é a tentativa de “capturar a alma da rua”¹ ou, para evocar hábitos mais profundamente arraigados, *deambular* em busca do “inconsciente da cidade”². Ambas as expressões são outra forma de dizer que o cronista, não raro, lança a si mesmo como parte da cidade.

Provinciana e ainda em transformação sob os olhos de Snege (e sob sua influência, pode-se afirmar, visto que, como integrante da equipe que Jaime Lerner montou para repaginar a percepção da capital paranaense, o publicitário Jamil contribuiu para construir a imagem da *Curitiba Oficial*, a qual, ironicamente, combateria em sua abordagem literária), não seria de todo adequado equipará-lo ao clássico *flâneur* observado por Benjamin – que se referia a outro contexto e prática.

Mais do que isso, se Curitiba não é Paris e Jamil não foi Baudelaire, também não cabe a todo cronista o *flâneurismo*, tanto menos àquele cuja paisagem local é mais bucólica e menos pujante que a cidade-luz no século XIX. Mais do que um observador que retrataria a cidade com uma “percepção aguda, mágica à força de ser ingênua”, o cronista contemporâneo parece fincar os dois pés na realidade, olhando-a com menos vislumbre.

De todo modo, quando retrata uma

cidade diferente da *Curitiba Oficial*, não parece ser outro o intento de Snege além de *inscrever-se* como parte de uma outra cidade que reside junto àquela:

Roubem a iluminação pública, embaralhem todas as ruas, e eu chegarei ao bar Mignon, à Catedral, ao Café da Boca. No máximo com trinta segundos de atraso. Porque Curitiba se tece e se destece, se desfaz e se refaz com a sábia regularidade das teias de aranha. Temos Curitiba inscrita na memória, um plano diretor genético no qual estão previstas as mudanças que ocorrerão nos próximos dez anos. (...) Curitiba se regenera como o rabo cortado de uma lagartixa. (SNEGE, 1994, p. 97)

Ou então – em trecho de outra crônica em que também se pode destacar certo refino da linguagem e ares fantásticos acrescentados ao corriqueiro:

Eu então, sem mais nem menos, tomá-lo-ia nos braços e começaríamos a bailar. (...) E em doce enlevo, a valsar, pisotearíamos os canteiros de fúcias e hibiscos. (...) E os sinos da Catedral a tocar, e a turba delirante a nos aplaudir, atravessaríamos embriagados os passeios até que na extremidade norte da Praça Tiradentes, bem junto ao sinaleiro, um ônibus nos colheria em cheio, espalhando pedaços de nossos miolos pelo asfalto. Lindo!, exclamaria a turba embevecida. E cada qual ao seu destino, pés e pernas, cabeças, transeuntes, a praça readquiriria sua feição normal, apenas o céu azul por testemunha. (SNEGE, 2000, p. 120)

Tal qual o personagem transgressor, o cronista agride os canteiros das praças e cruza os passeios em meio à multidão. Seus miolos espalhados pelo asfalto não chegam a chocar os transeuntes, talvez agradecidos pelo espetáculo proporcionado, talvez porque o cronista, como os canteiros de fúcias e hibiscos, é parte

marginais de Paris tornou-se uma das atividades mais praticadas pelos surrealistas a fim de sondar aquela parte inconsciente da cidade que escapava das transformações burguesas”. (CARERI, p. 31).

¹ “A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações. Ora, a rua é mais do que isso. A rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma”. (RIO, 2008, p.7).

² “O contínuo *deambular* em grupo pelas zonas



constituente da própria cidade.

A seguir, este artigo tratará de analisar um conjunto de crônicas presentes no livro “Como tornar-se invisível em Curitiba”, de Jamil Snege, especificamente aquelas nas quais o autor refere-se à sua cidade natal de maneira que não se classificará como leve e despretensiosa.

3. JAMIL SNEGE: UM OLHAR CRÔNICO SOBRE CURITIBA

Das vinte e cinco crônicas que constituem “Como tornar-se invisível em Curitiba”, livro publicado no ano de 2000, sete falam direta (e especificamente) da cidade-título. A capital paranaense aparece retratada também em outros livros de Jamil Snege, curitibano de nascença e criação, cuja carreira publicitária também se desenvolveu em Curitiba. A “curitibanidade” do autor, emprestando um termo por ele utilizado, embora evidente em sua produção, não foi entendida por ele como um traço fundamental. O trecho a seguir consta no jornal *Gazeta do Povo*, na crônica “A hipótese ornitorrinco”, publicada em março de 2002:

Isso não me isenta, entretanto, de ser envolvido algumas vezes em discussões sobre o que Curitiba tem de bom e de ruim. Invariavelmente, adoto a mesma estratégia: se a maioria é ufanista, corro de pau com a cidade; se os detratores predominam, parto em socorro da donzela ofendida. Mas é pura farsa. Continuo acreditando que as alegrias e os padecimentos que acometem a espécie humana são os mesmos em qualquer lugar.

De fato, no apanhado de crônicas selecionadas no livro há de tudo: ora viaja no tempo-espaço, ora teoriza sobre a origem da humanidade, ou ainda, filosofa sobre amores perdidos (entre outras abordagens mordazes e cínicas que não raro incluem a autoironia). Entretanto, a “Curitiba cruel e sonâmbula” está sempre lá, reaparecendo como tema de interesse crônico do autor. Quando menos, personagens criados por Snege com o traço característico do curitibano darão a toada de narrativas que abordam outros temas.

Na maioria das crônicas de “Como tornar-se...” o tom é irônico, desvelando sob um

viés sarcástico a fina camada de hipocrisia da vida do curitibano típico. Já de início, é interessante pontuar que isso contrasta abertamente com o trabalho do Jamil publicitário e marqueteiro na década de 1970, conforme ele próprio declara em seu romance autobiográfico, publicado em 1994:

Enquanto isso, Jaime Lerner começava a dar tratamento verbal aos seus conceitos urbanísticos. São ideias espaciais, configurações mentais, imagens que devo tratar textualmente e reproduzir num jornal mural que será afixado pela cidade. (...) Aos poucos, vamos recobrando de signos a Curitiba imaginada e concebida na prancheta. Está ficando linda. (SNEGE, 1994, p. 169)

Se na carreira publicitária colaborou para formatar a imagem idealizada de Curitiba, nas crônicas de “Como tornar-se...” Snege encontrará meios de unir sua potência ficcional a um olhar arguto sobre a realidade, de modo a retirar o manto oficial que recobre a cidade. No trecho a seguir, extraído da crônica “Minha vidinha de cachorro”, narrada em primeira pessoa por um cachorro de nome Tarugo (e, ainda por cima, após sua morte), chama a atenção o teor jornalístico que se mescla ao inusitado caráter da narrativa (cujo início é permeado de humor). Ao mudar o tom do relato, a crônica cria no leitor um estranhamento:

O que me trouxe aqui, em espírito (vocês já devem ter notado que sou um cão falecido) é uma questão muito mais séria. (...) sabem quantos cães foram mortos nas ruas somente no ano passado em Curitiba? 5.730. Isso mesmo: cinco mil setecentos e trinta cães. (...) Dos 4.271 cães que a Prefeitura capturou no ano passado, só 1.485 voltaram para os braços de seus donos. O restante dançou (...) foi sumariamente eutanasiada.

Morri feito um cão, as pernas amolecendo, a cabeça pesando, um calorão desgraçado explodindo dentro do peito. (Assim termina o protesto de Tarugo, o Breve, que jaz sob toneladas de lixo no Aterro Sanitário desta mui ecológica e humana cidade de Curitiba, amém). (SNEGE, 2005, p. 44-46)



No desfecho, a interrupção abrupta da voz de Tarugo e a inserção de um segundo narrador ampliam o impacto do texto, quase como uma advertência publicitária às avessas, que produz um interessante jogo de vozes narrativas no curto espaço da crônica. O humor do início é substituído pelo sarcasmo, e a abordagem acerca de um tema aparentemente menor conduz a reflexão a outros caminhos, diferentes daqueles pronunciados nas primeiras linhas.

Mais adiante, em tom mais jocoso e igualmente direto, novamente a Curitiba Oficial é posta à prova, “inofensiva apenas na aparência”:

(...) que estranha surdez é essa que congela a sensibilidade de nossa adorável velhinha de 300 e tantos anos? Vocês conhecem outra, de igual porte e mesma faixa etária, que se comporte assim? Se ao invés de engenheiro tivéssemos um prefeito geriatra, a ecológica anciã recobriria seu entusiasmo? (...) Até lá, entretanto, temos de conviver com a dissimulada vovó de ouvidos moucos. (Ibid. p. 74)

Certo tom melancólico e saudosista também é depreendido de algumas crônicas presentes na coletânea. Jamil personificará em seus textos essa ambiguidade em relação a Curitiba, “a cidade de nossos exílios, cujo único bonde está parado. Não vai a lugar nenhum”. A dubiedade, por sinal, faz parte da própria cidade na visão do cronista, que, a pretexto do aniversário da cidade, na crônica batizada de “Canto de amor e desamor a Curitiba” escreveu que

Há uma Curitiba de manjedouras acetinadas, recendendo a lavandas e beijos, nas quais se vela o sono dos primogênitos, e uma Curitiba de marquises rotas, escuridão e mijo, sob as quais se aninha o torpor dos meninos que cheiram cola. (Ibid. p. 64)

A contradição permeia o curitibano, presente no limiar entre amar e temer a cidade, vivê-la e se proteger dela. Os tipos curitibanos transformam-se em personagens nas mãos de Jamil, como por exemplo o Freitas, que desfila em diversas crônicas de “Como tornar-se...” sua idiossincrática figura, cindida entre a aparência de honestidade e a essência (no mínimo) questionável:

Qualquer tartufo saído da imaginação de um Molière ou de um Dostoiévski empalidece diante do Freitas real e empírico que vemos a furar os semáforos de Curitiba com seu carrão importado.

(...) Jovem ainda, em seu primeiro emprego público, descobriu uma maneira de imprimir apostilas no xerox da repartição (...) revendia material escolar do MEC e, muito veladamente, o gabarito das provas com 70% das questões respondidas.

(...) Família estruturada, belos filhos terminando a Federal (Freitas é defensor do ensino público, dever do Estado), situação econômica invejável (...) se confessa decidido a entrar na política. “Precisamos acabar com essa corrupção”, declara, um brilho de indignada revolta no olhar. (Ibid. p. 16-18)

Outro curitibano crasso é o Fernandinho, personagem presente em uma das crônicas, intitulada “O paraíso do Fernandinho”. Jamil refere-se aqui aos condomínios de Santa Felicidade, bairro tradicional da cidade e que talvez melhor represente a separação entre a Curitiba real daquela oficial. De arquitetura e pavimentos diferenciados do restante da cidade, com terrenos imensos e destaque para o turismo e a gastronomia italiana, Santa Felicidade é praticamente uma cidade dentro da cidade – e é no condomínio que tal separação se exacerba:

Os guardas da portaria me confirmam pelo interfone e um deles avisa: é a quinta casa à direita, tem um pavão pintado no vidro. (...) Não precisa chavar o carro, ele sugere; pode inclusive deixar os vidros abertos.



Reluto, mas obedeço. Dou uma olhada ao redor e só vejo seres angelicais: garotos andando de bicicleta, senhoras pastoreando cães, um velhinho lendo jornal à sombra de um plátano. (Ibid. p. 33)

A realidade paralela do lugar, com seus integrantes exibindo um “sorriso aberto para ser usado apenas em condomínios fechados”, será retratada com tintas de exagero, de maneira a extrair do banal um efeito cômico. O desfecho da crônica, em que o entediado narrador dá asas à imaginação para infiltrar a vida da periferia dentro do condomínio é permeado de sarcasmo, terminando pela sugestão da “derrubada de todos os muros, naquilo que seria o primeiro condomínio fechado aberto do mundo”.

Em outra crônica de “Como tornar-se...”, intitulada “A arte de tocar piano de borracha”, em que o próprio Jamil assume a voz narrativa e inicia se disponibilizando a escrever, “no prazo de um ano, um romance ou novela tão bom quanto qualquer Garcia Márquez”, sob a condição de previamente receber apoio financeiro de alguma entidade local, veremos a crítica ferrenha à falta de incentivo da Curitiba Oficial aos artistas e à cultura em geral:

A historinha retrata com alguma maldade a nossa velha Curitiba de guerra. Um piano de borracha à sombra dos pinheirais. Se você quiser tocar, pode. Mas não vá exigir que ninguém escute. Ninguém viu, ninguém ouviu e quem ouviu fingiu que não viu. (Ibid. p. 73)

Essa crônica dialoga diretamente com aquela que dá título à coletânea e que, de certa maneira, unifica o tom do livro. Nem todo curitibano é invisível – apenas alguns conseguem tal proeza. Os Freitas e Fernandinhos, *todos com o mesmo sorriso, um sinal de perene bem-aventurança que os distingue do restante dos mortais*, estes sim, visíveis em toda a cidade e legítimos representantes dela, encarregar-se-ão de tornar os outros opacos. Quem seriam esses outros?

Na visão de Jamil, além daqueles que vivem “fora do condomínio fechado”, também os que se atiram “de corpo e alma na consecução de seu destino”:

Primeira condição: você precisa ter talento genuíno. Estudar bastante também ajuda. (...) Cada conquista, cada livro publicado, cada poema, escultura ou canção, cada tela, espetáculo, disco, filme ou fotografia, cada intervenção bem sucedida no esporte, no direito ou na medicina, cada vez que alguém, lá fora, reconhecer com isenção de ânimo que você está produzindo obra ou feito significativo – o seu grau de invisibilidade aumenta em Curitiba. (Ibid. p. 10)

A cidade de “ouvidos moucos, sonâmbula e espectral, capaz de anestesiá-la a consciência do mundo” (definição que aparece em “Como eu se fiz por si mesmo”) – essa cidade ignora sobretudo quem tenta desgarrar-se do padrão, aquele que almeja a distinção. Curitiba tratará de conduzir qualquer um que se destaque de volta “à mediocracia, pois não faltarão pessoas tentando dissuadi-lo de seu próprio talento”. A cidade-personagem é ambígua (ou assim o autor a vê), e ela pode ser cruel ou fiel, aprisionar ou curar, a depender de quem a vive. Com ironia autobiográfica, Snege lembrará que, em Curitiba, se você é um belo projeto de escritor, alguém tentará convencê-lo de que é melhor, mais lucrativo, ser um redator de propaganda.

Ao ler as vinte e cinco crônicas de “Como tornar-se invisível em Curitiba” é possível que a algum leitor ressoe a leveza e a despreensão com que Snege maneja personagens e situações pelo cotidiano afora, dada a familiaridade do autor ao tratar o texto enxuto e envolvente da boa crônica (cabe citar que, além de produzir crônicas para alguns de seus livros anteriores, Snege publicou quinzenalmente crônicas no Caderno G do jornal Gazeta do Povo entre 1997 e 2003). No entanto, e decerto com mais frequência, a outros leitores é provável que salte aos olhos o tom feérico e agudo do cronista, nem sempre disfarçado, no qual se percebe o fel de uma crítica implacável que subsiste nas entrelinhas, por vezes incisiva e protagonista da narrativa, como um retro gosto da pretensa leveza inicial.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Camila Gino. Um cronista da cidade: Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003. Curitiba, 2006. 334 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

ARRIGUCCI JR., Davi. Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: Para gostar de ler: crônicas. Volume 5, São Paulo: Ática, 2003, pp. 89-89.

CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2015.

COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. vol. 6, Parte III – Relações e Perspectivas. Codireção Eduardo de Faria Coutinho. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.

MARTINS, Wilson. Crônicas curitibanas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, [2001]. In: ALMEIDA, Camila Gino. Um cronista da cidade: Curitiba no jornal sob o olhar de Jamil Snege 1997-2003. Curitiba, 2006. 334 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica. In: As mil faces de um herói canalha e outros ensaios. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998. p. 109- 178.

MOISÉS, Massaud. A criação literária: Prosa II. 15. ed. revista e atualizada. São Paulo: Cultrix, 1997.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. Do folhetim à crônica: gêneros fronteiriços entre o livro e o jornal. Estudos em jornalismo e mídia. Ano VI, n.1. pp. 11- 22, 2009.

SNEGE, Jamil. Como eu se fiz por si mesmo. Curitiba: Travessa dos Editores, 1994.

SNEGE, Jamil. Como tornar-se invisível em Curitiba: crônicas. Curitiba: Criar Edições. 2005.



O ESPETÁCULO DAS VIDAS OCULTAS

THE SPECTACLE OF HIDDEN LIVES

Ronaldo Galindo Sobral¹, Prof. Dr. Marcelo Alcaraz²

¹ Aluno do Mestrado em Teoria Literária, Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, Brasil

² Docente do Mestrado em Teoria Literária, Centro universitário Campos de Andrade, Curitiba, Brasil

E-mail: ronaldosobral@outlook.com

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise da obra *A vida que ninguém vê*, da escritora gaúcha Eliane Brum. Os textos que embasaram esta produção são relatos reais publicados na coluna “A vida que ninguém vê”, do Jornal Zero Hora, da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Neste artigo, busca-se evidenciar o olhar atento da narradora aos detalhes da vida cotidiana e banal de pessoas comuns da sociedade; pessoas que não são celebridades, porém vivem ou já viveram situações extraordinárias em suas rotinas. Com o registro das histórias desses cidadãos comuns, a autora faz referência a indivíduos anônimos, à margem de uma sociedade classista e excludente. A abordagem de Brum é humanizada, impregnada de sensibilidade para com aqueles que dirige seu olhar. Este artigo explora a capacidade de Brum em construir sua narrativa a partir dos relatos pessoais dos entrevistados, enquanto reforça o caráter extraordinário de cada uma das vidas retratadas, convidando-nos a observar tais sujeitos com um olhar diferente do habitual; olhar direcionado para o homem simples, que metaforicamente pode representar qualquer brasileiro. Os textos analisados são relacionados às teorias de filósofos e escritores que abordaram a complexidade e o comportamento humano em sociedade. **Palavras-chave:** Contemporaneidade; relato; crônica; sociedade.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the work *A vida que ninguém vê*, by the writer Eliane Brum. The texts on which this production is based are real accounts published in the column "A vida que ninguém vê" (The life that nobody sees), in the newspaper Zero Hora, in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. The aim of this article is to highlight the narrator's attentive eye for details of the everyday and banal lives of ordinary people in society; people who are not celebrities, but who live or have lived through extraordinary situations in their routines. By recording the stories of these ordinary citizens, the author refers to anonymous individuals, on the margins of a classist and exclusionary society. Brum's approach is humanized, imbued with sensitivity towards those she looks at. This article explores Brum's ability to construct his narrative from the personal accounts of the interviewees, while reinforcing the extraordinary nature of each of the lives portrayed, inviting us to observe these subjects with a different eye than usual; an eye directed towards the simple man, who metaphorically can represent any Brazilian. The texts analyzed are related to the theories of philosophers and writers who have addressed complexity and human behavior in society. **Keywords:** Contemporaneity; reporting; chronicle; society.



1. INTRODUÇÃO

A escrita desse trabalho tem base na obra literária premiada: *A vida que ninguém vê*, da jornalista Eliane Brum. A obra foi vencedora do Prêmio Esso regional sul, em 1999, na categoria livro de reportagem; sendo originalmente publicada em coluna no *Jornal Zero Hora*, na cidade de Porto Alegre, no início dos anos 90. O trabalho de Brum constitui-se numa coletânea de textos curtos, no formato de relato jornalístico, com características do gênero crônica.

Publicada em 2006, a obra reúne relatos escritos pela jornalista, pautados no que há de mais extraordinário em cada vida, por mais simples e pouco influentes que sejam seus protagonistas. Os personagens retratados por Brum são pessoas simples, a maioria integra classes sociais menos favorecidas; pessoas geralmente situadas à margem na organização social, vivendo na invisibilidade e no anonimato.

Os relatos selecionados para a composição da obra têm em comum o retrato da vida humana em sua condição de efemeridade, da sua insignificância diante das adversidades cotidianas. Assim, os textos de Brum se aproximam do gênero crônica pela habilidade da autora captar recortes do cotidiano dos personagens. Eliane também utiliza linguagem bastante acessível, proporcionando uma narrativa leve e sutil no que diz respeito às características da natureza humana.

Este artigo pretende relacionar o conteúdo da obra a conceitos teóricos sobre a sociedade contemporânea, apontando as implicações de se viver numa sociedade de consumo e de exclusão de indivíduos não-iguais ao grupo dominante. Nas crônicas de *A vida que ninguém vê*, são encontrados desde o relato de pessoas em situação de até o das pessoas que embora tenham como se manter com alimentação e moradia, estão expostas à severidade da vulnerabilidade financeira. Portadores de necessidades físicas ou deficiência mental também são retratados pela jornalista.

O fato de a autora da obra ser jornalista, explica parcialmente a habilidade com que ela transforma os relatos simples em algo grandioso, marcado por um tom literário, carregado de sensibilidade; oportunizando um texto bastante próximo do registro oral, o que de certa forma contribui para uma leitura

prazerosa. Em *A vida que ninguém vê*, o olhar é direcionado para o trivial de vidas anônimas e a partir daí, transformado em linguagem quase poética, que partindo das particularidades de cada personagem, cria um paralelo contrastante com o ideal de vida imaginado para o homem contemporâneo.

A vida descrita na obra de Brum é a que se vive na invisibilidade, a que não tem relevância para uma parcela da sociedade detentora de poder econômico. Pelo recorte social que se faz para a captação das histórias, as personagens, ainda que envolvidas em sua trama pessoal, mostram-se excluídas de determinados lugares, sendo pressionadas para a margem. Esses indivíduos invisíveis compõem a sociedade, se escondem nela, se alimentam dela, no entanto, não conquistam os mesmos espaços dos demais integrantes, detentores de recursos financeiros.

Os indivíduos retratados em *A vida que ninguém vê* destoam sistematicamente dos grupos aos quais deveriam pertencer. Essa dinâmica denuncia certa exclusão social, que tem seus pilares na organização financeira desses grupos, e por outro lado, mostram a rejeição da maioria do grupo para com os indivíduos de comportamento não compatível com o que se idealiza para as sociedades de consumo.

Neste viés, Eliane Brum constrói uma narrativa justa, clara e intrigante, que é quase perturbadora; uma narrativa que provoca os indivíduos trazendo-os para uma reflexão sobre o valor da vida e a efemeridade da existência humana.

2. AS VIDAS OCULTAS EXTRAORDINÁRIAS

2.1.1.O extraordinário no jornalismo

Descobrir o mundo e a si próprio é uma necessidade humana arraigada no íntimo de cada indivíduo. O jornalismo, com sua capacidade de compartilhar informação, atrai um público expressivo justamente pela proposta de suprir parte dessa necessidade, permitindo-nos conhecer o outro e a partir dele reconhecer nossas próprias características, desejos e fragilidades, tanto na nossa percepção enquanto indivíduos, quanto espécie.

A ideia geradora da obra teve início em 1993, quando a autora, a caminho do trabalho, distraiu-se com um pequeno grupo de pessoas



ao redor de um bueiro, no centro de Porto Alegre. Sem conter a curiosidade, cedeu à vontade e juntou-se ao grupo de observadores. No local, a jornalista deparou-se com garotos que faziam do bueiro sua morada noturna, surpreendidos por aquelas pessoas enquanto saíam do suposto dormitório.

Eliane, ao passo que aproveitava para noticiar o fato inusitado, inspirou-se naquelas vidas para a criação da coluna jornalística que mais tarde compôs a obra *A vida que ninguém vê*. A autora percebeu naquela situação, uma oportunidade de retratar a vida que é negligenciada, a vida de uma parcela da população que não tem voz, que está sempre à margem.

Falar do mundo contemporâneo, principalmente através da literatura, não é uma tarefa confortável; essa é uma atividade que demanda coragem. Cada indivíduo em sua complexidade, oculta um universo de ações que podem ser analisadas de diferentes pontos de vista. No texto ensaístico “Da incoerência de nossas ações”, o filósofo Michel de Montaigne fala dessa complexidade dizendo que somos todos constituídos de peças e pedaços juntados de maneira casual e diversa, e que cada peça funciona independentemente das demais, daí ser notável a diferença entre nós mesmos quanto entre nós e outrem. (MONTAIGNE, 1980 p.4)

O trabalho de retratar o outro, como Brum realiza em *A vida que ninguém vê*, possibilita o entendimento de que a vida humana não pode ser reduzida a uma tese, jamais deve ser classificada, tampouco encaixotada em parágrafos, como se fosse algo simples. A autora, ao refletir sobre sua própria carreira jornalística, faz a seguinte consideração sobre a proposta da obra em análise:

A proposta da coluna de crônicas-reportagens, construída no caminho, mais por intuição que por plano, era estimular um olhar que rompesse com o vício e o automatismo de se enxergar apenas a imagem dada, o que era do senso comum, o que fazia com que se acreditasse que a minha, a sua vida fossem bestas. (BRUM, 2006 p. 187)

Desta forma, constata-se que o trabalho desenvolvido por Brum vai muito além do senso comum, pois parte de um lugar de fala legitimado, que é o jornal, para colocar-se à disposição de indivíduos objetivando que estes se reconhecem pela experiência do outro, para

que possam enxergar a própria vida na vida alheia e a partir dessa observação, experimentar novas perspectivas.

Como contraponto na construção de um jornalismo extraordinário, Brum aponta a existência de uma valorização exacerbada da palavra dita no meio editorial, e tece uma crítica pelo fato de que essa prática acaba tornando o jornalismo refém:

Só se pode contar com palavras transmitidas por telefone ou por e-mail. Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O não-dito é, muitas vezes, tão importante quanto o dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para ser capaz de escutar o silêncio. Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, aprender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido. Olhar é um ato de silêncio. (BRUM, 2006. p.191)

Logo, retratar o extraordinário de vidas humanas é uma estratégia eficaz na busca pelo não-dito, na conquista do que se esconde na subjetividade. Um único ser humano, conforme define Brum, é infinitamente mais complexo e fascinante do que o mais celebrado dos heróis. Portanto, cada Zé é um Ulisses e cada Ulisses é um Zé; o que evidencia que somos mais iguais do que gostaríamos.

2.1.2. A rua: olhar de um outro lugar

Olhar para outrem é um exercício transformador. Os relatos narrados pela autora de *A vida que ninguém vê* se encarregam de exemplificar parte da experiência de vida de personagens que por motivos diversos foram impelidos para uma vivência não-padronizada nos moldes da sociedade burguesa. Essas experiências chamam a atenção do leitor para uma dinâmica de exclusão presente na sociedade contemporânea que exclui aquele que difere do grupo, aquele que não cede ao jogo de adequação por ele imposto.

Nessa dinâmica de exclusão, há sempre alguém para ser chutado por expressar a imagem assustadora do grupo; alguém indesejado, que aponta a falha de todo um



processo; alguém que ainda não consolidou a conquista de seu espaço. Como exemplo, podemos destacar o personagem Israel Pires: jovem enjeitado de um bairro enjeitado, que aos 29 anos teve uma oportunidade de reconstruir sua vida ao se aproximar de uma escola pública e ser visto por uma professora. (BRUM, 2006, p.22)

Brum relata que Israel sempre fora colocado à margem, e não fosse o olhar ativo da professora, certamente a corrente de exclusão que o cercava se perpetuaria. No trecho a seguir, a autora descreve o personagem Israel em sua imagem de exclusão social:

Imundo, meio abilolado, malcheiroso, Israel vivia atirado num canto ou noutra da vila. Filho de pai pedreiro e de mãe morta, vivendo em uma casa cheia de fome com a madrasta e uma irmã doente. Desregulado das ideias, segundo o senso comum. Nascido prematuro, mas sem dinheiro para diagnóstico. Escorraçado como um cão, torturado pelos garotos maus. Amarrado, quase violado. Israel era cuspidor. Era apedrejado. Israel era a escória da escória. (BRUM, 2006, p.22)

Na obra *A origem dos outros*, a escritora estadunidense Toni Morrison discorre a respeito dessa característica humana de exclusão do diferente:

Porém, a tendência dos humanos é a de separar aqueles que não pertencem ao nosso clã e julgá-los como inimigos, como vulneráveis e deficientes que necessitam ser controlados, tem uma longa história que não se limita ao mundo animal nem ao homem pré-histórico. A raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle. (MORRISON, 2019 p.23)

A escritora Eliane Brum, também direciona o leitor para um ângulo de visão diferente do habitual, ao apresentar o personagem Sapo (BRUM, 2006, p. 60); nesse relato, um pedinte portador de paralisia nos membros inferiores arrasta-se com a barriga no chão para pedir esmolas nas ruas de Porto Alegre. Brum, para realizar sua entrevista,

aproxima-se de Sapo colocando-se à altura de sua linha de visão.

Essa atitude de alteridade, possibilitou uma maior compreensão do universo de Sapo, estar à altura de seu campo de observação permitiu ver as coisas como ele vê, criando vínculo para que ele compartilhasse experiências pessoais e detalhes menos evidentes de sua vida. Para Brum, a ação de olhar a partir de um outro lugar abriu caminhos para se entender a experimentação de se viver fora das regras da sociedade burguesa, tal qual é vivenciada por Sapo.

Uma característica interessante da rua é o seu ineditismo, pois nunca podemos afirmar o que encontraremos nesse espaço. João do Rio, na obra *A alma encantadora das ruas*, afirma que a rua é quem faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça. (RIO, 2008 p.30) A rua constrói e destrói os seus agregados, tanto pessoas quanto edifícios, imprimindo-lhes identidade.

Eugênio Bucci, em *A superindústria do imaginário*, 2021, discorre acerca da dinâmica de organização e autonomia dos espaços, no texto *O lugar que não para no lugar*, Bucci fala sobre a alteração sofrida pelos espaços, que ora carregados de ancestralidade, agora se rendem às exigências econômicas ou são condenados ao esquecimento.

Na supermodernidade, como denomina Bucci, os lugares sociais não podem mais ser entendidos como históricos ou identitários pois estes estão em constante transformação. Dessa forma, Bucci reforça a autonomia do espaço urbano de rua.

Os relatos de Brum permitem essa discussão a partir de um dos personagens, o Conde de Porto Alegre, o Senhor Manoel Marques de Souza, do século XIX – o conde é uma estátua de mármore a princípio colocada na praça D. Pedro II pela Princesa Isabel em 1885.

Brum primeiramente reconta parte dos feitos heroicos do conde e sua importância para a época, o que levou as autoridades a decidirem eternizá-lo em mármore.

O Conde de Porto Alegre, Sr. Manoel Marques de Souza, ocupou importante posto militar e político brasileiro do século XIX. Nasceu em 13 de junho de 1804, na cidade do Rio de Janeiro, local onde também faleceu em 18 de julho de 1875.

Manoel Marques de Souza teve uma carreira militar de destaque, participou de



diversos eventos históricos do Brasil Império, liderando a Guerra da Cisplatina (1825-1828), um conflito entre o Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata (Argentina e Uruguai) pela posse da província da Cisplatina (Uruguai).

Posteriormente, Manoel Marques de Souza ele teve um papel de destaque na Guerra do Paraguai (1864-1870), também conhecida como Guerra da Tríplice Aliança. Nessa guerra, o Brasil se uniu à Argentina e ao Uruguai para combater o Paraguai. O Conde de Porto Alegre comandou tropas brasileiras em várias batalhas importantes durante esse período.

Além da carreira militar, o Conde de Porto Alegre também desempenhou papel político de senador do Império em 1857, participando ativamente do cenário político brasileiro da época.

A relação de Manoel Marques de Souza com a cidade de Porto Alegre, deve-se ao fato de ter sido nomeado comandante das forças militares naquela região durante o importante conflito conhecido por Revolução Farroupilha (1835-1845), de caráter regional, a Revolução Farroupilha marcou a história do Estado do Rio Grande do Sul.

Logo, o Conde de Porto Alegre é lembrado como uma figura importante da história militar e política do Brasil, tendo deixado sua marca em momentos decisivos para o país, historicamente.

Entretanto, com o tempo, tudo quanto o conde representava foi sendo esquecido, apagado. Quando da escrita do relato da autora, a escultura do conde já havia sido mudada de lugar pelo poder público duas vezes. Nos dias atuais o monumento ocupa um pequeno espaço sem nenhum destaque nem visibilidade para os transeuntes, servindo de urinol para mendigos e aves.

No trecho a seguir, Brum escreve a respeito da efemeridade da vida e a brevidade da glória atribuída ao conde; a escritora revela o dinamismo da ação do tempo e a aleatoriedade com a qual a sociedade decide prestigiar coisas e pessoas:

O conde – quanta ironia! – ficou sem espada, sem poder, sem fama e sem glória. Como o mais infeliz, o mais miserável de seus soldados. No fim tudo é pó. Esquecimento. E o inconfundível cheiro de urina. E se aconteceu com o conde – o conde! – pode acontecer com qualquer um. O Conde de Porto Alegre reduzido a uma

vida que ninguém vê num canto da cidade. (BRUM, 2006 p. 69)

Em *A vida que ninguém vê*, Brum retrata diferentes personagens em diferentes histórias, dentre esses relatos, vale destacar também o relato de Jorge Luiz: um homem com habilidade de mastigar e engolir vidro, alimentar-se de pedaços de vidro sem se ferir. A análise sobre esta personagem relaciona-se com parte da teoria do filósofo coreano Chul-Han.

No relato, o personagem Jorge, decepciona-se com os transeuntes que estão dando mais atenção para um indígena com um lagarto dentro de uma gaiola do que para si, o indígena ofusca sua habilidade de deglutir vidro, tirando dele a oportunidade de ser admirado pelas pessoas.

Dessa forma, o personagem relata para Eliane que experimenta uma sensação intensa de rejeição maior do que a que está habituado, tanto que chega a relatar sua insatisfação para a jornalista por conta própria, comparando sua performance à do indígena e externando sua não compreensão da predileção do público pelo concorrente.

Para Brum, o homem do estômago de aço não estava preparado para não ser notado pelos seu público, ou seja, não estava preparado para ser e parecer invisível, além da invisibilidade trivial de seus dias.

Jorge Luiz não entendia por que as pessoas preferiam ver um lagarto sem graça fazer coisa nenhuma a assistir a um homem comer vidro, deitar sobre vidro, caminhar sobre vidro. Não compreendia um mundo em que um homem comendo vidro não causa espanto. Ficamos os dois ali, olhando feio para o lagarto. Depois fui embora, sem responder à sua pergunta de abismo. O homem de aço não estava preparado para a maior de todas as dores: a da invisibilidade. (BRUM, 2006, p. 151)

O filósofo Chul-Han, no texto *Sociedade da transparência*, discute o conceito de violência da transparência, referindo-se à uma corrente de padronização dos indivíduos: O teórico ressalta que A transparência estabiliza e acelera o sistema eliminando o outro ou o estranho. Elimina toda a ambivalência e nivela o ser humano a um elemento funcional de um sistema. (HAN, 2017 p.13).



Neste viés, a decepção sentida pelo personagem Jorge pode ser relacionada diretamente à padronização proposta pela sociedade contemporânea. Jorge acaba sendo excluído duplamente: primeiro pela impossibilidade de acessar todos os locais acessados pelos demais, segundo, pelo público que naquele momento está recusando prestigiar sua performance. É a exclusão da exclusão.

Chul Han fala sobre uma possível transformação da sociedade a partir dos efeitos da transparência e da visibilidade constante das pessoas. Na "Sociedade da Transparência", o filósofo aponta que a sociedade contemporânea está mudando seu comportamento, pois é possível que esta tenha internalizado as estratégias de controle dos poderes controladores das massas.

O filósofo aborda a questão da disseminação das redes sociais, e a necessidade que as pessoas têm de publicar constantemente suas experiências na internet. Para o filósofo, esse comportamento é uma forma de oprimir a sociedade. Na ânsia de tudo mostrar e publicar, as pessoas podem estar sendo impedidas sistematicamente de expressar o que realmente sentem.

O filósofo coreano também discorre acerca da atenção humana. Os indivíduos da contemporaneidade não estão mais conseguindo ter foco e atenção nas atividades que desenvolvem pelo excesso de informações às quais estamos sujeitos o tempo todo, mais um fator que segundo Brum, impactaria diretamente na maneira com a qual percebemos os diferentes.

O pensamento de Chul Han também alerta que o exercício desmedido da autotransparência, ou seja, a exposição desenfreada das atividades humanas individuais, pode levar à perda da individualidade. A partir do momento em que as pessoas revelam tudo de si, a própria definição de humanidade passa a perder valor, abrindo caminho para uma massificação.

Chul Han faz uma importante análise sobre o homem contemporâneo, enfatizando como a transparência, a visibilidade constante e a busca incessante por exposição afetam a humanidade. A teoria de Chul Han propõe um debate a respeito dos efeitos do comportamento massificado e sobre a forma como vivemos em sociedade.

Na obra de Eliane Brum, o personagem Jorge, inconformado pela predileção das

pessoas pelo seu concorrente com um réptil, participa dos efeitos da invisibilidade descrita por Chul Han, obviamente, em proporções menores, mas de alguma forma, incidindo sobre o comportamento dele e dos demais transeuntes daquela praça.

Ainda sobre a característica de exclusão do diferente, é possível observar um comportamento humano tendencioso quando se considera as movimentações e maneiras de agir em grupo. Neste aspecto é possível estabelecer uma comparação desse comportamento ao comportamento dos canídeos, por exemplo, que atuam em matilha, cooperando mutuamente numa só finalidade de preservar a uniformidade do grupo ao qual pertencem.

Nessa dinâmica comportamental, o diferente é rechaçado, expurgado do grupo por não apresentar o mesmo padrão da maioria. Como definido por Chul-Han, a ambivalência necessita ser eliminada para que uma coletividade garanta seu predomínio em determinado ambiente.

2.1.3. O caráter extraordinário da vida humana

As personagens retratadas pela autora em *A vida que ninguém vê*, experimentam situações de interação social nas quais, na maioria das vezes, estão sendo privadas ou alienadas a respeito de seus direitos. No entanto, muitas dessas personagens expressam algum desejo de superar a barreira da desigualdade e encontrar espaço para si no meio social, por mais difícil que seja a trajetória para essa conquista.

Cada existência, a partir daí, passa a revelar algo de extraordinário e para que esse extraordinário seja revelado, o olhar do narrador penetra com muita sensibilidade na intimidade de alguns dos personagens.

O escritor e pensador curitibano Marcelo Alcaraz, no romance *Amém*, miséria, também convida para uma reflexão sobre a vida humana na contemporaneidade por intermédio da experiência de seus personagens. Na obra de Alcaraz, são feitas considerações sobre a verdade que se oculta e se revela na dinâmica existencial: Em uma cidade grande, as pessoas nunca sabem ao certo como estão os outros, a vida é uma eterna e vacilante apreensão do outro, cada pessoa contém um abismo, a verdade sempre escapa, oculta sobre o tecido



grosso da superficialidade e convenção. (ALCARAZ, 2021, p.39)

Eliane Brum, em *A vida que ninguém vê*, transita entre os relatos de seus personagens revelando suas peculiaridades com bastante sensibilidade. Entre esses relatos está o do personagem Leandro Siqueira dos Santos, que vivencia uma situação de exclusão social. Leandro é um adolescente que retornou de um coma por atropelamento, tendo atendimento fisioterápico negligenciado, sofreu atrofia nas pernas e mãos, até ser ajudado por uma enfermeira.

Para receber atendimento médico, a família de Leandro improvisa uma maca com madeira velha com a finalidade de tirá-lo do morro de geografia acidentada. Na narrativa de Brum, a situação experimentada por Leandro se deve pelo fato dele haver nascido do lado errado da cidade, no alto do morro, onde o acesso e as condições de vida são muito aquém do ideal para uma vida plena de direitos e assistência. Segundo Brum, em determinado momento o garoto se dá conta de sua condição de exclusão e reflete sobre ela:

Leandro Siqueira dos Santos nunca havia reparado que nascera numa cidade partida. Perdeu a inocência no instante da descoberta. Quando os doutores disseram que nada mais poderiam fazer por ele, o pai arranhou uma porta velha, bichada, e sobre ela deitou o filho. Com a ajuda dos parentes, dos vizinhos, do povo de cima, carregou-o até o alto do seu destino. Pela primeira vez o menino decifrou o precipício de sua vida. Pela primeira vez sentiu medo do barranco, das pedras, das cicatrizes escalavradas na terra. O menino percebeu naquele exato momento que havia nascido com todas as pontes dinamitadas. Quando compreendeu, começou a envelhecer. Até a voz mudou. O menino é desde então um prisioneiro no alto da torre da cidade. Suas pernas eram as únicas asas que tinha para voar sobre o fosso entre os dois mundos. (BRUM, 2006 p.72)

Numa condição de exclusão semelhante, Brum revela a história de Antônio Antunes, personagem que enterra o filho natimorto num pequeno caixão doado pelo serviço social. No relato intitulado “Enterro de pobre”, Antônio adquire consciência de que o

caminho de morte experimentado por seu filho será o mesmo seu e o de seus netos, todos marcados e aprisionados por uma sensação de escassez cujo desfecho será sem dúvida a morte. Antônio não pode ver o corpo do filho, nem ao menos vesti-lo com uma roupa barata que adquirira no centro da cidade.

Para o personagem, resta a experiência de viver uma vida sem lugar, sem ter sequer o espaço para morrer. Antônio afirma que a vida matou seu filho pois se tivessem recursos o bebê teria sido salvo, a mãe não teria sido negligenciada ao procurar atendimento médico. Homens como Antônio têm em comum a mesma experiência: a da invisibilidade. Brum, discorre sobre a saga de Antônio, marcada pelo infortúnio de uma vida negligenciada:

Foi isso que Antônio Antunes, o abatedor de árvores, compreendeu. E foi isso que terminou de arrebatá-lo. Porque era só o começo e porque não tinha fim. Apenas repetição. Porque homens como Antônio nascem e morrem do mesmo jeito. E nesse sentido, o bebê que não viveu apenas economizou tempo, abdicando do hiato entre todas as formas de morte reservadas a ele na vida. (BRUM, 2006, p.37)

Brum reforça a condição permanente de escassez experimentada por Antônio, fazendo uma crítica às políticas ineficazes que perpetuam a pobreza e a miséria no país desde o seu descobrimento. A percepção de Antônio sobre sua própria existência, deixa clara uma certa tendência ao sofrimento e à pobreza. No trecho a seguir, a autora relata a condição cíclica do sofrimento de Antônio que se perpetuará nas gerações que o sucederem:

Nada se encerrou para Antônio porque ele sabe que em breve estará de volta. E será tudo como foi. Como sempre foi, na morte como na vida. Deixa para trás o filho sem nome, sepultado numa cova rasa, sem padre e sem flor. Porque a cova de pobre tem menos de sete palmos, que é para facilitar o despejo do corpo quando vencer os três anos do prazo. Então é preciso dar lugar a outro pequeno filho de pobre por mais três anos. E assim sucessivamente há 500 anos. (BRUM, 2006, p.39)



Inerente à essa discussão, podemos citar a teoria de Chul-Han, que faz considerações a respeito do conceito de sociedade positiva, que explica a invisibilidade experimentada por Antônio, no que se refere à banalidade do sofrimento alheio por ele sofrido e a reação das demais pessoas diante de seu sofrimento. De acordo com o filósofo, na sociedade positiva não há lugar para sentimento negativo; dessa forma, o sofrimento e a dor do outro tendem a ser atenuados.

Nessa perspectiva, o ato de perceber a dor de outrem e/ou saber lidar com esse sentimento adquire forma incomum para a sociedade positiva. Conforme Chul-Han, a sociedade positiva está em vias de reorganizar a alma humana de uma maneira totalmente nova. No curso e empuxo de sua positivação, também o amor é nivelado em um arranjo de sentimentos agradáveis e de excitações complexas e sem consequências. (HAN, 2017 p.19)

Como contraponto desses dois primeiros exemplos selecionados de personagens dos relatos de Brum, destaca-se o personagem Oscar Kulemkamp. Oscar é um senhor aposentado que recolhe e recupera móveis e objetos descartados no lixo de Porto Alegre. Brum descreve Oscar como alguém que teceu sua colcha de retalhos com a vida dos outros, tudo quanto foi descartado, mas que carrega algo de identitário de seus antigos proprietários. Enquanto os protagonistas dos relatos anteriores aqui citados experimentam a negligência e o esquecimento, Oscar trabalha para manter viva a memória e imagem daqueles que foram negligenciados.

A imagem da casa repleta de lembranças sobrepostas onde vive Oscar é uma visão perturbadora para muitos dos seus vizinhos. Brum comenta que Oscar inverte a lógica da sociedade da transparência de Chul-Han, no relato do personagem, um mundo ideal seria aquele onde coisas e pessoas não fossem descartadas.

Quando surge lá de dentro, desconfiado e sorridente, Oscar Kulemkamp já vai explicando que um dia, um dia em breve, vai levar tudo aquilo para construir uma casa na praia. Uma Pasárgada onde bonecas cansadas, fotografias de crianças que já se deixou de amar e cartões de aniversário que se foram não virem lixo. Um mundo onde nem coisas nem pessoas sejam descartáveis. Onde

nada nem ninguém fique obsoleto depois de velho, quebrado ou torto. Um mundo onde todos tenham igual valor. E a nenhum seja dado uma lixeira por destino. O número 81 da rua Bagé é o castelo de um homem que inventou um mundo sem sobras. Dando valor ao que não tinha, Oscar Kulemkamp deu valor a si mesmo. Colecionando vidas jogadas fora, Oscar Kulemkamp salvou a sua. Talvez seja esse o mistério do número 81. E talvez por isso seja tão assustador. (BRUM, 2006, p. 50)

O personagem apropria-se de vidas jogadas fora, mas que ainda estão impregnadas nos objetos recolhidos, salvando-as do esquecimento e da invisibilidade. Para Brum, Oscar acabou tomando para si a missão de unir os pedaços da cidade. Retomando o filósofo Michel de Montaigne, que defendia a ideia de que a constância humana seja talvez a mais difícil qualidade de ser encontrada, por conta de seus instintos impulsivos, podemos entender a atitude de Oscar Kulemkamp pelo viés de alguém que foi influenciado pelas circunstâncias do momento, sujeito a oscilações e inconstância, como todo e qualquer ser humano. (MONTAIGNE, 1980 p. 2)

3. CONCLUSÃO

O recorte narrativo do estilo de vida contemporâneo presente nos relatos de Brum, são de fato carregados de uma sensibilidade que confere à narrativa jornalística um tom poético. As experiências de vida, cuidadosamente selecionadas e transcritas para sua obra são o retrato da essência humana e da vida secular em sua simplicidade.

Os personagens retratados são únicos, mas poderiam ser qualquer um dos muitos brasileiros que transitam todos os dias, anonimamente, operando nas grandes massas populacionais, desempenhando as mais diversas atividades. A sociedade capturada pelo olhar atento da jornalista-cronista revela os anseios e os temores de indivíduos que buscam o significado da própria existência.

No entanto, independentemente do contexto em que as pessoas vivem, Eliane busca mostrar que cada indivíduo contribui para a sociedade de maneira única, potencializando a capacidade que a sociedade tem se fortalecer a



partir da soma das individualidades, ou seja, da pluralidade dos que formam determinado grupo social.

Nas grandes cidades, como em qualquer lugar, existem pessoas de diferentes origens sociais, econômicas e culturais, e ainda que essa contribuição não seja deveras valorizada por todos os setores sociais, elas promovem certo “bem estar” coletivo. A autora evidencia que pessoas comuns, com experiências extraordinárias desempenham papéis vitais na tessitura social e seus esforços contribuem para a funcionalidade das cidades, o bem-estar de suas famílias e, em de alguma forma para a coesão social.

4. REFERÊNCIAS

ALCARAZ, Marcelo. Amém, miséria. Bragança Paulista: Editora Hecatombe, 2021.

BRUM, Eliane. A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

BUCCI, Eugênio. A Superindústria do imaginário. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

HAN, Byung – Chul. A sociedade da transparência. Tradução Enio Giachini. Petrópolis, Vozes: 2017.

MONTAIGNE, Michel. Ensaio. Tradução Sérgio Millet, 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

MORRISON, Toni. A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura. Tradução Fernanda Abreu; 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas: crônicas; organização Raul Antelo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



**O FEMINISMO NEGRO EM “QUARTO DE DESPEJO” – O DIÁRIO DE UMA
FAVELADA**

BLACK FEMINISM IN “EMPLOYMENT ROOM” – THE DIARY OF A FAVELADA

LUIZ FERNANDO BERTOLI
ORIENTADOR: BRUNO VINICIUS KUTELAK DIAS

FILIAÇÃO: Coordenador Geral da INESUL, Professor do Ensino Superior nos cursos:
Administração, Direito, Pedagogia. Londrina, Brasil.
Orientador: Professor do Programa de Mestrado da Uniandrade, Curitiba, Brasil.

E-mail: luiz_fernando_bertoli@outlook.com

RESUMO

Carolina Maria de Jesus, mulher negra, mãe de três filhos, catadora de papel e ex-moradora da extinta favela do Canindé em São Paulo é a autora do livro Quarto de despejo e sempre lutou por justiça contra um sistema branco e machista na década de 1960. A proposta deste estudo é analisar de forma objetiva como a obra impactou e ainda impacta a sociedade. Para tal, utilizaremos como base teórica a obra de Ângela Davis, referência no feminismo negro. As mulheres sofriam agressões, uma minoria trabalhava fora de casa e era tratada como objetos pelos próprios esposos. Carolina uma das mulheres mais importantes da literatura Negra brasileira é também uma das responsáveis por expor a vida nas comunidades e a posição da mulher negra na sociedade. Já que os "problemas" das favelas e violência doméstica eram assuntos quase que indiscutíveis na época. No entanto, Carolina sentia-se incomodada com esses acontecimentos e os expôs por meio de seus diários. **Palavras-chave:** Mulheres; Feminismo Negro; Literatura; Sociedade; Quarto de Despejo.

ABSTRACT

Carolina Maria de Jesus a black woman, mother of three children, paper collector and former resident of the extinct canindé favela in São Paulo, is the author of the book Quarto de despejo and has always fought for justice against a white and sexist system in the 1960s. The purpose of this study is to objectively analyze how the work impacted and still impacts society. To do so, we will use the work of Angela Davis as a theoretical basis, a reference in black feminism. Women suffered aggression, a minority worked outside the home and were treated like objects by their husbands. Carolina one of the most important women in Brazilian black literature, is also one of those responsible for exposing life in communities and the position of black women in society. Since the “problems” of the favelas and domestic violence were almost indisputable issues at the time. However, Carolina felt uncomfortable with these events and exposed them through her diaries. **Keywords:** Women; Black Feminism; Literature; Society; Employment Room.

Carolina Maria de Jesus nascida no estado de Minas Gerais mudou-se para São Paulo no ano de 1948, sem muitas opções foi morar na comunidade de Canindé, hoje extinta, catadora de papel criou três filhos sozinha. Descoberta por Audálio Dantas escreveu em 20 diários praticamente tudo que contem em Quarto de Despejo, com uma tiragem inicial de 10 mil exemplares no ano de 1960. Hoje os números superam as 100 mil cópias comercializadas e mais de 17 traduções em países distintos. Chegou a publicar outras obras ao longo de sua trajetória, mas nenhuma se compara a obra objeto do presente artigo.



1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa abordar o feminismo na literatura brasileira com base na obra *Quarto de Despejo*, a obra que foi traduzida em mais de 15 países e vendeu mais de 100 mil cópias teve seus momentos de incertezas causadas pelo motivo de uma mulher negra estar como autora da obra. Carolina que desde o início da sua vida teve de conviver com a fome, desemprego, uma luta inconstante para sobreviver e criar seus filhos com honra. O feminismo na vida em *Quarto de Despejo* é notório quando a autora se depara com dificuldades para publicação do seu livro, uma sociedade julgadora e preconceituosa.

Carolina uma mulher astuta que ao escrever a obra trata de forma crítica a sociedade, poder público e a falta de oportunidade daquela comunidade em específico. Na época a autora passou de crítica a pessoa criticada, uma mulher negra, favelada e agora uma escritora entrando para o rol da literatura, barreiras estavam sendo quebradas, mas uma situação um pouco mais grave aconteceria, quando tudo parecia estar indo para um desfecho favorável quando a sua própria comunidade que Carolina tanto expôs na tentativa de chamar atenção para os problemas ali compenetrados foi o motivo um dos motivos de sua mudança, ameaças e críticas por parte dos moradores fizeram a autora sair do local onde defendeu e colocou ao mundo as dificuldades vividas.

Carolina nos traz relatos de fome, falta de saneamento, nenhuma condição digna de sobrevivência, condição social. Apesar de todos os problemas encontrados Carolina nunca foi solícita em relação ao poder público, tratou de certa forma com orgulho, mas enfrentou e conquistou seu espaço com ajuda de Audálio Dantas o famoso repórter descobridor de Carolina.

No entanto, as mulheres negras lutaram bravamente contra o racismo, machismo e preconceito, lutas incansáveis fizeram com que a sociedade as enxergasse como seres humanos e não máquinas ou

objetos sexuais. Carolina questiona a todo momento a forma de pensar da elite brasileira, uma mulher que não tinha receio de expor algo que julgava errado.

Diferente do que todos pensam o homem branco tem um ar de superioridade frente a mulher negra, pensando ser superior pelo tom de pele, pela história, pela condição financeira, não sabemos, muito embora alguns possam achar um exagero, o único exagero penetrado nessa relação branco x negro é a ideia eurocêntrica desses homens ou melhor dizendo da sociedade.

A ideia é demonstrar como as mulheres negras foram tratadas de forma escravizada pela sociedade branca e até mesmo pelo próprio homem negro. A obra *Quarto de Despejo* relata uma realidade bem distante de boa parte da sociedade brasileira, mulheres negras estando abaixo até mesmo das brancas, tratadas como restos da sociedade que não podem fazer parte dos meios sociais ou educacionais.

Uma busca incessante de afirmação e reconhecimento negada pela escravidão, o movimento feminismo negro teve seu início no Brasil na década de 1970, Carolina que já havia publicado o quarto de despejo nessa época passou por situações humilhantes principalmente por ser mulher, negra e favelada, mas com toda certeza conseguiu ocupar um lugar de destaque frente a sociedade patriarcal. Hoje a sociedade brasileira vive uma segregação racial não declarada, mas diariamente se faz presente na vida das mulheres principalmente das negras.

Denominações pejorativas acabam sendo tratados de forma “comum” pela sociedade branca e racista, assim como aquela “aberração carnavalesca” que diz: “O teu cabelo não nega mulata / porque és mulata na cor / mas como a cor não pega mulata / mulata eu quero o teu amor”. Trata-se de um insulto, um crime contra as mulheres negras, uma verdadeira humilhação transvestida de fantasias carnavalescas e alegrias brancas.

Ideias racistas devem ser combatidas, e não relativizadas e entendidas como mera opinião, ideologia, imaginário, arte, ponto de vista diferente, divergência teórica. (RIBEIRO, p.39).



Djamila foi muito coerente quando em sua obra *Quem tem medo do feminismo negro* afirma que racismo não tem nada a ver com outras “classificações” que a sociedade acha normal, brincar com cabelo, tom de pele está longe de parecer uma simples opinião.

2. “Quarto de Despejo” – O diário de uma favelada.

O objetivo é demonstrar quão importante foi um dos movimentos mais significativos no combate a violência, racismo, preconceito quando falamos nas mulheres negras. A obra *Quarto de Despejo* nos traz relatos de mulheres praticamente sequestradas por seus próprios maridos. Escravizadas essas mulheres são violentadas sexualmente por aqueles que deveriam protegê-las. As mulheres negras sofrem desde o período escravagista, no entanto há que ressaltar o período entristecido vivenciado por Carolina entre as décadas de 40 e 60.

Carolina critica de forma assertiva a escravatura, até então a sociedade afirmava ter tido um fim, mas a realidade enfrentada pelas mulheres negras eram outra, o trabalho exaustivo que faziam elas trabalharem iguais aos homens, carregando o mesmo peso, tratando-as como se tivessem o mesmo vigor físico dos homens quando falamos do peso e resistência física, claro que não podemos generalizar, mas também não pode haver essa equiparação quando se fala da força bruta.

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. (DAVIS, 1981, p.17)

Davis (1981) faz uma comparação de forma correta quando expõe o fato das mulheres negras trabalharem mais do que as brancas, sendo as brancas de certa forma egoístas ao ponto de lutarem por direitos igualitários em relação aos homens, mas não lutam por todas as mulheres, apenas pelas brancas, deixando assim as negras lutarem por um direito que deveriam ser respeitados desde sempre.

Carolina em seus diários expõe tudo que passou dia após dia na comunidade onde vivia com seus filhos, algo jamais visto em suas

escritas foi o “racismo reverso” consiste no racismo do negro contra o branco, no entanto vale ressaltar que essa modalidade de racismo não existe, tanto que Djamila Ribeiro deixa claro.

Não existe racismo de negros contra brancos ou, como o gostam de chamar, o tão famigerado racismo reverso. Primeiro, é necessário se ater aos conceitos. Racismo é um sistema de opressão e, para haver racismo, deve haver relações de poder. (RIBEIRO, p.41)

Fica claro e evidente que o racismo está relacionado ao poder, mas não estamos aqui falando apenas do poder empreendedor, mas aquele poder da história, dos tempos da escravidão onde os negros eram tidos como peças que poderiam ser repostas quando fosse viável, quando as mulheres eram tidas como reprodutoras ou então um objeto sexual para homens inclusive os próprios negros.

Lélia Gonzalez em sua obra *Por um feminismo Afro-latino Americano* aponta como a sociedade brasileira ainda vivesse os tempos escravagistas, ela afirma que estamos vivendo tempos sombrios.

A situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. (GONZALEZ, p.199)

Carolina tinha uma personalidade bem forte, não fazia questão de casar ou namorar e olha que pretendentes não faltaram, optou em criar seus filhos sozinha sem ajuda dos pais até então desconhecidos. As mulheres negras pareciam estarem sujeitas a escravidão, seja pela sociedade ou até mesmo dentro de suas próprias casas.

E elas têm que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. À noite enquanto elas pedem socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebram as tábuas do barracão eu e meus filhos dormiram sossegados. Não invejo as



mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas... (JESUS, 1993, p.14)

Quando Carolina afirma não invejar as mulheres casadas não se refere apenas ao casamento, mas sim no contexto geral quando essas mulheres são extremamente mau tratadas pelos homens que querem controlar suas esposas como se fossem empregadas.

[...] vivemos em um país onde o Estado controla o corpo das mulheres, de modo que elas precisam passar por situações de descaso e desespero. (RIBEIRO, p. 97)

Djamila Ribeiro traz um retrato onde as mulheres negras são controladas pelo estado, indicando que essas mulheres não tinham direitos em seus próprios corpos. No entanto, vale ressaltar que tais imposições ocorriam apenas com as mulheres negras, as brancas por sua vez tinham toda a liberdade do mundo, ou seja, o racismo parte de onde deveriam protegê-las.

Carolina tinha curiosidade em saber um pouco de cada assunto e claro a política fazia parte desse roteiro, em determinado momento da obra a autora se refere a assembleia como purgatório e chamando os políticos de poetas de salão, para ela o espetáculo proporcionado pelos políticos não eram suficientes para comovê-la muito menos convencê-la.

Empoderamento implica uma ação coletiva desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação de realidade na qual se encontra. É uma nova concepção de poder que produz resultados democráticos e coletivos. (RIBEIRO, p. 136)

Djamila sempre muito assertiva em suas falas deixa claro e evidente quando falamos de poder, palavra essa direcionada para o alto escalão político brasileiro,

tomada de decisões principalmente sobre direitos se quer tem a participação da população e quem diretamente são impostas obrigações advindas desses detentores de poder.

No campo da política – tanto e termos de representação como de participação –, o forte protagonismo das mulheres negras têm se fortalecido com o crescimento da atuação de uma nova geração de feministas negras que acionam diferentes recursos e ferramentas nas duas formas de mobilização. (GONZALEZ, p.17)

Conforme o pensamento a autora Lélia Gonzalez onde afirma que as mulheres negras têm se tornado cada vez mais fortes devido as participações feministas tornando-as fortes e atuantes principalmente na defesa do feminismo negro, essa atuação tem se tornado de suma importância para não somente a conscientização, mas também as mulheres negras em cargos e locais antes jamais vistos.

A presença de mulheres no cenário social tem sido um fato incontestável nos últimos anos, buscando novas soluções para os problemas impostos por uma ordem social, política e econômica que historicamente as marginalizou. Nessa presença, a crise econômica, política, social e cultural [...] tem sido um elemento desencadeador que acelera os processos que estavam se formando. (GONZALEZ, p.146)

Gonzalez também critica de forma categórica a falta de oportunidades e um futuro para as mulheres negras, alegando se tratar de uma opressão de nível altíssimo, sendo os negros perseguidos e o estado que deveria proteger nada faz, vale lembrar que a segurança é uma previsão constitucional, sendo assim, deve ser respeitado em todo território nacional. O estado quer seus cidadãos cumprindo seus deveres, mas ele próprio não faz quando requerido pelos negros.



Quanto a mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. Enquanto seu homem é objeto da perseguição, repressão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. (GONZALEZ, p.58)

Carolina também afirma que somente quando estamos ao final da vida temos uma visão de como foi o trajeto até aquele momento. Ela afirma que tudo em sua volta está negro, entende-se que sua vida não existe cor, não tem um sentido a não ser trabalhar pagar comer as vezes. A comunidade onde vivia também não tinha cor, tudo girava em torno de tristezas, brigas, fome, miséria, pessoas sem perspectivas.

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro. (JESUS, p. 143)

Nesse trecho da obra a autora refere-se não somente ao tom de pele, mas a escuridão em que vive com seus filhos, uma vida miserável, sem as mínimas condições de vida, não conseguindo enxergar uma perspectiva melhor. No entanto, a palavra desistir nunca fez parte da vida dessa mulher guerreira.

Mulheres negras viviam nas comunidades, assim como dizia Carolina e intitulou sua obra o *Quarto de Despejo* é aquele lugar onde jogamos o que não utilizamos, mas nesse caso o que foram jogados foram sonhos, perspectivas de uma vida melhor, pessoas deixadas de lado por uma sociedade que pouco fez para ajudá-las, um poder público preferiu “varrer” a sujeita

por debaixo do tapete em vez de incentivar e promover a igualdade entre os povos.

Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na câmara dos deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.

...Eu classifico São Paulo assim: O palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos (JESUS, p.24)

Carolina faz uma separação da cidade comparando-a com cômodos, deixando claro que o local menos favorecido é a favela. É notório a falta de compaixão e compromisso dos políticos com a população menos favorecida. O político em questão nos remete aqueles “políticos de carreira” que agrada a gregos e troianos, mas quando são eleitos a população que tanto o aguarda como representante mau olha na cara daqueles que lhe confiaram um voto.

Numa sociedade onde a divisão racial e a divisão sexual do trabalho fazem dos negros e das mulheres trabalhadores de segunda categoria, no conjunto dos trabalhadores já por demais explorados (afinal, sobre quem recai o peso da recessão?); numa sociedade onde o racismo e o sexismo, enquanto fortes sustentáculos da ideologia de dominação fazem dos negros e das mulheres cidadãos de segunda classe, não é difícil visualizar a terrível carga de discriminação a que está sujeita a mulher negra. (GONZALEZ, p.109)

Na visão de Gonzalez a mulher negra sofre não apenas com racismo e sexismo, mas também com uma carga de trabalho totalmente injusta e fora dos padrões, vale ressaltar que as mulheres tinham o mesmo tratamento ou até pior que os homens, eram obrigadas a trabalhar até a exaustão.



Carolina em sua obra destacou a mulher negra, mas em alguns momentos inevitavelmente ocorriam comparação entre as próprias mulheres. Inegavelmente as mulheres brancas sempre ocuparam lugares de destaque e elas próprias tinham uma visão de superioridade em relação a mulher negra, fato esse que ocorreu por décadas e décadas.

18 DE JULHO Levantei as 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos. Fui no depósito receber...60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licor de Cacau para Vera Eunice. Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou imprecisar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela. (JESUS, p. 13)

Carolina e seus filhos passaram por humilhações naquela comunidade, sua cor muitas vezes era o motivo de tamanha crueldade assim como visto no texto acima. As crianças queriam brincar e a vizinha arremessa uma sacola de fezes, situações infelizmente vividas por essa família de negros e pobres.

As experiências dos homens negros se assemelham muitíssimo às minhas, em muitas situações estão par a par, porém há um instante profundo, perceptível só para nós, negras e mulheres, para o qual nossos companheiros não atinam. Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há, entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas.

E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. Historicamente, no Brasil, as experiências de mulheres negras se assemelham muito mais às experiências de mulheres indígenas. (EVARISTO, 2009, p. 18).

Diante da exposição de Evaristo (2009) o pensamento de Carolina na época dos diários, mulheres negras sendo tratadas como a segunda opção pelos homens, pela sociedade e até mesmo pelo poder público. Pelo exposto, é evidente a separação entre as próprias mulheres, principalmente quando Evaristo (2009) escreve o seguinte “há uma condição que no une, a de gênero”, algo assustador, porém verdadeiro, as mulheres brancas jamais se uniram com as negras e quando defendiam algum interesse feminino era o próprio.

As mulheres negras tiveram que conquistar seu espaço com suas próprias forças, sem o apoio de absolutamente nenhuma classe, em outras palavras essas mulheres lutaram por algo que deveria ser respeitado desde o início da humanidade, mas nesse caso seria pedir demais.

“Mulher” era o critério, mas nem toda mulher parecia estar qualificada. As mulheres negras, claro, eram praticamente invisíveis no interior da longa campanha pelo sufrágio feminino. Quanto às mulheres brancas da classe trabalhadora, as líderes sufragistas provavelmente ficaram impressionadas, no início, com seus esforços de organização e sua militância. (DAVIS, p.146)

Davis (2016) coloca de forma sucinta quando as mulheres brancas se impressionaram com toda a desenvoltura da mulher negra diante daquele cenário reprovável no qual elas eram colocadas. Mulheres altamente qualificadas para ocupar aquele cargo ou aquela vaga, mas algo “atrapalhava” a sua cor, momentos vividos por seres humanos que jamais poderiam existir, mas aconteceu.

- O que o senhor está distribuindo?
- Eu vim trazer um homem. Nem sei o que esse povo está pedindo. - É que na época de natal, quando vem um automóvel aqui, eles pensam que vieram dar presentes. - Nunca mais hei de vir aqui no natal – Disse o



motorista nos olhando com repugnância. Havia tantas pessoas ao redor do automóvel que não pude anotar a placa. (JESUS, p, 124)

Em plena véspera de natal Carolina se depara com mais uma situação discriminadora e racista partindo de uma sociedade branca, no texto a autora nos traz um simples entendimento, porque aquele homem não avisou aquelas pessoas que achavam se tratar de presentes devido a época do ano, mas não, preferiu tratar com desprezo pessoas que tanto sofriam.

A sociedade que se construiu no Brasil é a sociedade que se estratificou racialmente. Vemos que no Brasil as relações de poder se dão de uma forma absolutamente hierárquica. É uma sociedade hierárquica que temos, uma sociedade onde cada um reconhece o seu lugar; é a sociedade do “você sabe com quem esta falando?”, ou uma sociedade cuja língua aponta para essa hierarquia porque nossos representantes têm de se chamar mutuamente de Excelência. (GONZALEZ, p.247)

Segundo Gonzalez (1988) qual é o lugar daquelas pessoas? Por estarem residindo em uma comunidade e serem em sua maioria negras sujariam o veículo daquele senhor? Até onde vai a capacidade racista da sociedade brasileira? Se aquele senhor estivesse cercado de pessoas brancas ele diria que não voltaria mais naquele lugar? Perguntas que ainda não temos respostas mediante a sociedade branca e preconceituosa que se perpetuou.

A autora de *Quarto de Despejo* não concordava com algumas atitudes dos moradores da favela fazendo até certos julgamentos e comparações esdrúxulas, um cenário até certo ponto intrigante foi quando Carolina é questionada acerca de uma gravidez que nem ela tinha conhecimento.

Fui na D. Florela pedir um dente de alho. E fui na D. Analia. E recebi o que esperava: - Não tenho! Fui torcer as minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me: - A senhor está grávida? - Não senhora – Respondi gentilmente. E lhe chinguei internamente. Se estou grávida não é de sua conta. (JESUS, p. 8)

Apesar de o texto parecer apenas curiosidades entre vizinhos, Carolina se sentia perseguida devido a sua cor e seu sexo feminino pelos moradores da comunidade do Canindé, mas devido ao seu temperamento sempre havia uma resposta para cada questionamento.

Saí a noite, fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo, várias pessoas saiam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou a insultar-me: -Vai catar papel, minha tia? Olha o buraco, minha tia. (JESUS, p. 8)

Até em um simples jogo de futebol é possível perceber a exclusão da sociedade branca com relação as pessoas negras, assim como percebe-se no texto acima de várias pessoas apenas uma negra, e pasmem, foi quem insultou a mulher que tem o mesmo tom de pele. No entanto, vale ressaltar que o estádio do São Paulo fica no bairro do Morumbi uma das regiões de alto padrão da cidade, sendo assim, tem aqui mais uma denúncia de racismo cultural onde as pessoas negras são minorias e quando estão trabalhando sofrem preconceitos ou racismo.

Carolina já estava com o rosto estancado em um jornal muito conhecido na comunidade principalmente. Ela já estava sendo chamada “aquela que está no cruzeiro” fazendo assim uma referência a Carolina. No entanto, as pessoas não davam o menor crédito, duvidavam de tudo o que ela acreditava.

Eu sai. Eu fui catar um pouco de papel. Ouço várias pessoas dizer: - É aquela que está no o cruzeiro! - Mas como está suja!...Conversei com os operários. Desfiz as caixas de papelão, ensaquei outros papéis. Ganhei 100 cruzeiros. As moças do depósito começaram a contar: Carolina, hum, hum, hum... O Leon disse: -Ela saiu no O cruzeiro. Com ela agora é mais cruzeiro. - Eles te pagaram? - Vão me dar uma casa. - Vai esperando. (JESUS, p.148)

A sujeira e a escrita de Carolina incomodavam até mesmo aquelas pessoas que deveriam apoiá-la. Sim ela estava suja, trabalhando na mesma proporção de um homem, catando papel, andando o dia todo, seria anormal se estivesse limpa e cheirosa. Uma



mulher destemida que era obrigada até certo ponto conviver com as injustiças cometidas quase que diariamente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os assuntos abordados no presente artigo nos trazem uma realidade vivida por mulheres negras no enfrentamento ao racismo e preconceito, sendo assim, pode-se verificar que Carolina o objeto de estudo conseguiu alcançar um lugar privilegiado quando falamos em mulheres negras e pobres principalmente no Brasil.

Carolina assim como muitas mulheres negras passaram por situações onde o amor ao próximo está longe de acontecer, no entanto, cabe a sociedade como um todo modificar a forma de pensar e agir. Estamos falando de décadas passadas, mas em dias atuais é inevitável fazer um comparativo.

A autora de *Quarto de Despejo* ganhou uma notoriedade internacional, pena que isso ocorreu após sua morte em 1977, cabe ressaltar a importância de todas as mulheres negras frente ao abolicionismo, a escravatura, o racismo e preconceito. Mulheres que intensificaram e confrontaram um sistema arcaico e uma branquitude criminosa. Carolina por sua vez teve que lidar com a não aceitação por parte da comunidade onde residia, o efeito reverso fez com que ela saísse da favela realizando assim um sonho de morar em uma casa de alvenaria, título de uma obra escrita pela autora.

O problema político que me parece fazer parte do DNA dos nossos digníssimos fez parte dos diários escritos por ela, um cenário que é visto mesmo depois de décadas, no entanto, nossa autora que apesar de ter uma personalidade forte jamais deixou de lutar e expor sua opinião perante as pessoas que a cercavam.

A obra traz a toma uma triste história de vida onde a pobreza, falta de saneamento, fome, pessoas que viviam sem as mínimas condições de vida, mas uma verdadeira guerreira deu lugar a vida amargurada na qual sua vida encaminhava para uma demonstração clara de que é preciso lutar contra um sistema racista e branco.

Deixo aqui um lembrete a toda a sociedade brasileira, as mulheres negras não são piores que as brancas, as negras não são menos

mulheres que as brancas. Não existe uma competição, apesar das brancas não lutarem pelos direitos das negras, mas apenas em benefício próprio. As mulheres negras têm capacidade de ocupar o seu espaço antes ocupado apenas pelas brancas.

A luta contra uma branquitude irracional é constante e não pode parar, a partir do momento que a sociedade enxergar a mulher negra como enxergam uma branca pode-se ter certeza que o mundo ficará melhor.

4. REFERENCIAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, C. **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. *Scripta*, Belo Horizonte, v.13, n. 25, p. 18, 2º sem. 2009.

GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92-3, pp. 69-82, jan./jun. 1988.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.) **Escritoras brasileiras do século XIX. Antologia**. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Mulheres/Edunisc, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.



RNA E O SEU EFEITO REGULATÓRIO OCACIONADO POR MICROFRAGMENTOS DE INTEFERÊNCIA GÊNICA EM ORGANISMOS MULTICELULARES

RNA AND ITS REGULATORY EFFECT CAUSED BY MICROFRAGMENTS OF GENIC INTERFERENCE IN MULTICELLULAR ORGANISMS

Bruno Nonato Cruz Furtado¹, Simone Maria Klok²

Centro Universitário Campos de Andrade – UNIANDRADE, Paraná, Brasil

E-mail: brunofurtado56@gmail.com

Submetido em: 19 ago. 2022

Aceito em: 26 abr. 2023

RESUMO

MicroRNAs (miRNAs) são pequenos fragmentos de RNAs de interferência originados a partir de erros em processos de duplicação, localizados em regiões intergênicas em organismos multicelulares. Esses miRNAs apresentam em sua estrutura uma cadeia composta por aproximadamente 22 nucleotídeos (nt), podendo variar entre 19 a 25 nt, sendo caracterizados por atuarem como reguladores moleculares em diversas vias de expressão, regulando negativamente a nível molecular o funcionamento gênico ao parear-se com a cadeia de RNA mensageiro. Para a realização deste trabalho, efetuou-se uma revisão sistemática da literatura (nacional e internacional) produzida preferencialmente nos últimos dez anos e divulgada por meio de artigos e periódicos publicados em revistas indexadas da área da Saúde, os quais abordaram o processo de bloqueio gênico antes e após a transcrição e a origem desses agentes regulatórios. Diante do exposto na literatura e dos recentes avanços científicos, miRNAs estabelecem importantes funções ao atuarem como agentes supressores da regulação gênica, fornecendo a perspectiva da sua funcionalidade em métodos de grande especificidade analítica frente à patologias de fundo molecular.

Palavras-chaves: RNA; transcrição; silenciamento gênico; RNA de interferência; regulação gênica.

ABSTRACT

MicroRNAs (miRNAs) are small fragments of interference RNAs originated from errors in duplication processes, located in intergenic regions in multicellular organisms. These miRNAs present in their structure a chain composed of approximately 22 nucleotides (NT), which can vary between 19 and 25 NT, being characterized by acting as molecular regulators in several pathways of expression, negatively regulating at the molecular level the genetic functioning when pairing with the chain of messenger RNA. To carry out this work, a systematic review of the literature (national and international) produced preferably in the last ten years and published through articles and journals published in indexed journals in the health area, which addressed the process of gene block before and after transcription and the origin of these regulatory agents. Given the above in the literature and recent scientific advances, miRNAs establish important functions when acting as suppressive agents of genic regulation, providing the perspective of its functionality in methods of great analytical specificity in the face of molecular background pathologies.

Key words: RNA; transcription; gene silencing; interference RNA; gene regulation.



1. INTRODUÇÃO

Ao longo do processo de obtenção do conhecimento a respeito da matéria que forma um organismo, um dos grandes objetivos do campo científico foi descobrir sobre a maneira de transformar em fatos concretos as diversas teorias a respeito do funcionamento do corpo humano. Sobre de que maneira algumas características eram apresentadas por um determinado organismo e, sobretudo, pode-se comprovar que determinado acontecimento resultava de uma combinação de fatores inerentes ao mundo molecular de cada célula. Hoje, o foco científico está voltado para o mais recente modelo de estudo celular, o de análise genética das moléculas de microRNA (miRNAs), que sobrepondo-se sobre sequências gênicas regulam negativamente a ação funcional do gene alvo, sendo este o atual tema de pesquisa em desenvolvimento no ramo da Biologia Molecular [1; 2; 3; 4].

A temática “silenciamento gênico” refere-se a uma série de eventos por meio dos quais a expressão de um ou mais gêis são regulados negativamente, atuando como componentes indutores de modificações epigenéticas. Alterações epigenéticas na expressão gênica são características compartilhadas entre gerações e que não podem ser explicadas apenas por alterações na sequência de DNA, que eventualmente resultam na repressão ou ativação da expressão do gene [5; 6; 7; 8].

Após os primeiros estudos com plantas biotecnologicamente modificadas resistentes a vírus, foi observado que o silenciamento de RNA representava um sistema antigo de defesa contra vírus e retrotransposons (elementos genéticos móveis, conhecidos por se moverem no genoma). Atualmente, sabe-se que este constitui um mecanismo eficiente de controle gênico que atua principalmente no controle de genes envolvidos no desenvolvimento, equilíbrio do organismo e na manutenção da integridade do genoma [5; 6; 7; 8].

A área de genômica humana é o atual segmento responsável por responder a estas questões, também utilizado para aplicar uma análise completa no genoma humano. Com observação do controle da expressão gênica, as variações genéticas e a relação do gene com o ambiente apresentado, sobre a perspectiva regulatória de moléculas intranucleares que

representam todo um albergue de informações evolutivas [9; 10; 11].

O estudo dos ácidos nucleicos que ditam os processos de transição das informações, as características fenotípicas e o controle total de cada molécula funcional de um organismo humano, por décadas teve por prioridade a análise do ácido desoxirribonucleico (DNA). Tendo-o como agente principal da regulação dos genes, não atribuindo aspectos possíveis de interferência gênica causados por ação do ácido ribonucleico (RNA) [2; 3; 4; 7; 12].

O DNA é uma macromolécula formada de ácido nucleico polimérico, apresentando três constituintes básicos em sua estrutura: um açúcar pentamérico (desoxirribose); bases contendo nitrogênio (purinas e pirimidinas) e um grupo fosfato. Os nucleotídeos, assim chamados quando em estado definido, compostos pela interação química destes elementos unem-se formando extensos polímeros de cadeias nucleotídicas por intermédio da ligação 5'-3' fosfodiéster, resultante da interação entre as unidades de desoxirribose contíguas [1; 4; 8; 11; 12].

Com o conhecimento da estrutura que dá forma à dupla hélice de material genético e durante o processo de divisão celular, a conformação básica do DNA sofre induções por mecanismos oriundos do ambiente interno e externo que a levam a entrar em estado de multiplicação e transmissão das informações gênicas de uma célula a outra. Proteínas de restrição promovem a separação das fitas complementares e uma nova sequência de pares de base é originada para completar a fita molde [2; 3; 4; 7; 12].

Todo esse processo é traçado pelos vários pontos de sinalização que levam a célula a entrar em estado de divisão e, assim, a duplicação da sua molécula de DNA está direcionada à produção de proteínas responsáveis por quase toda a ação regulatória de um organismo. A ideia de que o RNA promoveria apenas o papel de constituinte intermediário diante do processo de transmissão de informações genéticas, codificadas pelo DNA, foi tido como simples fato de transição de informações por várias décadas. Isso ocorreu, até que se consolidou o conhecimento de que algumas funções do corpo humano eram reguladas pelo silenciamento de genes, possibilitando uma análise mais detalhada dos



ácidos nucleicos e dos acontecimentos até a tradução em proteínas [3; 10; 7; 11].

Com análises estruturais direcionadas, pode se observar que é durante o processo de transcrição que uma sequência de RNAs antisense (RNA fita simples complementar a um RNA mensageiro, que codifica a proteína com o qual hibrida bloqueando sua tradução em proteína) começa a ser transcrita da fita sentido de DNA, levando ao bloqueio de genes e suprimindo expressões genéticas. Esses RNAs ainda possuem sequências complementares ao RNA alvo da regulação, interagindo por emparelhamento de bases complementares [9; 10; 13; 14; 15].

Nos últimos anos, pesquisas e estudos científicos retrataram a comprovação de que o RNA interfere diretamente nos processos de expressão gênica. Esse processo de interferência consiste em regular negativamente, a nível transcricional e pós-transcricional a expressividade de alguns genes por intermédio da deterioração do ácido ribonucleico mensageiro (RNAm), bloqueando a continuidade da síntese proteica [9; 15; 16; 17].

Dois fatores principais estão envolvidos no processo de silenciamento da expressão gênica: os microRNAs (miRNAs) e os pequenos RNAs de interferência (siRNA), que apesar de não deterem da mesma característica de moléculas codificantes, desenvolvem ações precisas em algumas das funções celulares como formação de cromatina, proliferação celular e estabelecimento da homeostasia [9; 6; 8; 16].

Os miRNAs atuam de maneira regulatória, suprimindo mRNAs à partir de fragmentos transcritos endógenos que não codificam proteínas e possuem como alvo mRNAs endógenos [5]. A origem do conhecimento desses miRNAs data de poucos mais de vinte anos, em estudos elaborados com *Caenorhabditis elegans*, e que são hoje reconhecidos como fatores de regulação fundamentais da expressão gênica em organismos multicelulares [6; 7; 14; 15; 19; 20].

Os miRNAs são RNAs endógenos que têm por finalidade um papel regulatório importante tanto por clivagem do mRNA quanto por repressão da tradução, sendo essas moléculas responsáveis por compor uma das classes mais abundantes de agentes regulatórias em organismos multicelulares. Em organismos

vegetais, miRNAs estão envolvidos em muitos mecanismos do controle da divisão celular, exemplos: polaridade foliar e meristemática, mantimento da heterocromatina, embriogênese, desenvolvimento de meristemas, folhas, flores, anteras e sistema vascular [14; 15; 16; 18; 21].

Os miRNAs desempenham uma regulação pós transcricional na região 3' não traduzida e sua interferência depende do grau de complementaridade com o seu alvo. Se o miRNA inter-relacionar-se com alvos relativamente complementares de mRNA, ocorrerá um bloqueio na tradução, sendo este o fundamental mecanismo de atuação dos miRNAs em mamíferos. Entretanto, no caso de interação total haverá a destruição do mRNA [18; 23; 24].

Considerando tais prerrogativas, a justificativa para realização deste trabalho está embasada em demonstrar o método pelo qual ocorre o processo de silenciamento gênico. Bem como caracterizar detalhadamente os miRNAs, a sua localização no espaço tempo e a sua origem no ambiente celular elucidando os fatos e elementos moleculares principais de interferência do RNA durante a cascata das reações. Visto que esses elementos de interferência a nível transcricional e pós-transcricional induzem ao processo de silenciamento gênico quando entram em funcionalidade química com outros constituintes da replicação do material genético. Durante a realização deste estudo, será relatado ademais os atuais métodos de reconhecimento dos fragmentos de RNA, além de alguns casos de polimorfismo gerados [11; 13; 14].

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de caráter exploratório descritivo, retrospectivo, qualitativo e quantitativo sobre o mecanismo de silenciamento gênico ocasionado por fragmentos de RNA construídos a partir da fita sentido de DNA. Com base em uma revisão sistemática da literatura (nacional e internacional) produzida preferencialmente nos últimos dez anos e divulgada por meio de artigos e periódicos publicados em revistas indexadas da área da Saúde, que abordaram o processo de bloqueio gênico antes e após a transcrição, bem como a regulação gênica gerada por RNAs de interferência. A busca dos artigos foi realizada entre os meses de fevereiro

e novembro de 2021, em diferentes bases de dados, LILACS, Medline, Pubmed, Biblioteca Virtual em Saúde e Scielo, e utilizando-se as palavras-chave: RNA, transcrição, silenciamento gênico, RNA de interferência, regulação gênica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Caracterização e comunicação dos microfragmentos de interferência

Nos últimos anos, o conhecimento sobre a biogênese e a forma de atuação dos miRNAs evoluiu e possibilitou de modo exponencial a análise científica dos métodos preditivos em genômica. Esses são uns dos acontecimentos que solidificam e dão estrutura a continuação de diversos segmentos analíticos que abordam o campo de estudo atrelado ao organismo humano, sendo processos iniciados em organismos geneticamente diferentes ou *in vitro*. O fato é que a transcrição desses genes ainda guarda detalhes complexos de difícil elaboração teórica interpretativa, tão logo seja tecnicamente provável que a etapa regulatória seja o momento chave na biogênese de miRNAs [15; 20; 22].

O principal ponto de entendimento para compreender o mecanismo de regulação é ter o conhecimento de que os miRNAs precisam, antes, ser caracterizados, atentando-se para alguns detalhes de grande importância. Exemplos: o fato de que para que uma molécula possa servir como material genético, ela deva: prover da capacidade de duplicar de modo preciso a informação e transferi-la às outras células durante a divisão; ter a capacidade de conservar informações genéticas sob uma forma biologicamente estável e de repassar essa informação a todas as partes de um corpo/conjunto celular. Além da capacidade de sofrer mudanças sob a forma de alterações mutagênicas [3; 4; 6; 18; 25].

MiRNAs são conhecidos como RNAs de fita simples, apresentando comprimento de 19 a 25 nucleotídeos (nt) de extensão, formados a partir de transcrições endógenas que podem demonstrar formações em grampo, constituindo uma extensa família de moléculas não codificantes que atuam como preceptoras em diversas vias de silenciamento genético. Podendo ser expressos em níveis muito

diferentes espacialmente e temporalmente funcionam como moléculas-guia, emparelhando-se aos RNAs mensageiros (mRNAs) alvos, levando à repressão translacional ou clivagem total do mRNA [10; 16; 22].

Inicialmente, são corpos moleculares processados como parte de uma transcrição anterior muito mais longa, tendo evidências de que a maioria dos miRNAs são resultantes de processos enzimáticos incorretos da enzima polimerase II (Pol II). Embora a enzima RNA polimerase III (pol III) também possa estar envolvida, tornando a transcrição de miRNAs um produto incompleto da transcrição de outra classe de pequenos RNAs nucleolares, sendo estes transcritos de modo independente ou codificados em íntrons de genes que codificam proteínas. Conforme demonstra a figura 1 a seguir, em que um fragmento em formato de grampo de cabelo está em processo de fragmentação ocasionado pela enzima polymerase [13; 14; 15; 20].

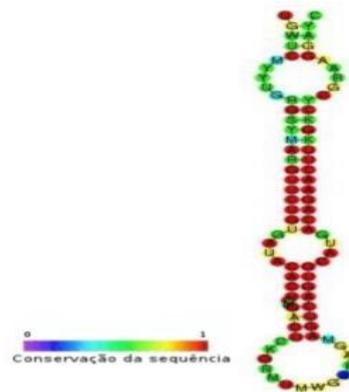


Figura 1: Imagem de um miRNA (RNA não codificador), denotando sua característica estrutural em forma de grampo de cabelo (harpin). Fonte (SILVA, 2012).

Os transcritos que geram miRNAs são caracteristicamente um pouco mais longos do que os demais RNAs transcritos pela enzima e contêm sequência endógenas com mais de quatro uracilas seguidas, o que seria o sinal de término da transcrição para a RNA pol II. Vários estudos genéticos relatam a existência de três vias de silenciamento de RNA, em que corpos proteicos supressores de silenciamento codificadas por vírus evidenciaram que estas vias podem se sobrepor em alguns pontos. A primeira via é a de interferência citoplasmática

via siRNAs, que está envolvida na deterioração de RNA viral interferindo ou mesmo bloqueando o ciclo de infecção. A segunda é a via de silenciamento de mRNAs endógenos por meio de miRNAs. Os miRNAs regulam a expressão gênica negativamente por meio do pareamento de bases complementares a mRNAs alvo, resultando na quebra do mRNA ou na repressão de sua tradução [6; 8; 16; 18; 19].

A terceira via é a nuclear e, está associada à metilação de DNA e à formação de heterocromatina. Uma importante função para esta via é possivelmente proteger o indivíduo de desorganizações genômicas geradas por transposons. As três vias do silenciamento de RNA precisam de grupos de proteínas relacionadas em plantas, fungos, animais e protozoários, indicando a existência de um mecanismo antigo comum a estes organismos e às três vias, embora com diferenças significativas. Estudos científicos de engenharia química demonstraram que o silenciamento de RNA é um processo progressivo com pelo menos quatro etapas: iniciação, amplificação, sinalização sistêmica e manutenção. Conforme o conceito apresentado anteriormente, a figura 2 abaixo possibilita a observação e análise genérica do mecanismo de interferência gênica e o possível mecanismo de interferência [5; 6; 7; 25; 26].

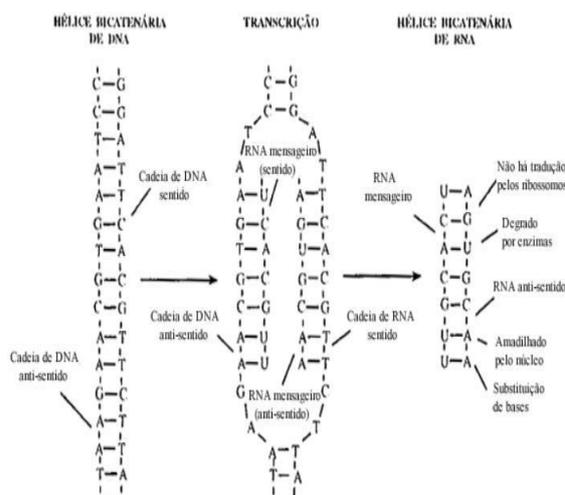


Figura 2: Imagem demonstrando a construção de fragmentos de RNA antisense a partir da fita sentida, o qual pode alterar a conformação da heterocromatina ou regular mRNAs extranuclearmente. Fonte (CRAVADOR, 1998).

Assim, a função de miRNAs começa a ser conceituada como uma troca de informações envolvendo diversos transmissores dentro da célula. A transmissão geralmente não se baseia a um efeito verdadeiro ou falso ou de liga e desliga de miRNAs, mas é mais como uma conversa contínua, sendo a expressão do próprio miRNA influenciada por muitos agentes na conversa a nível de transcrição, processamento e função [15; 18; 19].

A expressão do RNA alvo é igualmente gerida em vários níveis por miRNAs, incluindo efeitos epigenéticos, regulação do promotor, processamento de RNA, estabilidade e translação. A interação foi percebida pela primeira vez entre miRNAs e mRNAs que codificam proteínas, mas agora é reconhecido por ser mantido entre miRNAs e muitos outros tipos de RNAs. Por fim, a progressão de informações não se prende à célula onde começou. Pois a transferência célula-célula de miRNAs tem efeitos funcionais de grande abrangência, em que, alguns miRNAs são expressos em uma forma específica do estágio de desenvolvimento ou específica do tecido, enquanto outros parecem estar constitutivamente presente nos pontos em que estes fatores ocorrem simultaneamente [7; 14; 20; 27].

3.2 Origem dos microfragmentos de RNA

A observação que deu base à teoria de RNAs de interferência no controle da regulação gênica, ocorreu sistematicamente em 1993 quando se teve conhecimento do relato da clonagem e análise funcional do primeiro miRNA, em *Caenorhabditis elegans* (uma espécie de nematódeo da família Rhabditidae que mede cerca de 1 milímetro de comprimento, e que vive em ambientes temperados). Com a descoberta de *lin-4* e *let-7*, miRNAs precursores da classe de RNAs não codificadores de genes envolvidos na regulação gênica, que quando inativados em *C. elegans*, o resultado foi a diferenciação celular desregulada e a reiteração de tipos de células embrionárias em estágios futuros de desenvolvimento. Esses dois miRNAs desempenham suas funções inibindo a tradução de mRNAs alvo que contêm 3 sequências de região não traduzida (3 UTR) parcialmente complementares [15; 18; 19; 20; 25; 26; 27].



CUMMINS, 2006, relata em seus estudos duas classes de RNAs da família lin-4, uma com a composição nucleotídica de vinte e duas moléculas, os lin-4S tido como a espécie ativas de RNA em altas quantidades. A outra, por sua vez, os lin-4L, que seriam uma espécie menos abundante composta por aproximadamente sessenta moléculas nucleotídicas, podendo ser este um corpo molecular de processamento pós-transcricional de lin-4S. Usando uma analogia com o comprovado mecanismo de ação do lin-4 e let7, foi proposto que os miRNAs atuam como repressores antisentido da tradução do RNA mensageiro por complementariedade de base não perfeita com as 3 UTRs de um ou mais genes alvo [15; 18; 28; 29; 25].

MiRNAs e seus alvos demonstram constituir conexões regulatórias altamente complexas e diversificadas, logo que um único miRNA pode se ligar e regular muitos alvos de mRNA distintos e, inversamente, vários miRNAs diferentes podem se unir e controlar conjuntamente um único alvo de RNA. O ponto de estudo que alberga entre os vários centros de pesquisa, está envolvido em entender de que forma os miRNAs regulam determinados processos gênicos, para isto, é necessário o entendimento de como os próprios miRNAs são controlados [6; 14; 20; 22; 30; 31].

MiRNAs seguem uma posição constante de localização gênica, correspondente aos espaços intergênicos ou em direção antisentido para genes anotados, indicando que sua origem se forma de modo interdependente. A grande parte dos outros genes de miRNAs estão presentes em regiões intrônicas, que podem ser transcritas como parte dos genes anotados [6; 14; 20; 22; 30; 31].

3.3 Funcionalidade

MiRNAs atuam sendo guias de sequência imperfeita para conduzir um complexo de ribonucleoproteína (RNP) ao RNA complementar. Usando esse modelo, os miRNAs agem de maneira semelhante a outros componentes de RNA de RNPs, nomeadamente para fornecer um componente de ligação específico de sequência para permitir que o RNP atue em um determinado alvo. O complexo miRNA RNP é chamado de complexo de silenciamento induzido por RNA (RISC), o RISC utiliza um pequeno RNA

(miRNA) para direcionar a sequência específica de recrutamento do RISC para o seu RNA alvo [4; 30; 31; 32; 33].

Geralmente, os miRNAs não agem para silenciar completamente seu gene alvo de interesse, mas para diminuir a sua expressão. Da mesma forma, os próprios miRNAs às vezes são considerados neste modelo sendo ativo ou inativo. Na verdade, existem exemplos onde miRNAs têm notável especificidade de tecido (por exemplo, miRNA-122 no fígado), existem também casos de forte indução de miRNAs em tempos de desenvolvimento. Frequentemente, miRNAs são expressos em vários tipos de células e tecidos e possuem diferentes níveis de expressões, mas raramente se encaixam no esquema de "ligado ou desligado" [3; 6; 14; 18; 26; 31; 33].

Existem muitos relatos dos mecanismos pelos quais os miRNAs reduzem à expressão de suas proteínas-alvo cognatas, onde pode-se incluir a degradação de RNA. Além disso, são relatados a deadenilação induzida, ligação de proteína cap alterada, ribossomo reduzido, ocupação e sequestro do mRNA da máquina de tradução. Esses processos não são mutuamente exclusivos e alguns resultam na diminuição dos níveis de mRNA enquanto outros atuam apenas para diminuir a expressão da proteína, assim como demonstra a figura 3 a seguir, em que um microfragmento adere-se à uma região codificadora. [3; 6; 14; 18; 26; 31; 33].

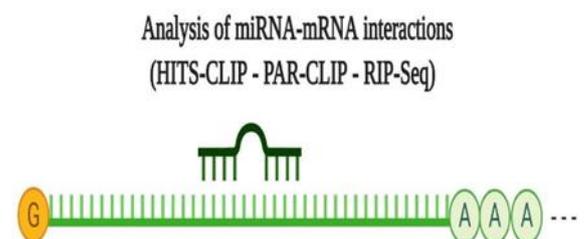


Figura 3 (Análise de interações miRNA-mRNA): Modelo de pareamento entre fragmento de RNA e a molécula de mRNA, demonstrando o mecanismo de interferência. Fonte (Pawlick et al., 2020).

3.4 Regulação de miRNAs



A expressão de miRNA pode ser regulada em várias etapas durante a biogênese do RNA, embora continue a se determinar qual etapa é controlada e como esse controle é alcançado. A regulação transcricional, ativação ou inibição, repressão epigenética e taxas de degradação controladas são possivelmente os mecanismos de controle principal, embora alguns miRNAs demonstrem ser controladas a nível pós-transcricional. As expressões de análise de perfil indicam que a maioria dos miRNAs estão, sob o controle de sinalização de desenvolvimento ou tecido específico, ou ambos [3; 31; 33].

Algumas pistas desses processos podem ser adquiridas quando se observa o relato de que a proliferação celular anormal é uma marca registrada dos cânceres humanos, em que há a especulação de que parece possível que a expressão de miRNA padrões pode denotar o estado maligno. Em alguns casos a expressão alterada de alguns miRNAs foi encontrada em vários tipos de tumores, contudo, o potencial de expressão de miRNA para informar o diagnóstico de câncer não foi explorado criteriosamente [6; 14; 20; 30; 34].

MiRNAs intrônicos são frequentemente regulados por seu gene hospedeiro e processado a partir do íntron, mas podem ter uma região promotora distinta, já miRNAs intergênicos normalmente têm elementos promotores autônomos. A meia-vida de um miRNAs é geralmente longa e muitos podem persistir por 5 dias ou mais; no entanto, alguns miRNAs têm rotatividade rápida, onde vários fatores podem ser responsáveis pela estabilidade dos miRNAs. Por exemplo, a sua biodisponibilidade em diferentes tecidos e a atuação dos complexos proteicos que atuam no processamento destes segmentos de interferência [26; 30; 31; 32; 33].

Múltiplos estudos têm usado miRNAs como diagnóstico isoladamente ou em combinação com outros biomarcadores conhecidos. Os estudos iniciais que examinaram a expressão de miRNAs, usaram tecidos para determinar reações funcionais e diagnósticas de miRNAs. Os fluidos corporais estão mais prontamente disponíveis e menos invasivos (em alguns casos) do que biópsias. MiRNAs são secretados por células através de exossomos e vesículas extracelulares, continuando estáveis nos fluidos corporais podendo ser separados de sangue (soro e plasma), saliva, urina, fezes, fluido folicular,

fluido sinovial, suco pancreático, bile, suco gástrico e outros fluidos corporais que são examinados como biomarcadores para doenças. Os miRNAs também têm a capacidade de indicar o tipo de célula que está sendo analisada, o exemplo mais conhecido é o miRNA específico do fígado, miR-122 [6; 14; 31; 32; 33].

Foi analisado, ainda, o potencial de atingir centenas de mRNAs devido à imperfeita complementaridade necessária para a ligação, logo que o sequenciamento de RNA para alvos de miRNA reconheceu centenas de alvos para um único miRNA. Uma maneira de abordar a função de um miRNA ou família de miRNAs, é determinar uma via ou função celular que provavelmente altera usando métodos preditivos [3; 8; 20; 30].

3.5 Regulação de miRNAs a nível sistêmico

Até agora, foram descritos miRNAs que se comunicam em um contexto celular único, contudo miRNAs têm a capacidade de se comunicar com outras células ou tecidos. Como discutido acima, miRNAs são secretados em exossomos ou microvesículas, esses secretados são muito estáveis e podem ser absorvido pelas células do tecido circundante ou se as vesículas atingirem a circulação pode atingir locais distantes [20; 30; 31].

A observação de que a expressão de miRNA parece integralmente maior em tecidos normais em comparação com tumores levou à hipótese de que a expressão de miRNA global reflete o estado de diferenciação celular. Para testar esta abordagem, foi explorado em um modelo experimental em que trataram a linha celular de leucemia mieloide HL-60 com transácido retinóico, um potente indutor de diferenciação neutrofílica. Como previsto, o perfil de miRNA demonstrou a inferência de muitos miRNAs coincidente com a maturação. Esses experimentos apoiam a hipótese de que mudanças inteiras na expressão de miRNA estão ligadas com a diferenciação, cuja revogação é uma marca conhecida de todos os cânceres humanos [8; 32; 33; 34].

Estudos observaram que perto de 9% de todos os genes de mamíferos têm mais de um local de miRNA alvo em suas 39 UTRs, com 1.314 sendo candidatos mais fortes com mais de dois sítios de ligação. Por outro lado, algumas



hipóteses indicam que nem todas as interações de miRNA - mRNA teriam um efeito biológico a menos que ambos miRNA e mRNA fossem expressos na mesma magnitude, ao mesmo tempo, na mesma célula e em concentração satisfatória. Isto é, atualmente não se sabe se alguns miRNAs controlam a expressão de genes de miRNA, ou seja, a progressão da transcrição de miRNA para miRNA maduro. As estimativas demonstram que existem cerca de 1.000 moléculas de miRNA por corpo celular, com algumas células podendo exceder 50.000 moléculas [31; 32; 35; 36].

A dinâmica de miRNAs demonstra que estes podem afetar a expressão de RNAs direta ou indiretamente para alterar a função celular, não surpreendentemente, RNAs também podem afetar a expressão de miRNA por meio de ligações exclusivas da sequência que alteram o processamento. Assim, miRNAs funcionam como guias específicos de sequência para direcionar um RNP funcional para o alvo RNA de interesse. Quando o objetivo é um mRNA que codifica uma proteína, o resultado mais imaginável da ligação do miRNA é a diminuição da expressão da proteína alvo. Contudo, o efeito geralmente não é para silenciar a expressão, mas sim um efeito mais mimetizado para diminuir os níveis de proteína podendo ser amplificado pela ligação de vários miRNAs a um único alvo, ou pelo direcionamento de várias proteínas na mesma via [6; 20; 31; 32; 33].

3.6 Localização dos miRNAs

Os genes de miRNA estão espalhados em todos os cromossomos humanos com exceção para o cromossomo Y. Aproximadamente 50% de miRNAs conhecidos são encontrados em grupo, sendo eles originados como transcritos primários policistrônicos. Os miRNAs em um determinado sítio são frequentemente relacionados a cada outro, indicando que o agrupamento de genes é um resultado de duplicação gênica, em que, um agrupado de genes de miRNA também costuma conter miRNAs não relacionados [30; 31; 33].

Inicialmente, pensou-se que a maioria dos genes de miRNA eram localizados em regiões intergênicas. Porém, recentes análises de localizações de genes de miRNA mostraram que a maioria (70%) dos genes de miRNA de

mamíferos estão localizados em unidades de transcrição definidas (TUs), combinando conjuntos de genoma atualizados e bases de dados de etiqueta de sequência expressa (EST) [14; 30; 37].

RODRIGUES et al., 2007, demonstrou que muitos genes de miRNA (117 de 161), foram encontrados nos íntrons na posição sensorial, que é mais do que o previsto, destes 117 miRNAs intrônicos, 90 miRNAs são encontrados nos íntrons de genes que codificam proteínas, enquanto 27 estão nos íntrons de RNAs não codificantes (ncRNAs). Em alguns casos, os miRNAs estão presentes em um exon ou em um íntron ('misto'). Assim, os genes de miRNA podem ser diferenciados com base em suas localizações genômicas: miRNAs intrônicos na codificação de proteínas; miRNA intrônico em TU não codificantes; e miRNA exônico em TU não codificante [31; 34].

3.7 Geração de miRNAs e o processo de silenciamento

A transcrição é feita de genes individuais ou grupos seletivos de genes (OPERONS), pela RNA polimerase (principal enzima envolvida no processo). A regulação da transcrição de um determinado gene ou operon depende do seu promotor, este promotor funciona como um gene regulador colocado antes do ponto de início da transcrição de um gene estrutural ou de um operon. A região promotora é reconhecida pela RNA polimerase e, desde que a transcrição não esteja bloqueada por nenhum repressor, esta correrá pela fita em busca do ponto de iniciação. A enzima RNA polimerase é um complexo proteico composto de cinco regiões ($\alpha 1$, $\alpha 2$, $\beta 1$, $\beta 2$, Ω), tendo ainda outros fatores auxiliando a sua função (Σ , ρ) [1; 8; 14; 30; 31; 33].

O ponto inicial da transcrição envolve a presença de fatores e enzimas que formam um complexo de reconhecimento, onde o fator Ω que reconhece o ponto de início da transcrição trazendo consigo a RNA polimerase. Após ser reconhecido, o fator Ω se dissocia para ser reutilizado em outra transcrição e a partir de então a RNA polimerase inicia a formação de polímeros de ribonucleotídeos complementares à cadeia de DNA que será transcrita. A presença de um outro fator, o NusA se liga a RNA polimerase indicando o início do processo de finalização da transcrição gênica, entretanto, o

ponto final da transcrição só é reconhecido pela presença do fator ρ . A sequência de reconhecimento do fator ρ geralmente é assinalada por sequências da mesma cadeia de DNA que podem se parear formando uma conformação em grampo [1; 3; 6; 11; 30; 38].

Após a transcrição, miRNAs sofrem clivagens nucleares pela RNase III endonuclease Drosha, produzindo 60 a 70 nt de miRNA primário (pré-miRNA) com um fosfato 5' e uma protuberância de 2 nt [39]. Drosha é uma proteína de 160 kDa, que é conservada em animais e que requer um cofator, a proteína do gene 8 da região crítica da síndrome de DiGeorge (DGCR8), em humanos, Drosha e DGCR8 formam um grande complexo proteico de 650 kDa. O produto Drosha - pré-miRNA, confinados ainda no núcleo precisa ser levado para o citoplasma [3; 11; 35; 36; 40; 41].

A exportação de pré-miRNA é mediada por um dos transportadores nucleares dependente de Ran receptor por meio da rede nuclear da membrana, dependente da proteína exportin-5 (Exp5). Seu cofator Ran-guanosina trifosfato (GTP), no citoplasma, é hidrolisado para difosfato de guanosina (GDP) e Exp5 / Ran-GDP em seguida libera sua carga. Quando Exp5 é esgotado por RNAi, os miRNAs maduros são diminuídos, mas o pré-miRNA não se acumula no núcleo. Este evento sugere que o pré-miRNA pode ser relativamente instável e também que pré-miRNA pode ser estabilizado por meio de sua interação com Exp5 [3; 11; 35; 36; 40; 41].

Na exportação, pré-miRNAs são processados em 22-nt duplex de miRNA no citoplasma pela próxima enzima de processamento, RNase III Dicer, sendo esta uma ribonuclease de 200 kDa que reconhece mRNAs alvo por meio de interações de complementariedade de pares base, que semelhante a Drosha, se associa a um parceiro contendo dsRBD. Esta é confinada ao citoplasma, cliva o pré-miRNA no citosol a cerca de duas voltas helicoidais das extremidades do pré-miRNA em que ocorre o pareamento de pares de base, produzindo RNA duplex para que este de fita dupla seja então desenrolado pela helicase, clivando-o em uma direção específica da fita. Um dos fios desenrolados é tão logo agrupado em um complexo de partícula ribonuclear (RNP), induzido por RNA complexo de silenciamento (RISC), cada RISC contém um membro do

Família de proteínas Argonaute, que se liga fortemente ao RNA no complexo, conforme demonstra a figura 4 a baixo [6; 28; 30; 31; 33; 35; 41].

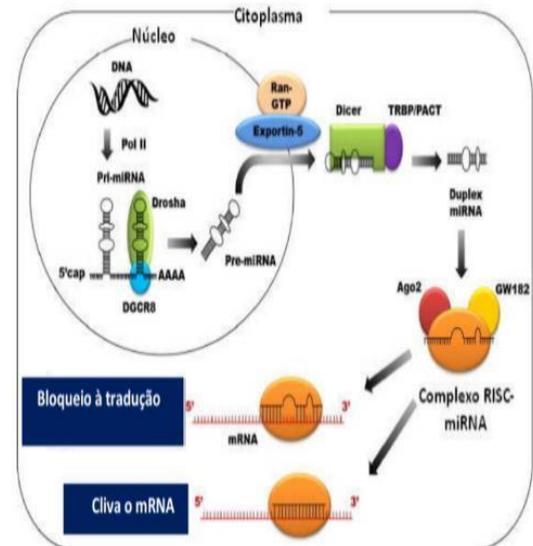


Figura 4: método de silenciamento por miRNAs. No citoplasma da célula, o miRNA maduro composto por uma dupla fita de RNA é aberto por uma helicase e em seguida é transferido para o complexo RISC. Se o miRNA for transportado pelo complexo RISC Ago2, o mRNA alvo é clivado e degradado, entretanto, se o miRNA for transportado pelo complexo RISC Ago1-4 ocorrerá a supressão da tradução. Fonte (SILVA, 2010).

O principal efetor de cada RISC é um membro da família de proteínas Argonaute (Ago), cujos membros todos contêm um domínio PAZ central (denominado após as proteínas do membro da família Piwi, Argonaute e Zwillie) e um domínio PIWI carboxi-terminal. Estudos estruturais desmontam que o domínio PIWI se liga a pequenos RNAs em sua extremidade 5', enquanto o domínio PAZ se liga à extremidade 3' da fita simples RNAs. Análises genéticas em *Arabidopsis* apontaram que AGO1 está relacionada nas vias de silenciamento mediadas por miRNAs, enquanto AGO4 está envolvida em modificações na cromatina. O complexo RISC possui atividade catalítica que cliva especificamente o mRNA alvo sem afetar o siRNAs guia. A subunidade catalítica é conhecida como Slicer, e foi demonstrado que mutações em AGO2 de mamíferos bloqueiam a capacidade de clivagem do RISC, apontando



que AGO2 é a própria proteína Slicer [5; 14; 22; 30; 33; 41; 42].

MiRNAs maduros são eventualmente transferidos para proteínas Argonaute junto ao complexo efetor, conhecidos como 'miRNP', 'mirgonaute' ou, mais geralmente, 'miRISC' (complexo de silenciamento induzido por RNA contendo miRNA). Durante a montagem de RISC, o produto de clivagem (duplexes de miRNA 22-nt) são rapidamente convertidos em fios simples. Subsequentemente, um fio deste duplex de curta duração desaparece, enquanto a outra vertente permanece como um miRNA maduro para servir como guias no silenciamento de RNA, além de serem os efetores do silenciamento de genes, as proteínas Argonaute também contribuem para a biogênese de miRNA selecionando ou ligando-se a estes e posteriormente estabilizando miRNAs maduros [30; 31; 36; 40].

Drosha provavelmente diferencia não apenas se uma transcrição codifica um miRNA ou não, mas também se um miRNA primário transcrito é uma essência qualificada, além disso, Drosha é um fator determinante de que parte de uma transcrição primária se tornará o maduro miRNA. Os locais de clivagem escolhidos por Drosha em grande parte ditam onde a Dicer irá posteriormente dividir e, portanto, após a seleção da fita, qual fita de RNA permanece como o produto final. Muitos miRNAs têm extremidades heterogêneas, provavelmente como resultado de RNA-Drosha flexível e / ou Interações RNA-Dicer. Conhecer o ponto onde Drosha atua e a clivagem de Dicer é importante por dois detalhes principais: primeiro, os locais de clivagem apontam a sequência de miRNAs maduros que são expressos endogenamente ou ectopicamente para o propósito de RNA de interferência; em segundo lugar, os locais de clivagem influenciam diretamente a função de miRNAs [8; 40; 41].

3.8 Identificação de miRNAs – modo geral de categorização

MiRNAs são diferentes de pequenos RNAs interferentes (siRNAs), tão logo que os siRNAs são sintetizados a partir de uma extensa fita dupla de RNAs (dsRNAs). Quando um pequeno RNA é reconhecido por clonagem de DNA (cDNA), alguns critérios são importantes

para que este possa ser classificado como um miRNA. Inicialmente, a pequena sequência de RNA deve estar localizada em um braço da estrutura em grampo, que precisa de grandes voltas ou protuberâncias internas. As estruturas em grampos são comumente formadas de 80 nt em animais, mas os comprimentos são mais diversos em plantas. As pequenas sequências de RNA devem ser gravadas filogeneticamente em espécies puramente relacionadas [25; 30; 31; 36; 37].

A sequência é em regra menor na região do loop (circuito observado) do que no segmento de miRNA maduro. Em segundo lugar, sua expressão deve ser comprovada por hibridização com um RNA fracionado por tamanho da amostra, caracteristicamente por Northernblotting. O borrão caracteristicamente mostra a forma madura (uma banda 22-nucleotídeos) e a de grampo precursor (uma banda 70-nucleotídeos). Quando a expressão é ínfima para detecção, o precursor putativo do pequeno RNA clonado tem uma estrutura reputada em grampo que pode ser escrito como um miRNA. RNAs pequenos que não atendem à estas características podem ser qualificados sendo siRNAs ou outras classes provisórias [25; 30; 31; 36; 37].

3.9 Variações de polimorfismo

O mapeamento do genoma humano compreende uma análise precisa de cada conjunto de alelos que possa ser estudado afim de se determinar o correto funcionamento genético, evidenciando o estado ativo de cada segmento de DNA. Para isso, o sequenciamento é utilizado em muitas ocasiões para o reconhecimento de novos polimorfismos ou mutações que podem resultar em uma determinada doença [41; 43].

A contribuição relativa do mRNA na degradação e repressão translocacional tem sido testada usando ensaios de microarray e perfil de ribossomo. Observou-se a relação do efeito do miRNAs sendo mediado indiretamente por diminuição de expressão dos níveis gerais de mRNA alvo, sustentando a prerrogativa de que um modelo onde miRNAs causam diminuição da expressão de seus alvos é bem suportado. No entanto, nem todas as interações de miRNAs funcionais envolvem uma redução na expressão do gene alvo. Isto, porque a complementaridade da sequência entre o miRNAs e seu alvo está



localizada preferencialmente na extremidade 5' do miRNA, denominado seed18, ponto chave para levar ao processo de interferência [30; 31; 32; 33; 44].

Um aspecto da pesquisa de miRNAs é a capacidade de um único miRNAs ter funções opostas em sistemas diferentes, demonstrando a comunicação de miRNAs e o contexto dependente. Um exemplo é o miR-125b no câncer, regulado negativamente em vários tipos de cânceres, por exemplo: hepatocelular e mama, enquanto super expressos em colorretal, pancreático e algumas leucemias. Os resultados indicam que o miR-125b tem a capacidade tanto oncogênica quanto tumoral supressora sujeita ao tecido / ambiente. As modificações da extremidade 3' dos mRNAs alteram a estabilidade do RNA, principalmente por permitir o decapeamento da extremidade 5' seguido pela degradação da exonuclease [30; 31; 32; 45].

A modificação de miRNAs demonstrou ter várias funções, podendo ocorrer uridilação em ambos os miRNAs precursores (pré-miR) e miRNAs maduros, que embora essas modificações 3' do miRNA afetem a estabilidade, elas provavelmente não alteram o direcionamento de mRNA. Outra edição de RNA de transcritos de miRNAs primários, bem como precursores, ocorre como desaminação de adenosina em inosina, essa alteração não muda apenas o nucleotídeo, mas também a estrutura do miRNA precursor [32; 41; 44; 48].

Alterações na estrutura secundária de miRNAs têm a capacidade de alterar a forma como as proteínas de ligação ao RNA podem interagir, potencialmente inibindo o processamento de Drosha ou Dicer das formas primárias e precursoras. A regulação da expressão gênica baseada em miRNAs geralmente ocorre por meio de ligação de miRNA à região 3' não traduzida do mRNA alvo. O comprimento da 3'UTR é uma característica do gene alvo, mas pode ser alterada através do uso de clivagem alternativa e sinais de poliadenilação (PAS) [32; 41; 44; 48].

O PAS geralmente consiste em um hexanucleotídeo 5'AAUAAA, mas variantes de base única são descritas. Normalmente, após o códon de terminação um gene terá várias sequências semelhantes à AAUAAA, permitindo o uso alternativo. A poliadenilação alternativa pode encurtar ou alongar a 3'UTR

dependendo se um sinal a reverso se torna ativo ou se o PAS canônico for ignorado e um sinal próximo a esta região é empregado, assim, a poliadenilação alternativa pode resultar na perda ou ganho de sítios de ligação de miRNA [32; 41; 44; 48].

Polimorfismos de nucleotídeo único (SNP) são variações de base relativamente comuns em que uma substituição de base é herdada; geralmente, existem apenas dois alelos em um determinado local em sequência comum e o SNP (presente em ~ 1–5% dos indivíduos). SNPs são herdados e fisicamente ligados ao material genético vizinho, a maioria não muda o fenótipo celular, mas pode ser usado como um marcador de doença quando um gene próximo carrega uma mutação (muitas vezes a mutação é desconhecida e o SNP atua como um meio conveniente para inferir a mudança local). No entanto, vários SNPs mudam a função de seu host gene; alguns também alteram a função ou expressão do miRNA, podendo uma única mudança de base impactar a função do miRNA de várias maneiras [32; 41; 44; 46; 48].

Estima-se que no genoma humano existam mais de 10 milhões de variações do Sequência de DNA de diferentes tipos, sendo polimorfismos de mudança de um nucleotídeo (SNP) as mais encontradas. Para o estudo dos diferentes tipos de polimorfismo, são usadas diferentes metodologias e abordagens de acordo com as características de cada um. Para analisar repetições tandem curtas (STR) e número variável de repetições tandem (VNTR) a amplificação por PCR é frequentemente usada na análise do tamanho dos fragmentos amplificados. Além disso, se dispõe de várias técnicas que podem ser utilizadas em todos esses polimorfismos e que têm sido utilizadas até agora no estudo de grandes rearranjos: o OLA (ensaio de ligação de oligonucleotídeo), OLA semiquantitativo, MLPA (amplificação de sonda dependente de ligação multiplex), PCR quantitativo, PCR semiquantitativo multiplex, entre outros [43; 44; 47; 48].

MARTÍNEZ et al, 2007 relata em seu trabalho técnicas prévias de pesquisa, como polimorfismos de conformação de cadeia única (SSCP) ou eletroforese em gel de gradiente desnaturante (DGGE), que facilita o reconhecimento de mutações pontuais nos pontos de secção analisados. No entanto, eles precisarão ser sequenciados para determinar a mutação detectada. Os autores relatam ademais,



diversas metodologias de alto padrão para sequenciamento de DNA com base em clusters, que empregam técnicas como pirosequenciamento, ou em sequenciamento por ligação permitindo sequenciar grandes quantidades de DNA, podendo exceder 100 Mpb (milhões de pares de bases) em um único ensaio. Atualmente chips de resequenciamento também têm sido usados para sequenciar fragmentos de DNA conhecidos, principalmente para a pesquisa de mutações causadoras de doenças [41; 44; 46; 47; 48].

3.10 Modo de atuação do profissional Biomédico na contribuição para o desenvolvimento de novas metodologias envolvendo miRNAs de interferência

Conforme a regulamentação vigente assegurada pela lei federal nº. 6.684, de 03 de setembro de 1979 e pelas Resoluções nº 78 e nº 83, de 29 de abril de 2002 do CFBM: o profissional Biomédico habilitado em biologia molecular ou em genética está apto a redigir e gerir projetos de cunho técnico científico voltados à área de sequenciamento, análise genética e molecular do genoma humano, podendo se utilizar dos mais recentes modelos de tecnologia oferecidos pelo campo da área de interesse biológico [49; 50].

Ademais, a atual importância gerada pela presença deste profissional no mercado de trabalho leva empresas voltadas a área da saúde, mais precisamente do ramo tecnocientífico e especialmente do ramo clínico, a adotarem medidas de captação estruturadas e de alto grau de qualidade para a apropriação desta mão de obra qualificada. Com isso, os atuais métodos e tratativas pedagógicas utilizados levam os centros de ensino a atuarem de maneira elaborada para a formação deste profissional [49; 50].

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o tema elaborado e aqui discutido, depreende-se do significado das moléculas de miRNAs e o papel desses constituintes moleculares no conceito de regulação gênica. É prontamente discutível que tais constituintes fazem parte de um complexo sistema de regulação, onde variados processos

de desequilíbrio biológico tenham seu fundo patológico envolvido com o ritmo descompensado da regulação do material genético ligado a irregularidade dos RNAs não codificantes.

Alguns aspectos atuais buscam a modulação desses corpos moleculares para atuarem como repressores em vias sistêmicas do desenvolvimento genético, como por exemplo o uso em organismos transgênicos. Outro ramo de total interesse é poder desenvolver sistemas capazes de identificar o papel desses constituintes em diferentes processos patológicos do organismo humano, ponderando aspectos de especificidade e tempo de meia vida, em que o efeito funcional das mudanças de expressão de miRNAs, perfis de expressão de RNA podem servir como marcadores de diagnóstico. Uma perspectiva futura é que os padrões de miRNA associados com resultados específicos podem, em última análise, fornecer conhecimentos nas etiologias subjacentes da doença e descobrir alvos terapêuticos. Uma perspectiva especialmente interessante é o potencial para miRNAs para servir como marcadores de alerta precoce para o câncer em estágio de iniciação ou progressão.

5. REFERÊNCIAS

- [1] Andrade, João Antônio da Costa; DE AGRONOMIA, **Curso. APONTAMENTOS DE GENÉTICA**. 2009.
- [2] NUSSBAUM, Robert. **Thompson & Thompson genética médica**. Elsevier Brasil, 2008.
- [3] Costa, Everton de Brito Oliveira; Pacheco, Cristiane. **Micro-RNAs: Perspectivas atuais da regulação da expressão gênica em eucariotos**. Biosáude, v. 14, n. 2, p. 81-93, 2012.
- [4] Correia, J. H. R. Dias; Correia, A. A. Dias. **Funcionalidades dos RNA não codificantes (ncRNA) e pequenos RNA reguladores, nos mamíferos**. REDVET. Revista Electrónica de Veterinaria, v. 8, n. 10, p. 1-22, 2007.
- [5] Zerbini, Francisco Murilo; Alfenas, Poliane Ferreira; Andrade, Ec De. **O silenciamento de RNA como um mecanismo de defesa de plantas a vírus**. Revisão anual de patologia de plantas, v. 13, p. 191-244, 2005.
- [6] França, Natália Regine de. **Interferência por RNA: Uma nova alternativa para terapia**



nas doenças reumáticas. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 50, p. 695-702, 2010.

[7] Barbosa, Angela Silva; Lin, Chin Jia. **Silenciamento de genes com RNA interferência: um novo instrumento para investigação da fisiologia e fisiopatologia do córtex adrenal**. Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia, v. 48, p. 612619, 2004.

[8] Menck, Carlos Frederico Martins. **A nova grande promessa da inovação em fármacos: RNA interferência saindo do laboratório para a clínica**. Estudos avançados, v. 24, p. 99-108, 2010.

[9] Cravador, Alfredo. **Os DNA sintéticos antissentido**. Química Nova, v. 21, n. 4, p. 441-452, 1998

[10] Read, A.P. E; Strachan, T. **Genética Molecular Humana**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Artmed Editora, 2001.

[11] Pinto, Joana Margarida Teixeira. **Recuperação de microRNA através de Partículas Magnéticas**. 2017.

[12] Woski, Stephen A.; Schmidt, Francis J. **DNA e RNA: Composição e estrutura**. Manual de bioquímica: com correlações clínicas, p. 29, 2011.

[13] Snustad, P. E; Simmons, M. J. **Fundamentos de Genética**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2008.

[14] Brantl, Sabine. **Antisense-RNA regulation and RNA interference**. Biochimica et Biophysica Acta (BBA)-Gene Structure and Expression, v. 1575, n. 1-3, p. 15-25, 2002.

[15] Oberstrass, J.; Nellen, W. **Genes regulating with antisense RNA**. Antisense Oligodeoxynucleotides and Antisense RNA, CRC Press, LLC, p. 171-195, 1997.

[16] Zeng, Yan; Cullen, Bryan R. **Sequencerequirements for micro-RNA processingandfunction in humancells**. Rna, v. 9, n. 1, p. 112-123, 2003.

[17] Matte, Ursula; Oliveira, Fernanda; GIUGLIANI, Roberto. **Atualizando o código genético: o RNA de interferência—um comentário sobre o prêmio nobel de medicina e fisiologia de 2006**. Clinical&BiomedicalResearch, v. 26, n. 3, 2006.

[18] Wagner, E. Gerhart H.; Simons, Robert W. **Controle de RNA anti-sentido em bactérias, fagos e plasmídeos**. Revisão anual de microbiologia, v. 48, n. 1, pág. 713-742, 1994.

[19] Delilhas, Nicholas. **Regulation of gene expression by trans-encoded antisense RNAs**. Molecular microbiology, v. 15, n. 3, p. 411-414, 1995.

[20] Lustosa, Cátia Valderês dos Santos Faria. **Interferência de RNA para silenciamento gênico da enzima NO sintase neuronal (nNOS) no modelo in vitro de neurodegeneração por interferon gama**. 2013.

[21] Aragão, Francisco JI; Ibrahim, Abdulrazak B.; Tinoco, M. L. **RNA interferente**. Ômicas, v. 360, p. 69-94, 2013.

[22] Lee, Yoontae et al. **MicroRNA genes are transcribedby RNA polymerase II**. The EMBO journal, v. 23, n. 20, p. 4051-4060, 2004.

[23] Silva, Michelle Paula. **Aplicação da técnica de interferência por RNA para inibição de tumor, e microRNAs com função supressora de tumor**. 2010.

[24] Rodríguez, Mariano Esteban. **ARN interferente: del descubrimiento a sus aplicaciones**. In: Anales de la Real Academia Nacional de Farmacia. 2007.

[25] Souza, Gabriela Regina Rosa. **Desenvolvimento de nanopartículas híbridas para terapia por RNA de interferência: silenciamento de genes-chave na sobrevivência celular em câncer de mama**. 2016.

[26] Bento, Flavia de Moura Manoel. **Silenciamento gênico por interferência de RNA (RNAi) em traça-do-tomateiro, Tuta absoluta (Meyrick), utilizando bactérias expressando dupla fita de RNA (dsRNA)**. 2017.

[27] Meister, Gunter. **Sequence-specific inhibition of microRNA-and siRNA-induced RNA silencing**. Rna, v. 10, n. 3, p. 544-550, 2004.

[28] Calin, George Adrian. **Frequent deletions and down-regulation of micro-RNA genes miR15 and miR16 at 13q14 in chronic lymphocytic leukemia** Proceedings of the national academy of sciences, v. 99, n. 24, p. 15524-15529, 2002.

[29] Zeng, Y. **Principles of micro-RNA production and maturation**. Oncogene, v. 25, n. 46, p. 6156-6162, 2006.

[30] Wagner, E. Gerhart H.; Brantl, Sabine. **Kissing and RNA stability in antisense control of plasmid replication**. Trends in



biochemical sciences, v. 23, n. 12, p. 451-454, 1998.

[31] Nordström, Kurt; Wagner, E. Gerhart H. **Kinetic aspects of control of plasmid replication by antisense RNA.** Trends in biochemical sciences, v. 19, n. 7, p. 294-300, 1994.

[32] Mott, Justin L.; Mohr, Ashley M. **Overview of microRNA biology. In: Seminars in liver disease.** NIH Public Access, 2015. p. 3.

[33] Nellen, Wolfgang; Sczakiel, Georg. **Ação in vitro e in vivo do RNA antisense. Biotecnologia molecular,** v. 6, n. 1, pág. 7-15, 1996.

[34] Lu, Jun. **Os perfis de expressão de microRNA classificam os cânceres humanos.** natureza, v. 435, n. 7043, pág. 834-838, 2005.

[35] JOHN, Bino. **Human microRNA targets.** PLoS Biol, v. 2, n. 11, p. e363, 2004.

[36] Kim, V. Narry; Nam, Jin-Wu. **Genomics of microRNA. TRENDS in Genetics,** v. 22, n. 3, p. 165-173, 2006.

[37] Cummins, J. M.; Velculescu, V. E. **Implications of micro-RNA profiling for cancer diagnosis.** Oncogene, v. 25, n. 46, p. 6220-6227, 2006.

[38] Jobling, M.; Hurles, M. & Tyler-Smith, C. **Human Evolutionary Genetics: Origins, Peoples Disease, 2004.**

[39] Lu, Thomas X.; Rothenberg, Marc E. **MicroRNA. Journal of Allergy and Clinical Immunology,** v. 141, n. 4, p. 1202-1207, 2018.

[40] Januário, Arilton; Júnior, Bacelar. **A engenharia genética como nova metodologia de combate ao HIV: A terapia gênica, a interferência por RNA e suas aplicações.** 2015.

[41] Pereira, Tiago Campos. **Estudo de possíveis aplicações médicas da interferência por RNA.** 2005.

[42] Du, Tingting; Zamore, Phillip D. **microPrimer: the biogenesis and function of microRNA.** 2005.

[43] Martínez-Hervás, S.; García-García, A. B.; Chavesa, F. J. **Técnicas para el estudio del ADN y el ARN. Introducción al estudio de proteínas.** Av. diabetol, p. 419-424, 2007.

[44] Amaral, Murilo Sena. **Identificação de RNAs longos não-codificadores de proteínas regulados por micro-RNAs.** 2013.

[45] Pillai, Ramesh S. **MicroRNA function: multiple mechanisms for a tiny RNA.** Rna, v. 11, n. 12, p. 1753-1761, 2005.

[46] Mohr, Ashley M.; MOTT, Justin L. **Overview of microRNA biology. In: Seminars in liver disease.** Thieme Medical Publishers, 2015. p. 003-011.

[47] Tanzer, Andrea; Stadler, Peter F. **Molecular evolution of a microRNA cluster.** Journal of molecular biology, v. 339, n. 2, p. 327-335, 2004.

[48] Silva, Tulio Conrado Campos **Identificação de RNA não codificador utilizando redes neurais artificiais de treinamento não supervisionado.** 2012.

[49] Silva, Grace Kelly Correia; Ventura, Rogéria Maria. **A Importância do Biomédico na Biologia Molecular e Hematologia Forense.** Atas de Ciências da Saúde (ISSN 2448-3753), v. 10, n. 4, p. 166-175, 2020.

[50] Kischinevzky, Claudia Andrea Segal (Ed.). **Manual de Practicas Biologia Molecular de la Celula L.** UNAM, 2005.

[51] Pawlick JS, Zuzic M, Pasquini G, Swiersy A e Busskamp V (2021) **MiRNA Regulatory Functions in Photoreceptors.** *Frente. Cell Dev. Biol.* 8: 620249. doi: 10.3389 / fcell.2020.62



**YURI AL'HANATI, UM CRONISTA CAMINHANTE NOS ESPAÇOS DAS
CIDADES EM UMA BULA PARA UMA VIDA INADEQUADA**

**YURI AL'HANATI, A WALKING CHRONIST IN CITY SPACES IN A PACKAGE
FOR AN INADEQUATE LIFE**

Ana Lúcia Corrêa Darú¹

Cláudia da Rocha Moreira Sampaio de Andrade²

Orientador: Profo Dr. Marcelo Alcaraz³

1. Discente do Curso de Doutorado em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, Brasil.
2. Mestre em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, Brasil.
3. Docente do Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, Brasil.

E-mail: ana.daru@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho analisa as crônicas que constituem o livro *Bula para uma vida inadequada*, de Yuri Al'Hanati, a partir das concepções teóricas de Francisco Careri em *Walkscapes*, o caminhar como prática estética, cuja percepção sobre o ato de caminhar vai além do espaço da cidade. Segundo Careri, o caminhar se transforma em instrumento de autoconhecimento, de reconhecimento e de produção artística. Autores como Walter Benjamin, Byung Chul-Han e João do Rio contribuirão para que a análise das crônicas desvende um caminhante contemporâneo que não precisa, necessariamente, por um “pé na frente do outro” para desvendar os espaços, mas ele também pode colocar os olhos nas redes sociais e “caminhar” virtualmente pela vida dos outros e pelo cotidiano citadino.

Palavras-chave: Caminhante literário; Peregrino; Flâneur; Crônica; Andarilho.

ABSTRACT

This paper analyzes the chronicles that constitute the book *Bula para uma vida inadequada*, by Yuri Al'Hanati, based on Francisco Careri's theoretical conceptions in *Walkscapes*, o caminhar como prática estética, whose perception of the acct of walking goes beyond space of the city. According to Careri, walking becomes an instrument of self-knowledge, recognition and artistic production. Authors such as Walter Benjamin, Byung Chul-Han and João do Rio will contribute so that the analysis of the chronicles unveils a contemporary walker who does not necessarily need to put one “foot in front of the other” to unravel the spaces, but he can also place the eyes on social networks and “walking” virtually through the lives of others and the daily life of the city.

Keywords: Literary walker. Pilgrim. Flaneur. Chronicle. Wanderer.



1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho intenciona analisar as crônicas do livro *Bula para uma vida inadequada* (2019), de Yuri Al'Hanati, buscando elucidar o trajeto que o autor percorre como referência estética para conceber sua obra. Yuri Al'Hanati nasceu em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, em 1986, mas foi em Curitiba que estudou Jornalismo na Universidade Federal do Paraná, em 2004. Foi nesta cidade que decidiu criar raízes profissionais e literárias. Os passeios que fez por Curitiba e por outros lugares mundo afora constituíram seu repertório de escrita, relatando a experiência do caminhante nas cidades e seus confrontos com habitantes locais.

O ato de caminhar pode parecer algo banal, afinal, caminhar é, simplesmente, seguir por uma trilha ou percorrer um trajeto andando a pé. Ser caminhante é “pôr um pé na frente do outro” de forma constante e sincronizada, convertendo-se em um deslocamento. No entanto, é possível depreender algo mais nesse simples ato de deslocar-se, pois, ao caminhar, é inevitável que se encontre inusitados espaços e experiências.

O primeiro a escrever um tratado sobre a caminhada foi o filósofo e naturalista norte-americano Henry David Thoreau (1817-1862). Em seu ensaio *Caminhando*, publicado após sua morte, em 1862, ele traz relatos de viagens que consistiam em explorar a natureza selvagem dos Estados Unidos, os espaços onde se sentia em casa.

Acho que não consigo preservar minha saúde e meu ânimo se não passar quatro horas por dia, pelo menos – e geralmente é mais do que isso -, vagando através das matas, dos morros e dos campos, absolutamente livre de todos os compromissos terrenos. [...] Quando às vezes lembro que os artesãos e os negociantes ficam em suas lojas não só toda a manhã, mas toda a tarde também, sentados de pernas cruzadas, tantos deles – como se as pernas fossem feitas para se sentar sobre elas e não para ficar de pé ou caminhar sobre elas -, acho que merecem algum crédito por não terem cometido o suicídio há muito tempo. (THOREAU, 2006, p.71)

Thoreau nomeou o ato de caminhar como ato de autoconhecimento. Em *Caminhando*, ele teceu um tratado sobre o caminhar para conhecer-se, para se apropriar dos espaços e, também, para refletir sobre a existência dos espaços vazios de cultura e os habitados pelo ser humano cultural. Assim, promoveu inúmeras descobertas sobre a vida em sociedade.

Francisco Careri em *Walkscapes, o caminhar como prática estética* (2013) aborda a temática do ato de caminhar imprimindo a ele uma especificidade. Careri considera que o passeio pelo espaço das cidades é um instrumento não apenas de autoconhecimento e de reconhecimento social, mas de apreensão de valores estético-culturais presentes nas cidades e em seus arredores:

O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares. (CARERI, 2013, p.51)

Careri atribui a *espaço* algo a significar, e a *lugar* algo significativo, ou afetivo, um espaço com o qual se tem familiaridade, convívio, intimidade. Pode ser uma paisagem, uma rua, uma praça ou uma construção. Sendo assim, o caminhante se depara com um espaço natural agregado à sociedade, o que os geógrafos chamam de espaço geográfico, ou seja, é o espaço modificado pela ação humana e que está em constante processo de construção e modificação. Mas também convive com a *paisagem* “aquilo que a vista alcança”, ou mais atualmente, as manifestações e fenômenos espaciais que podem ser apreendidos pelos sentidos humanos e não somente pela visão. Este conceito agrega valor ao termo, abarcando a sensação de frio ou calor, os cheiros e os sons do espaço:

A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém



coexistindo no momento atual. No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas, mas só as formas mais recentes correspondem a determinações da sociedade atual. (SANTOS, 2006, p.67)

É fato inconteste que os primeiros habitantes do planeta viviam do que a natureza lhes oferecia. O esgotamento de oferta de alimento de um local forçava o grupo humano a deixar seu lugar e a caminhar para outros espaços. É possível afirmar que os primeiros habitantes do planeta evoluíam enquanto caminhavam e constituíam novos lugares.

Em relação a narrativas sobre personagens caminhantes, é possível encontrar inúmeras obras literárias em que o ato de caminhar é o que dá subsistência à narrativa.

O primeiro romance ocidental *Dom Quixote* (1605), de Miguel de Cervantes de Saavedra (1547-1616), revolucionou as formas de narrativa. O protagonista, após ler romances de cavalaria, percorre os espaços da Espanha do século XVII em busca de aventuras, em uma andança sem fim. *Dom Quixote de la Mancha* tornou-se para a literatura um verdadeiro cavaleiro andante.

A literatura, de fato, está repleta de “quixotes”, peregrinos e andarilhos.

Em *Bula para uma vida inadequada*, há um autor-peregrino, um andarilho urbano que caminha, observa e reconhece os lugares, os tipos urbanos locais, as culturas típicas, as intercorrências que desafiam um viajante. O cronista desvenda os espaços como se fossem personagens, como se essa existência contribuísse para o modo como o sujeito local age, vive, interage e se insere no mundo. Em suas crônicas, Al'Hanati promove uma reflexão sobre como os lugares revelam a passagem da história, do tempo e como os habitantes se relacionam com a sociedade.

No título do livro de Yuri Al'Hanati, há um prenúncio para o leitor: uma bula é, grosso modo, um conjunto de indicações. Sendo assim,

é possível depreender significados desse termo e associá-los a um estar no mundo de maneira inadequada.

Segundo Luís Henrique Pellanda, prefaciador do livro de Yuri Al'Hanati, o autor escreve sobre um mal-estar difuso, algo relacionado às redes sociais, às máscaras cotidianas, ao trabalho burocrático, à vida na cidade, à vida enquanto representação para o outro, ao culto do estar bem todo o tempo.

O próprio Al'Hanati, em entrevista concedida ao *Litera Tamy*, um canal de conteúdo literário, em 3 de agosto de 2019, afirmou: “As crônicas tratam de tipos de inadequação, tipos de estranhamento do mundo, deslocamentos sociais.”¹

Bula para uma vida inadequada apresenta 39 crônicas e 04 contos, em 160 páginas, e foi lançado pela editora Dublinense de Porto Alegre, em 2019. A “bula” de Yuri Al'Hanati traz, principalmente, uma certa organização, pois suas crônicas percorrem um caminho, ou um fio condutor: de casa; da rua; sobre pessoas; viajar; e regressar/relembrar. Nessas temáticas, percebe-se o viés do caminhante e um modo Al'Hanati de caminhar.

É certo, assim, alertar que o modo ‘Al'Hanati’ de caminhar oferta ao leitor um caminhante contemporâneo, não só aquele que coloca “um pé após o outro”, mas aquele que observa das janelas do ônibus, do táxi, do metrô, do automóvel, ou do alto de um prédio. Na atualidade há, também, aquele que caminha pela vida alheia, percorrendo espaços com os olhos vidrados em fotos e vídeos postados nas redes sociais. O passo a passo modernizou-se.

2. UM CRONISTA NAS RUAS DE CURITIBA

O vocábulo *crônica* “Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), do latim *chronica* (m), o vocábulo ‘crônica’ designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica.” (MOISÉS, 1997, p.245)

A crônica é uma narrativa de fatos do dia a dia que foi, primeiramente, direcionada

¹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eYNP0_Zf1U
> Acesso em: 30 jun. 2021



para o jornal e, apesar de o jornal diário ser de duração efêmera, a crônica conseguiu alcançar uma vida mais longa:

[...] a crônica move-se entre ser no e para o jornal, uma vez que se destina, inicial e precipuamente, a ser lida no jornal ou revista. [...] o seu objetivo, confesso ou não, reside em transcender o dia a dia pela universalização de suas virtualidades latentes, objetivo esse via de regra minimizado pelo jornalista de ofício. O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia. (MOISÉS, 1997, p.247)

A crônica imprime um olhar literário a eventos do cotidiano, recriando a reportagem ou um acontecimento social. O escritor e prefaciador do livro em questão Luís Henrique Pellanda apresenta a obra e o autor estreante Al'Hanati ao leitor:

O jovem cronista é um escritor à caça de seus leitores, buscando uma posição que lhe seja mais favorável, ou menos exposta. [...] Yuri Al'Hanati, a julgar por este seu livro de estreia, parece já ter escolhido seu figurino e suas obsessões. [...] Estamos falando de um cronista que se define pela negação. De sua janela, no último andar de um edifício isolado em Curitiba, o autor simplesmente constata, sem descambar para o cinismo, que 'tem uma vista'. Ou melhor, que tudo que tem é esta 'vista impessoal' [...] (AL'HANATI, 2019, p.7-8)

Essa "vista" que o autor tem do alto de um prédio, no centro da cidade de Curitiba, oportuniza que o cronista passeie com os olhos pela cidade. Traduz-se o autor como um caminhante de vanguarda, pois "anda" pela paisagem deixando suas pegadas no vidro da janela do apartamento. Isso se percebe no primeiro parágrafo da primeira crônica do livro, intitulada *Eles estão lá, eu estou aqui*.

"O barulho da chuva some, mas um ruído estático continua no ar. Abro a janela e constato que o som vem do estádio ao fundo da

minha paisagem urbana enevoada. O Paraná Clube é uma espécie de time de futebol, com a diferença que desperta mais compaixão do que rivalidade nos adversários." (AL'HANATI, 2019, p.13)

Há uma proximidade entre o prédio em que o autor mora e o estádio de futebol Paraná Clube. A leitura que Al'Hanati faz dessa proximidade e das ocorrências no estádio de futebol e arredores garante a crônica por meio de um narrador-protagonista que atualiza o leitor a partir de seu ponto de vista sobre as publicações dos torcedores: "[...] arranca elogios nas redes sociais pelo que há de belo no esporte. Não entendo do belo nesse contexto, mas tenho certeza de que não é a aglomeração de bêbados gritando para a grama." (AL'HANATI, 2019, p.13)

Dessa forma, o cronista reflete-se em sua personagem ao reconhecer o som emitido pela multidão no estádio: "Abro a janela do quarto para me debruçar e fico ouvindo ao longe o som de televisão fora do ar que dez mil vozes desconexas fazem quando amplificadas por uma concha acústica de paredes de arquibancada." (AL'HANATI, 2019, p.13)

Vale pontuar que a identificação entre o autor e suas personagens é recorrente no livro, fazendo o leitor crer que as crônicas de Al'Hanati não são eventos do cotidiano da cidade, mas eventos da vida do autor nas cidades.

Outra característica do texto de Al'Hanati é a observação solitária que suas personagens são capazes de revelar. Nessa crônica, o contraste entre uma personagem solitária, culmina com uma convivência pacífica: "Não reclamo, a solidão me faz bem, constato, enquanto mais uma vez me dou conta de não participar da balbúrdia que acontece a poucos metros da minha casa. [...] Fecho a janela e volto minha atenção, mais uma vez, para dentro." (AL'HANATI, 2019, p.14)

Ao fechar a janela e voltar-se para *dentro*, o protagonista devolve sua atenção para o interior de si mesmo. Ele expõe uma integridade que se confunde com a reclusão do próprio autor. E há uma dica para o leitor: o final é inusitado ou possui uma reflexão ponderada, porém marcante.

Na crônica *Uma vista impessoal*, reforça-se o caminhar na cidade, mas feito por meio do observador distante que caminha com os olhos: "Abro as cortinas e olho pela janela. A cidade inteira se desvela sem dificuldade a



partir daqui, do último andar deste prédio sem concorrentes na região. Algumas poucas torres solitárias nesta rua que desfrutaram do mesmo privilégio. Até onde a vista alcança está Curitiba.” (AL’HANATI, 2019, p.47)

O caminhar por diversos monumentos da cidade é constituído por meio da descrição:

É possível observar o novo templo evangélico em construção e dois estádios principais da cidade, além de viadutos, garagens de ônibus, hospitais, vias expressas e a linha férrea que ensurdece o mundo com seus trens obsoletos. [...] Queimas de fogos que espocam no horizonte, um avião que corta o céu rumo ao aeroporto, uma revoada de pássaros às cinco e meia da tarde. (AL’HANATI, 2019, p.47)

À noite, a cidade torna-se mais dinâmica: “Nada nem perto da emoção de um prédio do centro da cidade, com suas discussões passionais à luz do poste, com suas prostitutas, assaltantes e outras estrelas do submundo da cidade grande.” (AL’HANATI, 2019, p.48)

A cidade é reconhecidamente opaca, fria e nublada durante a maior parte do ano. É nesse cenário que o cronista traz seu horizonte: “Mero observador malgrado da vida que se desenrola lá embaixo, longe dos pés e dos olhos. É tudo céu e concreto. [...] Quando será que vai fazer um sol de novo?” (AL’HANATI, 2019, p.48)

Curitiba tem a fama de abrigar um povo mais fechado e o cronista, às vezes, confirma isso; outras vezes, traz tipos humanos diferentes. Esse jogo de alternância, ou a dicotomia que apaga os clichês, é uma constante nos textos de Al’Hanati.

Os temas são variados e contam dos passeios que o autor fez pela cidade ao caminhar para o trabalho; ao observar os vendedores ambulantes; as filas de banco; os transeuntes, a UFPR; a Rodoferroviária, os bares acanhados; as bandas de rock; os tipos notívagos. Há sempre algo mais a dizer sobre eles do que as obviedades.

As personagens de Al’Hanati transitam pelo centro da cidade, ou fazem um plantão observatório do alto de um prédio. O centro da

cidade tem uma vibração que entorpece, homens e mulheres que vagueiam, expostos ao sereno e ao frio; a busca por sexo, distração ou recreação. O centro com sua patologia fervilhante. “Curitiba me ensinou a ser sozinho ao mesmo tempo em que me mostrou que ninguém pode ser uma ilha” (AL’HANATI, 2019, p.14)

Na crônica *Redução por números*, o espaço é um restaurante em Curitiba onde o narrador-protagonista vai com frequência e onde se depara com os diplomados da Universidade Federal do Paraná. “Almoço com frequência em um bistrô amplamente frequentado por pesquisadores, professores, esse povo que se importa muito com blazer e óculos redondo e pouco com penteado, vocês sabem.” (AL’HANATI, 2019, p.23)

A conversa com o leitor no trecho “vocês sabem” quebra uma barreira que há na ficção entre o narrador e o leitor. É uma estratégia de narrativa usada pelo autor para estabelecer um processo de interação com o público, conectando-o aos acontecimentos da história, atraindo a atenção e a sensibilização para o narrado.

Há ainda outra estratégia recorrente nas crônicas do livro, o fato de o narrador introduzir inúmeras citações nos textos que contribuem para uma ampliação de entendimento ou visão mais complexa sobre o assunto tratado. “A minoria distinta das massas, como na visão radicalmente aristocrática de Ortega y Gasset. Eu, que não sou indivíduo, mas massa, também almoço lá, e figuro entre essas pessoas como uma rêmora.” (AL’HANATI, 2019, p.23)

Ortega y Gasset (1883-1955) foi um filósofo e ensaísta espanhol. Suas concepções sobre a submissão das massas estão no livro *A Rebelião das Massas*, publicado, em 1926, em um jornal madrileno. Gasset destaca a submissão das massas em contraposição ao individualismo. Segundo o autor, a formação das massas e aglomerações nas cidades não oferece a oportunidade para o indivíduo ocupar-se de pensamentos próprios. “Pode hoje um homem de vinte anos formar um projeto de vida que tenha figura individual e que, portanto, necessitaria realizar-se mediante suas iniciativas independentes, mediante seus esforços particulares?” (GASSET, 2011, p.16)²

² GASSET, José Ortega y. *A Rebelião das Massas*. Tradução de Herrera Filho. 2011. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000060.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.



A inclusão do filósofo Gasset introduz o protagonista em um universo parasitário “rêmora” aos diplomados, com o intuito de satirizar essa aproximação. O que incluiria a todos do restaurante em “massa” é o fato de a moça do caixa decorar os primeiros números do CPF dos clientes. “[...] somos todos – e incluo aqui os doutos acadêmicos que lá almoçam – destituídos de toda nossa pretensa humanidade para sermos perfilados de acordo com o número que nos acompanhará pelo resto da vida.” (AL’HANATI, 2019, p.24)

A moça do caixa do restaurante dispensa os títulos e trata a todos como “massa” disforme e homogênea. “Dispensamos a segunda via do cartão e saímos porta afora, desnorteados. [...] Continuamos indiferentes aos passantes da calçada, mas nos reconhecemos entre nós.” (AL’HANATI, 2019, p.24-25)

Esse quebra-cabeça entre o texto e as citações criam uma teia de informações que o leitor precisa ir em busca, se quiser expandir sua visão de mundo e compreender melhor a crônica lida.

Um tradicional terminal intermunicipal e interestadual de passageiros, a Rodoferroviária de Curitiba é o local para outra crônica: *Banheiro de rodoviária*. A Rodoferroviária de Curitiba já foi uma usina termelétrica. O prédio foi adquirido pela União e foi transformado em rodoferroviária, inaugurado em 1972. O curitibano, ao adentrar a crônica, faz uma conexão imediata com esse patrimônio histórico da cidade, instituição que é ponto de partida e de chegada. A rodoferroviária faz parte da paisagem da cidade. Atualmente, ela possui controle de entrada de passageiros, mas até há bem pouco tempo, era moradia para alguns que chegavam na cidade e não sabiam para onde ir, ficando ali para fazer uso do banheiro e das áreas cobertas. Mas também essa é a finalidade dos monumentos das cidades. “Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdã, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria.” (DO RIO, 1908, p. 08)

O protagonista desta crônica está prestes a adentrar ao banheiro da rodoferroviária de Curitiba. “Você corre acelerado com a bolsa pendurada em um ombro

só esbarrando em todo mundo e vira a esquina onde se vê o bonequinho pictórico sem as saias para adentrar ao recinto desde já distinto quanto ao cheiro no afã de esvaziar a bexiga que lhe aperta a pélvis,[...]”. (AL’HANATI, 2019, p.39)

A crônica revela um passeio desconfortável pelo banheiro público que contabiliza micróbios e o que mais pode ser encontrado em vasos sanitários públicos. O exagero é marca do cronista: “Passa a herança do desespero para o desconhecido que desajeitadamente passa entre a porta e você com sua bolsa a tiracolo. Você está livre do banheiro e livre da necessidade fisiológica que te levou àquele lugar. O ar puro que começa a invadir as narinas tem o frio e o peso da atmosfera mais próxima ao mar, você mal acredita.” (AL’HANATI, 2019, p.41)

Em *O vendedor de abacaxi*, a cidade de Curitiba aparece novamente. “O vendedor de abacaxi gosta das minhas botas e do meu casaco de couro. [...] Todo dia ele chega com seu carrinho de mão repleto de abacaxis. Não sei de onde vem e como faz para trazer tanto abacaxi para a frente do escritório.” (AL’HANATI, 2019, p.43)

O vendedor de abacaxi da crônica é jovem e tem uma expectativa de conversar com o narrador-protagonista. Essa conversa é intermediada pela repetição do verbo dizer. “Diz que é roqueiro. Diz que o pai faz parte de uma facção criminosa. Diz que não fala com o pai. Diz muitas outras coisas, mas sempre quer puxar algum assunto e me chama de piá.” (AL’HANATI, 2019, p.43-44)

O caminhar do vendedor de abacaxis é ainda uma maneira de dar voz às relações entre os colegas urbanos de mesmos espaços. O vendedor de abacaxi representa aqueles que perambulam pelas ruas da cidade vendendo mercadorias. Aqueles que fazem de um carrinho de mão ou de uma sacola uma loja.

O vendedor de abacaxi não diz quando vem, nem quando não vem. Simplesmente aparece, e eu não sei se é por vontade própria ou condições externas a ele. Vai saber, Deus que sabe. [...] Mas talvez seja só eu mesmo, preocupado com o amigo da rua que não vem nos dias cinzentos. Hoje ele não veio. Quem sabe



amanhã. (AL'HANATI, 2019, p.45)

Na crônica *O terrível bar de portinha*, o capitalismo está nas ruas e é explicado em poucas palavras:

Dentre todos os exploradores do capitalismo, o que mais se destaca, com uma larga vantagem sobre os demais, é o dono de bar de portinha. Você conhece o bar de portinha: aquele cubículo de vinte metros quadrados em que um caixa e dois tiradores de chope trabalham num ritmo de *sweatshop* para abastecer uma calçada abarrotada de jovens sedentos, espremidos e em pé. (AL'HANATI, 2019, p.77)

O termo em inglês *sweatshop* surgiu nos Estados Unidos entre 1830 e 1850 no contexto da Revolução Comercial para se referir às fábricas que exploravam seus trabalhadores por meio de salários muito baixos, longas jornadas e condições precárias. O cronista traz esse termo para afirmar a condição dos funcionários. “O bar de portinha mantém um negócio lucrativo com um pequeno painel de senhas, copos de plástico e duas caixas de som tocando uma playlist genérica de um plano gratuito do Spotify [...]” (AL'HANATI, 2019, p.77)

Al'Hanati vai constituindo seu texto demonstrando o que os jovens suportam: vento gelado, dor nas pernas, cheiro de cigarro. Apesar disso, a intenção é mostrar que o bar de portinha é um lugar descolado para jovens e, talvez, para aqueles que temem não serem mais jovens. “[...] o hip-hop melódico que ressoa das caixinhas alimentam o espírito de quem teme a velhice e foge da ideia de ter uma conversa civilizada, em voz baixa, sentado em uma mesa confortável.” (AL'HANATI, 2019, p.78)

Porque é justamente assim que o protagonista se reconhece. “[...] meu reino é por uma poltrona acolchoada e uma boa garrafa de vinho. Pelo menos um coquetel bem-feito, vá.” (AL'HANATI, 2019, p.79)

Nesta crônica, ainda há outra estratégia narrativa que o cronista adota: a metaficção, ou a ficção que narra sobre ela mesma. “Mas hoje, diante do frio desta noite em que escrevo, deste cansaço acumulado pelos anos, [...]” (AL'HANATI, 2019, p.78)

Na crônica, *ScheiBe*, termo em alemão que significa “disco”, reverencia uma música homônima, composta pela cantora Lady Gaga. A música discorre sobre as dificuldades de se pronunciar palavras neste idioma. Na crônica *ScheiBe*, a Universidade Federal do Paraná é o lugar para uma situação inusitada: “Logo que entrei na faculdade, quis aprender uma quarta língua, para além do inglês e do espanhol [...] Lá fui eu fazer a inscrição para o curso de alemão do Celin, o centro de línguas da Universidade Federal do Paraná, subsidiado para baratear os custos de semestralidade.” (AL'HANATI, 2019, p.105)

Candidatos ao Celin eram inúmeros e a organização precária, o que demandava horas na fila. “[...] a maior virtude do pleiteante do Celin era sua capacidade de esperar em uma fila, que começaria a ser atendida às oito da manhã.” (AL'HANATI, 2019, p.105)

A crônica descreve os percalços que vivenciam os candidatos, mas há algo de irreverente que está nos detalhes: a espera na fila, a iminência do fechamento do guichê, o desperdício das três horas passadas à espera e as privações de quem fica feito uma estátua aparecem em contraponto à solução que o narrador traz para o leitor. “Um desistente com uma senha mais adiantada só pode ser sinal de boa sorte! “Milagre! A senha estava algumas dezenas mais próximas do que a minha. Seria atendido perto do encerramento da manhã, mas conseguiria ser atendido. Vibrei de emoção por dentro, palavras não expressariam minha gratidão.” (AL'HANATI, 2019, p.106)

O baque, todavia, viria minutos depois, quando o protagonista descobre que a fila era para outro idioma, era para estudar francês. “*ScheiBe!* Francês, uma língua nojenta, falada naqueles filmes horríveis por aquelas pessoas igualmente horríveis. Nada da beleza rústica do alemão, nada daquelas palavras tão úteis para a filosofia [...]” (AL'HANATI, 2019, p.107)

Ao leitor, resta saber o porquê do protagonista querer estudar alemão: queria ter acesso aos mestres da filosofia. No entanto, para uma manhã perdida ao sol, o protagonista não perde a oportunidade. “Nada desviará minha biografia jamais escrita da vez em que estudei quatro anos de francês por não querer pegar duas vezes a mesma maldita fila.” (AL'HANATI, 2019, p.107)



Um cronista, outras ruas, outras cidades

Na crônica *Natal na fazenda*, o narrador-protagonista faz um *mea culpa* diante de sua situação familiar. “É Natal na fazenda. Nada de muito diferente na cena cotidiana, as famílias felizes são todas iguais, já dizia o conde. [...] Eu pertencço ao ramo mais desgarrado da família e, desse ramo, sou meramente agregado.” (AL’HANATI, 2019, p.97)

A cena criada pelo cronista revela a celebração do Natal em uma fazenda. O ambiente é revelado pela sequência de tipos de alimentos. “Alguém mata um leitão e recheia com tutu. [...] Garrafas pet com cerveja caseira, vinho e suco resultante da colheita do ano são colocadas por cima de uma tábua de cinco metros [...]” (AL’HANATI, 2019, p.97)

A construção da família se dá pelas descrições dos membros, de suas feições e personalidades. “Os homens são calados. Respondem ao que lhe (*sic*) falam, mas guardam em si a dureza da carne que habita o campo. [...] A matriarca da família, último elo com a geração de pioneiros que se instalou na terra, anda devagar com a ajuda de um carrinho de supermercado pela casa.” (AL’HANATI, 2019, p.98)

O estranhamento se faz na oposição de percepções que o narrador desenha ao longo do texto, comparando-se o primeiro e o último parágrafo. Se, no início, o narrador se revela apenas um agregado à família, ao final, ele se reconhece diferente. Essa contraposição de opinião é um recurso utilizado de forma recorrente por Al’Hanati e está relacionada aos finais surpreendentes para o leitor. “Por isso bebo, como, rio, aceito as piadas que fazem sobre minhas roupas e meu estilo citadino. Eis a parte que me cabe. A cada um o seu: sou da família.” (AL’HANATI, 2019, p.99)

Freud, o pai da psicanálise, explorou essa ligação tão importante entre os familiares: “O amor que fundou a família continua ativo na civilização [...] Chama-se ‘amor’ a relação entre homem e mulher, que fundam uma família [...]; mas também são amor os sentimentos positivos entre pais e filhos, entre irmãos numa família, embora tenhamos que descrever tal relação como amor inibido em sua meta, como ternura.” (FREUD, 2010, p.65-67)

Na crônica *Quando eu era inferno*, o leitor é deslocado para as ruas do Rio de Janeiro, em pleno carnaval. “Figura suburbana

simbólica do carnaval carioca esmagada pela nacionalização da data, o bate-bola, também chamado de Clóvis em algumas regiões do estado do Rio, era um bicho-papão possível e real da infância. [...] Correr do bate-bola foi meu primeiro hábito paranoico bem fundado.” (AL’HANATI, 2019, p.101)

Em *Quando eu era inferno*, o tema principal é a revisita à infância carioca do autor. As reflexões são organizadas enquanto o narrador descreve o caminhar de um cortejo carnavalesco. A caracterização da personagem *Bate-Bola* corre paralelamente à tendência humana à maldade. “A índole do bate-bola haveria de ser má, eu acreditava. A personificação de forças escuras, que excitavam ao olhar de relance precedido da correria pela vida que acelerava o coração. [...] Eu era inferno, era um engenho da escuridão e daquilo que se diverte em meio ao medo.” (AL’HANATI, 2019, p.102)

Na crônica *A velha pele*, a revisita é por lugares do passado. As impressões sobre ele geram uma nostalgia no protagonista. “A cronista Marleth Silva disse uma vez que mudar de cidade é como trocar de pele. [...] Do mesmo modo, voltar à cidade que um dia foi tão familiar quanto a própria vida causa um efeito contrário: experimentamos uma roupa que não cresceu como nós.” (AL’HANATI, 2019, p.113)

Há o deslocamento de identidade de quem retorna ao passado. É um caminhar cambaleante. “Volto a visitar as ruas da cidade de onde morei rezando com toda a fé de que disponho para que Heráclito ainda faça sentido. Que Deus não me permita ser o mesmo me banhando nesse rio pela segunda vez.” (AL’HANATI, 2019, p.114)

Heráclito de Éfeso foi um dos principais filósofos da Antiguidade pré-socrática. É neste filósofo que o cronista busca contrapor o dilema do narrador. Não é possível entrar duas vezes no mesmo rio. A contraposição é que a água do rio não é a mesma em tempos diferentes, mas o narrador espera que ele mesmo seja outro quando adentrar a cidade onde viveu. A crônica remete a um passado que não ficou bem resolvido, vai daí a reflexão que o narrador comenta. “Difícil ser turista na própria cidade, mais difícil ainda na cidade onde já morou. Tudo crava referência no passado.” (AL’HANATI, 2019, p.114)

O uso do verbo “cravar” representa o quão profunda e dolorida pode ser uma



regressão, caminhar pelo chão que se abandonou outrora. Mas, o narrador traz um alento sobre suas mudanças internas. “Antes revisitar o nó da estagnação do que perder a referência de vez. Essa rua já foi minha.” (AL’HANATI, 2019, p.114)

Um tipo especial de caminhante

Na crônica *A impossibilidade do flâneur moderno*, o cronista evidencia as dificuldades de ser um *flâneur* na modernidade.

A ideia do *flâneur* tem início na obra de Walter Benjamin (1892-1940) *Das Passagen-Werk*, cujo título em língua portuguesa é *Passagens*. Nesse livro, que esboça uma filosofia material do século XIX, Benjamin ocupou treze anos de sua vida, entre 1927 e 1940, ano de sua morte. A constituição de uma personagem como o *flâneur* se insere nas mudanças decorrentes do aumento vertiginoso da população e da urbanização das cidades europeias a partir da metade do século XIX, especialmente em Paris. Pelas mãos do engenheiro George Eugène Haussmann (1809-1891), a pedido de Napoleão III, a “cidade-luz” se transforma em um novo espaço urbanizado. “Várias cidades europeias, na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, vão passar por reorganização de seu espaço. Especialmente na França, a urbanística desempenha importante papel neste novo ciclo de reformas.” (MENEZES, 2004, p.6)

Benjamin, em suas reflexões sobre a obra do poeta francês Charles Baudelaire, apresenta a figura do *flanêur* como um observador dos habitantes da cidade. Dessa observação dos transeuntes em suas atividades cotidianas e de seu olhar sobre a multidão, criou-se a *flanêurie* como um ato de reflexão sobre o contexto urbano. O andarilho de Benjamin, o *flâneur*, não apenas atravessa a cidade, mas a contempla, a absorve. Ele salienta o indivíduo do século XIX nesse novo *status* urbano.

Paris criou o tipo do *flâneur*. É estranho que não tenha sido Roma. Qual é a razão? Na própria Roma, o sonho não percorreria ruas pré-traçadas? E não está aquela cidade demasiadamente saturada de templos, praças cercadas e santuários nacionais, para poder entrar inteira no sonho do transeunte, com cada paralelepípedo, cada tabuleta de

loja, cada degrau e cada portão? É possível explicá-lo em parte também pelo caráter nacional dos italianos. Pois não foram os forasteiros, mas eles, os próprios parisienses, que fizeram de Paris a terra prometida do *flâneur*, a ‘paisagem construída de pura vida’, como Hofmannschal certa vez a chamou. Paisagem - é nisto que a cidade de fato se transforma para o *flâneur*. Ou mais precisamente: para ele, a cidade cinde-se em seus pólos dialéticos. Abre-se para ele como paisagem e fecha-se em torno dele como quarto. (BENJAMIN, 2009, p.450)

Para o escritor carioca João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho (1881-1921), cujo pseudônimo era João do Rio, ser *flâneur* é:

[...] ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flâneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. (RIO, 1997, p.2-3)

Edgar Allan Poe explorou essa massa urbana de Londres, revolucionada pela industrialização, e a figura do *flâneur* como protagonista em *The Man of the Crowd* (1840), em língua portuguesa é *O Homem da Multidão* (1999).

Na crônica *A impossibilidade do flâneur moderno*, as cidades não comportam mais um caminhante excêntrico.

Eis o que queria comentar: o excesso de segurança pública mata a possibilidade do *flâneur* moderno. Esqueça o shopping center e se concentre numa utopia civilizacional digna dos sonhos mais umectantes de um terceiro mundista como é, digamos, o centro de Copenhagen ou Estocolmo. Zero assalto a mão armada acontecendo, nada de



furtos, assédios, nada.”
(AL'HANATI, 2019, p.110)

Com certa ironia, o narrador levanta outras explicações sobre a impossibilidade de caminhar pela cidade feito um *flâneur*. As novas tecnologias, o telefone celular, principalmente, capta a atenção do transeunte e a cidade fica esquecida. “O que fazem essas criaturinhas libertas? Teclam enquanto andam, sobem os olhares apenas para se certificar de que não estão prestes a bater em um poste e voltam para suas vidinhas virtuais tão mais interessantes e felizes.” (AL'HANATI, 2019, p.110)

O narrador alude ao criador da personagem *flâneur*, Walter Benjamin. Não há espaço para a contemplação na atualidade, para esse caminhante moderno que atravessa a cidade. E, conforme estratégia do cronista, no parágrafo final, há uma oposição de ideias. Há, sim, espaço para outro tipo de *flâneur*. “Estamos, sim, senhores, conectados à nossa realidade, reocupando as esferas do mundo, objetificando o universo, observando tudo de dentro, o triunfo do medo como reencantamento do universo. Parecemos flâneurs, mas estamos assustados.” (AL'HANATI, 2019, p.111)

Na crônica *A Vida dos outros*, aparece uma espécie inusitada de caminhante, é o andarilho digital. Com as redes sociais, tornou-se possível caminhar, sem tirar os pés do lugar. Os olhos fazem todo o trabalho. Nesta crônica, o narrador-personagem vai “acompanhando” o churrasco; a casa do amigo virtual; vai ao show da banda Ira ou para o barzinho. Ele acompanha o passo a passo da rotina de um colega e até torce junto pelo Brasil na Copa do Mundo.

Essa percepção de um *flâneur* moderno que observa de dentro, que não caminha, mas “surfa” na rede, é a expressão do caminhar pela vida alheia, quase uma atitude *voyeur* que as redes sociais criaram. Não é mais necessário sair de casa. As vidas ficam expostas aguardando um olhar de inveja ou um *click* contabilizável. Em vez de pés, são os dois olhos atrás da tela do computador ou do celular. Seria possível isso? Caminhar com os olhos?

Um Facebook permite uma imersão muito maior na intimidade da vida alheia do que um episódio

entreouvido ou entrevistado em uma padaria ou restaurante, mesmo que alguém aponte a dubiedade do recorte autopromovido por quem posta fotos felizes e programas interessantes para o julgamento do público. Toma-se uma convivência involuntária com gente semiconhecida que não deixa outra posição a cada uma das partes a não ser a do voyeur accidental. (AL'HANATI, 2019, p.31)

Segundo o filósofo contemporâneo, Byung-chul Han, “A alegria que se encontra nas redes sociais de relacionamento tem sobretudo a função de elevar o sentimento próprio narcísico.” (HAN, 2017, p. 93)

E é o narcisismo do outro que fissa o narcisismo do narrador que faz uma crítica às relações de amizade muito mais descortinadas nas redes sociais e menos interativas no presencial. Essa também é a vida do andarilho digital que acompanha a rotina de um amigo por meio das fotos do Facebook, apesar de trabalharem próximos, fisicamente. “Pelo que sei desse peep-show³ cibernético, ele mora na região metropolitana de Curitiba, é casado e completamente apaixonado por sua esposa.” (AL'HANATI, 2019, p.32)

Há muitas ironias nessa crônica: existe um colega presencial e outro virtual. E o próprio narrador é irônico consigo mesmo. “Sei de muita gente que não suporta a felicidade alheia, mas o caso não se aplica a mim.” (AL'HANATI, 2019, p. 32)

A modernidade vem com dados, memórias, fotos e legendas. “Suas fotos têm legendas empolgadas em quase todas as vezes: muitas exclamações para estrear a pequena churrasqueira nova, ou para o luxo da cerveja artesanal que se permite de tempos em tempos.” (AL'HANATI, 2019, p.32)

A crítica é explícita, o que permite ao leitor depreender que há sorrisos demais e uma certa falta de sinceridade, na exposição das vidas virtuais. “Mesmo os colegas de trabalho que compartilham com ele a rotina de vendedor itinerante estão sempre sorrindo e bem-dispostos, crachá na gola da camisa social e o

³ *Peep Show* foi uma série britânica cômica que fez grande sucesso entre os anos de 2005 a 2015. A série esteve primeiro na internet e só após seu sucesso de público foi para a televisão. Disponível

em: <<https://www.channel4.com/programmes/peep-show>>. Acesso em: 05 jul 2021.



jeito rocker⁴ nas costeletas e na barba.” (AL'HANATI, 2019, p.32-33)

As redes sociais refletem um *flâneur* possível em um mundo digitalizado. Não há como deixar de perceber que o narrador considera os colegas de trabalho citados uma espécie de camaleões perfeitos para a modernidade.

Outras ruas, outras cidades de países distantes

O viajante, o caminhante, o andarilho, o nômade são inevitavelmente expostos a experiências e a desafios. Ao adentrar o espaço inusual, todos são impregnados pelo contato com o diferente.

De acordo com Erich J. LEED, citado por CARERI (2013.p.46), a raiz indo-europeia da palavra experiência é *per*, que foi interpretada como tentar, pôr à prova, arriscar, conotações que perduram na palavra perigo.

Viajar é pôr-se à prova, arriscar, sair da zona de conforto, é enfrentar o perigo.

E Al'Hanati traz ao leitor algumas viagens, não a viagem do turista por cidades carimbadas, mas viagens a lugares “pouco óbvios”, um momento para trazer revelações de suas impressões sobre novas culturas e comportamentos humanos.

Joanesburgo, Moscou, Albânia, Letônia, Sérvia, Budapeste ou Istambul são para o cronista oportunidades de mostrar os habitantes locais, a língua local, os costumes e hábitos, às vezes, engraçados; às vezes, temerários. Um passeio pelo mundo alheio tem um efeito marcante para aqueles que observam com os olhos da alma. “A história das origens da humanidade é uma história do caminhar, é uma história de migrações dos povos e de intercâmbios culturais e religiosos ocorridos ao longo de trajetos intercontinentais.” (CARERI, 2013, p.44)

Todavia, o *flâneur* não é necessariamente uma personagem de Benjamin, mas um estilo de enxergar a cidade, de dar atenção ao contorno social. Na crônica *Janela para o real*, o *flâneur* é um etnógrafo, um estudioso das etnias e de suas características antropológicas, sociais, históricas. Essa nova dimensão de observação está no início do texto: “Quando viajamos para outro lugar – e esse lugar não é a Rússia, com seus quartos

herméticos -, ganhamos uma janela. É por ela que podemos observar, retirados, a vida que acontece na cidade que não é nossa. É diferente de ver o que acontece durante um passeio por suas ruas.” (AL'HANATI, 2019, p.141)

O cronista descreve o espaço da cidade que vê por uma janela. “Cientista quântico da vida, o que espia pela janela observa sem ser um observador. Penso nisso enquanto vejo a rua Anderson deserta pela minha janela de Joanesburgo.” (AL'HANATI, 2019, p.141)

A cidade real, à noite, tem outra face que é registrada pelo taxista que transporta o protagonista: “Evite andar pela cidade a pé. Evite andar pela cidade. Evite andar. Evite a cidade.” (AL'HANATI, 2019, p.142)

A cidade de Joanesburgo não é segura à noite, resta ao protagonista a janela. “Joanesburgo carece de seus cronistas noturnos porque todos se enfurnam evitando a potencial violência.” (AL'HANATI, 2019, p.143)

Na crônica *Mar com sonhos de rio*, o espaço é uma espécie de “personagem”. Bósforo é mar com sonhos de rio, pois é um estreito na Turquia que liga o mar Negro ao mar de Mármara, demarcando uma fronteira entre os continentes asiático e europeu. O estreito de Bósforo é uma porção de mar, com a lentidão e o recorte visual de um rio dentro da cidade de Istambul. Aliás, esse “rio-mar” corta a única cidade do mundo a se localizar entre dois continentes diferentes. “[...] das montanhas arenosas esculpidas da Capadócia às piscinas calcárias de Pamukkale -, mas o Bósforo permanece como um totem misterioso e tão cheio de poder que é capaz de separar não apenas mares, mas culturas e continentes inteiros, tão heterogêneos e longínquos quanto a imaginação é capaz de compreender.” (AL'HANATI, 2019, p.115)

A temática da crônica é a oportunidade para discutir as margens do Bósforo que separam culturas e expõem as verdadeiras fronteiras entre os homens:

De um lado de suas margens, toda a cultura ocidental, a cristianização perene, os valores exacerbadamente humanistas, a democracia que atropela a si própria e o ceticismo devoto, signos sob os quais nos explodimos em guerras de cifras. Do outro, o oriente, a suspensão

⁴ Rocker significa roqueiro em inglês.



de toda a descrença, a reconexão com as forças da natureza, os dogmas que trotam por cima de vidas humanas e o berço civilizatório em todo o seu esplendor conservado. (AL'HANATI, 2019, p.116)

Ao final da crônica, não há surpresas para o leitor. O narrador traz a conscientização de que as fronteiras são meramente geográficas. “Vizinhos de margens se acenam, se espiam, se amam e se cumprimentam, atravessam um mar para visitar amigos e parentes, passam por cima, ao largo e até por baixo, em vias subterrâneas de metrô.” (AL'HANATI, 2019, p.116-117)

Na crônica *Santa Milena*, as diferenças culturais, a postura política de uma nação pode ocupar o cronista para além de um flerte inconsequente. “Conheci Milena em um dia quente em Tirana. [...] Quis saber sobre seu pai e ela respondeu com a maior naturalidade que ele era chefe do serviço secreto albanês. Perguntei, não sem uma pequena tensão na voz, se ele estava nos vigiando naquele momento.” (AL'HANATI, 2019, p.119-120)

Em *Santa Milena*, há uma tensão pelas diferenças culturais. Mas o caminhante desfruta da cidade. “Eu e Pat, minha companheira de viagem, passávamos os dias explorando Tirana e seus arredores, com suas florestas e seus castelos nas montanhas, e à noite me encontrava com Milena.” (AL'HANATI, 2019, p.120)

A culinária aparece pela primeira vez nas crônicas de viagem. “Em uma noite dessas noites, jantamos uma bela caçarola de *tavë kosi*, um prato camponês que hoje é o meu favorito da culinária albanesa: pedaços de cordeiro imersos em arroz ao molho de iogurte, gratinados ao forno.” (AL'HANATI, 2019, p. 120)

Na crônica *Atatürk*, o tema é o encantado mundo dos aeroportos. “A primeira paixão de aeroporto foi o Schipol, em Amsterdã, com suas formas lógicas e placas amarelas sobre as quais, felizmente, não preciso me alongar, já que Alain de Botton se deu ao trabalho em *A arte de viajar*. Quero falar da segunda vez que caí de amores por um aeroporto. Foi pelo Atatürk, de Istambul.” (AL'HANATI, 2019, p.123)

Entre os motivos para essa paixão estão a vida pulsante do lugar, a sensação de estar no centro do mundo e a junção de povos diferentes, uma fauna estravagante. Os coletivos são usados para caracterizar os transeuntes dos

aeroportos. “Australianos com suas papetes e cabelos loiros, indianos com seus topetes e bigodes sobre a pele marrom-escura, africanos de todas as etnias com suas batas coloridas, americanos idosos, jovens coreanos, cardumes de chineses, manadas de turcos, matilhas de italianos, cáfilas marroquinas.” (AL'HANATI, 2019, p. 124)

Nos aeroportos há corredores e portões lotados, diferentes línguas, diferentes vestimentas, malas, utensílios. Seres que não marcaram encontro, mas estão juntos. “Todo aquele som, toda aquela gente, um turbilhão que se encontra e se despede tão facilmente quanto a decolagem de um Boeing.” (AL'HANATI, 2019, p. 125)

Encontros e desencontros ocorrem ainda em *A hospitalidade sérvia*. “[...] eu estava em Budapeste em um dia modorrento e descobri um serviço de transferência chamado Geo Tours.” (AL'HANATI, 2019, p. 127)

As perambulações que o narrador faz pela Sérvia destacam um pouco da história do país – cita o massacre de Srebrenica – e as personalidades que não deixaram saudades no povo, como o ex-presidente Slobodan Milosevic. No massacre de Srebrenica, morreram 8.373 bósnios muçulmanos. Uma trágica estatística que também marca as crônicas do autor: um ecletismo de conteúdo, descobertas, nomes, enfim, Al'Hanati é um cidadão caminhante de um mundo observável além dos pontos turísticos, como se vê na descrição do motorista da van da Geo Tours:

[...] um sujeito careca, mal-encarado, com um brinco de argola e moletom cinza e roxo da Adidas falando em um inglês horroroso: “Geo Tours? My name Vlad. Come, come, no problem”. Algum assustado que só sabe sentir cheiro de roubada teria dado meia-volta e fingido que o lance não era com ele, mas não dá para viajar como eu viajo – quase sem dinheiro e contando com a hospitalidade de estranhos – tomando susto toda hora. Sinto decepcionar quem esperava o pior: Vlad era um cara legal, e conversamos sobre a estrada e sobre a época da guerra, [...] (AL'HANATI, 2019, p.129)

O passeio que faz até Belgrado, apesar da ansiedade e da desconfiança, transcorre bem e o protagonista chega ao destino são e salvo.



No entanto, há novamente a conversa com o leitor, como estratégia de engajamento. “Passado o clima desnecessário de terror adolescente que tentei criar nos parágrafos acima, um resumo: Alessandar me esperava com roupas de cama limpas e vários cobertores [...]” (AL’HANATI, 2019, p. 129)

A quebra de expectativa fica por conta do medo que o narrador joga para o leitor e depois desfaz. “Devo ter dado sorte, porque ouvi a advertência, mas não computei. Deixei parte do meu coração na Sérvia com essa minoria pós-graduada na hospitalidade pós-guerra.” (AL’HANATI, 2019, p. 130)

A hospitalidade, ou como são recebidos e percebidos os estrangeiros na Rússia, é assunto da crônica *A hospitalidade russa*. Um viajante atrevido sente-se deslocado na Rússia. “Nada é tão simples na Rússia. Seus códigos cifrados, sua carnavalização sisuda e suas indiferenças a valores caros ao resto do mundo são efeitos da complexidade da alma eslava.” (AL’HANATI, 2019, p. 131)

Ao ser hospedado por um tal *Boris*, cabeça raspada e águia na fivela do cinto, pergunta-se: isso faria dele um neonazista? Assim, descrevendo a figura do anfitrião russo, o cronista cria angústia no leitor, mas de forma irreverente e como em outras vezes, Al’Hanati desfaz o que chama de estranhamento inicial, na medida em que tenta desvendar a cultura do outro país e convida o leitor para fazer o mesmo. Julgamentos tardios são os melhores. “Assim é Boris. Em um momento, discursa a favor da cultura e debate longamente com seus amigos ainda mais obtusos que afirmam que livros são o ópio de países atrasados. Em outro, destila ódio por chechenos e caucasianos. A ele, só importam os russos e a Rússia.” (AL’HANATI, 2019, p. 133)

Cultura, clima, religião, modo de vida tão distante do jeito de ser brasileiro... O cronista descarrega valores de cada país que visita, no comportamento de seus anfitriões e amigos. “Boris não é uma pessoa fácil, e parece mais fácil condená-lo de uma vez do que tentar entender sua personalidade.” (AL’HANATI, 2019, p. 133)

A Rússia está em mais uma crônica: *A briga dos dois Nikolais*. Aqui o leitor se depara com alguns escritores russos de fama universal:

Tolstói passou a ser um escritor de universalidades a partir de sua preocupação com as desigualdades sociais; Górkí, de

burguês da geração de prata, emergiu como verdadeiro representante de seu povo durante a época de Stalin; Solzhenitsyn, com seus diários do gulag, se tornou a voz da resistência contra a opressão soviética; [...] (AL’HANATI, 2019, p. 135)

O cronista aproxima o leitor de inúmeros nomes de russos e suas contribuições para o mundo literário-filosófico. O leitor precisa pesquisar, aproximar-se da cultura. Essa é uma experiência comum na escrita do autor.

Todavia, há outras preocupações que fogem à ambientação do leitor à cultura russa: a estátua de Nikolai Gógol, autor de *O capote*. “Em Moscou, duas estátuas do escritor Nikolai Gógol contam a história por si só. O escultor Nikolai Andreiev foi responsável por fazer o monumento que seria inaugurado no Boulevard Gogolevsky em 1909, [...]” (AL’HANATI, 2019, p. 135)

No entanto, Nikolai Andreiev retrata a realidade vivida por Gógol, a decadência, o tronco curvado, faminto, doente e coberto com um longo capote. Assim, um novo monumento em homenagem ao escritor russo foi erigido no lugar do antigo, desta vez no centenário de morte do autor. “A criação de Andreiev foi relocada no Boulevard Nikitsky, no pátio da casa em que Gógol viveu seus últimos dias [...] A nova estátua, feita por um terceiro Nikolai – o soviético Nikolai Tomsy – , mostra o escritor ereto, de ar heroico, com um livro na mão e vestimenta impecável.” (AL’HANATI, 2019, p. 136)

Ao final da crônica, o narrador apresenta ao leitor a real importância de Gógol. Ele é reconhecido. “A estátua antiga ainda mostra a face real do autor e dispensa apresentações. Em sua base, não há inscrição a não ser uma palavra, que, para qualquer amante da literatura, há de bastar: Gógol.” (AL’HANATI, 2019, p. 136)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminhar é uma experiência que se faz pelas cidades e por seus arredores. Nas crônicas analisadas no livro *Bula para uma vida inadequada*, existe a ideia do observador como alguém que delinea os espaços e os seres que nele habitam.



A abundância de temas, alguns triviais e outros distantes do cidadão comum, fazem com que o leitor não só leia, mas aprenda sobre assuntos diferentes.

Todas as crônicas trabalhadas possuem um narrador-protagonista em primeira pessoa, ou conforme Genette, um narrador homodiegético. Os textos apresentam um vínculo com histórias de fatos reais da vida do autor.

Assim como há um vínculo explícito entre os títulos e o conteúdo dos textos. O início de cada crônica é marcado por uma contextualização ou um modo de situar o leitor no tempo, no espaço e no assunto.

O cronista traz para o leitor uma infinidade de citações: filmes, bandas de rock, artistas de cinema ou da música, escritores, cidades, autores clássicos ou atuais, teorias etc.

Há no parágrafo final um resgate que sintetiza ou dá um fechamento inusitado.

No texto de Yuri Al'Hanati, há evidências de inadequação à multidão; isolamento e busca por solidão e reflexão; a predileção pelo silêncio; o foco em tipos inadequados; o estranhamento; a inadequação aos relacionamentos amorosos e à convivência cotidiana com a família.

4. REFERÊNCIAS

AL'HANATI, Yuri. *Bula para uma vida inadequada*. Porto Alegre: Dublinense, 2019.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Tradução do alemão Irene Aron; tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, São Paulo Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CARERI, F. *Walkscapes, o caminhar como prática estética*. 1. ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outras*. [1930-1936]. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2010.

HAN, B. *Sociedade do Cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

LA CECLA, FRANCO. *Perder-se*. In: CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Tradução Frederico Bonaldo. São Paulo: G.Gili, 2013. p. 48.

LEED, Erich J. *Viagem, experiência, perigo, percurso*. In: CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Tradução Frederico Bonaldo. São Paulo: G.Gili, 2013. p. 46.

MENEZES, M.A. de. *Um Flâneur Perdido na Metrópole do Século XIX: História e Literatura em Baudelaire*. Disponível em: <<http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Marcosantoniodemenezes.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MOISÉS, M. *A criação literária*. 13.ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

POE, E. A. *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. 3. ed. São Paulo: Globo, 1999.

RIO, J. do. *A alma encantadora das ruas*. Org. Raúl Antelo. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 1997.

SANTOS, M. *A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 4.ed. 2.reimpr. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SIMMEL, Georg. *Die Großstädte und das Geistesleben*. In: SIMMEL, Georg. *Gesamtausgabe*. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131. Tradução de Leopoldo Waizbort.

THOREAU, H.D. *Caminhando*. Tradução de Roberto Muggiati. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.